

ÉDIO JOÃO MARIANI

Curso de História
24/95

**GRUPOS DE JOVENS NA ESCOLA:
UM ESTUDO DA PASTORAL DA
JUVENTUDE ESTUDANTIL**

UNESP – Marília

1998



SVE

CLASS: 253
233g
TOMBO: fin 9/3

ÉDIO JOÃO MARIANI

1.913

**GRUPOS DE JOVENS NA ESCOLA:
UM ESTUDO DA PASTORAL DA JUVENTUDE ESTUDANTIL**

Dissertação apresentada à
Faculdade de Filosofia e
Ciências da Universidade
Estadual Paulista, Campus de
Marília, para a obtenção do
título de Mestre em Educação
(Área de Concentração:
Ensino na Educação
Brasileira).



ORIENTADOR: PROF. DR. TULLO VIGEVANI
UNESP/MARÍLIA
1998

SVE

CLASS: 253

7 333g

TOMBO: *tax* 9/3

ÉDIO JOÃO MARIANI

**GRUPOS DE JOVENS NA ESCOLA:
UM ESTUDO DA PASTORAL DA JUVENTUDE ESTUDANTIL**

t. 913

Dissertação apresentada à
Faculdade de Filosofia e
Ciências da Universidade
Estadual Paulista, Campus de
Marília, para a obtenção do
título de Mestre em Educação
(Área de Concentração:
Ensino na Educação
Brasileira).



1410000913



**ORIENTADOR: PROF. DR. TULLO VIGEVANI
UNESP/MARÍLIA
1998**



AGRADECIMENTOS

- Ao Professor Dr. Tullo Vigevani, pela sua amizade, apoio e orientação decisiva para a realização deste trabalho.
- Ao Colégio Cristo Rei e aos Irmãos do Sagrado Coração.
- À Professora Maria Derci da Silva Nóbrega.
- Aos amigos da PJE espalhados pelo Brasil.
- Aos companheiros gaúchos: Olavo, Álvaro, Leandro, Enequina, Hilário, Alex...
- Ao CNPq pela concessão da bolsa de estudos em 1997 e 1998.
- **À minha esposa Mirtes e ao filho que está chegando.**
Aos meus pais e familiares, em especial ao avô Antônio.
Dr. Antônio Geraldo de Aguiar.
- A todos que, de alguma forma, estimularam e contribuíram na trajetória percorrida.

AGRADECIMENTOS

- Ao Professor Dr. Tullo Vigevani, pela sua amizade, apoio e orientação decisiva para a realização deste trabalho.
- Ao Colégio Cristo Rei e aos Irmãos do Sagrado Coração.
- À Professora Maria Derci da Silva Nóbrega.
- Aos amigos da PJE espalhados pelo Brasil.
- Aos companheiros gaúchos: Olavo, Álvaro, Leandro, Enedina, Hilário, Alex...
- Ao CNPq pela concessão da bolsa de estudos em 1997 e 1998.
- A banca examinadora e orientadora na Qualificação e na Defesa da Dissertação - Prof. Dr. Luiz Eduardo Wanderley e Dr. Antônio Geraldo de Aguiar.
- A todos que, de alguma forma, estimularam e contribuíram na trajetória percorrida.

MARIANI, Édio João. *Grupos de jovens na escola: um estudo da Pastoral da Juventude Estudantil*. Marília, 1998. 144p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília, 1998. Universidade Estadual Paulista - UNESP.

RESUMO

Ver por que a Pastoral da Juventude Estudantil não tem uma inserção/participação mais ativa na sociedade, escola e igreja. Este é o problema central desse trabalho. O primeiro capítulo apresenta primeiramente o contexto histórico, onde é analisada a situação na época do surgimento da Ação Católica no mundo e no Brasil; traz também as características gerais da Ação Católica Geral, da AC Especializada e da JEC, bem como as suas principais contribuições para as pastorais atuais da igreja. Também é colocado o papel significativo dos Movimentos de Encontro, o surgimento da Pastoral da Juventude Orgânica, da PJ dos meios específicos até chegar ao histórico da Pastoral da Juventude Estudantil. Na segunda parte, está o contexto atual, em que estão presentes as relações e conjuntura da realidade da sociedade atual, discutindo e apresentando questões como a educação e a Qualidade Total, Igreja e educação e a realidade da juventude hoje. O segundo capítulo inicia apresentando a relação entre a educação católica e as pastorais frente aos desafios atuais, descreve os objetivos e princípios da PJE, sua ação e metodologia. Traz, também, as etapas e fases de um grupo da PJE (nucleação, iniciação e militância), as dimensões da formação integral, os fundamentos teológicos, filosóficos e pedagógicos. Quer dizer, mostra o que é a PJE, sua identidade e seu fundamentos. No terceiro capítulo, é apresentada a proposta feita em cima do objeto e do problema central deste trabalho. A partir da proposta, são discutidos e analisados os principais resultados da PJE em relação à sociedade, escola e igreja, os limites, avanços e necessidades da PJE hoje e sua ajuda na formação da personalidade de seus membros.

QUERO

***Quero viver num mundo em que os seres
sejam somente humanos,
sem outros títulos a não ser este.***

***Quero que a grande maioria,
a única maioria, todos,
possam falar, ler, escutar, florescer.***

***Todos entenderemos.
Progrediremos juntos.
Esta esperança é irrevogável.***

(Pablo Neruda. Confesso que vivi. Difel)

MARIANI, Édio João. *Grupos de jovens na escola: um estudo da Pastoral da Juventude Estudantil*. Marília, 1998. 144p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília, 1998, Universidade Estadual Paulista - UNESP.

RESUMO

Ver por que a Pastoral da Juventude Estudantil não tem uma inserção/participação mais ativa na sociedade, escola e igreja. Este é o problema central desse trabalho. O primeiro capítulo apresenta primeiramente o contexto histórico, onde é analisada a situação na época do surgimento da Ação Católica no mundo e no Brasil; traz também as características gerais da Ação Católica Geral, da AC Especializada e da JEC, bem como as suas principais contribuições para as pastorais atuais da igreja. Também é colocado o papel significativo dos Movimentos de Encontro, o surgimento da Pastoral da Juventude Orgânica, da PJ dos meios específicos até chegar ao histórico da Pastoral da Juventude Estudantil. Na segunda parte, está o contexto atual, em que estão presentes as relações e conjuntura da realidade da sociedade atual, discutindo e apresentando questões como a educação e a Qualidade Total, Igreja e educação e a realidade da juventude hoje. O segundo capítulo inicia apresentando a relação entre a educação católica e as pastorais frente aos desafios atuais, descreve os objetivos e princípios da PJE, sua ação e metodologia. Traz, também, as etapas e fases de um grupo da PJE (nucleação, iniciação e militância), as dimensões da formação integral, os fundamentos teológicos, filosóficos e pedagógicos. Quer dizer, mostra o que é a PJE, sua identidade e seu fundamentos. No terceiro capítulo, é apresentada a pesquisa feita em cima do objeto e do problema central deste trabalho. A partir das entrevistas feitas, é analisada a opinião de militantes e assessores de diversas partes do Brasil sobre a participação, relação e contribuições da PJE à sociedade, escola e igreja; os limites, avanços e necessidades da PJE hoje e sua ajuda na formação da personalidade de cada participante entrevistado. Por fim, são discutidos e analisados os principais resultados obtidos com esta dissertação e pesquisa e também, deixados alguns desafios e aspectos que posteriormente podem ser mais aprofundados.



MARIANI, Édio João. *Grupos de jovens na escola: um estudo da Pastoral da Juventude Estudantil*. Marília, 1998. 144p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília, 1998, Universidade Estadual Paulista - UNESP.

SUMÁRIO

ABSTRACT

Analyse why the Student Youth Pastoral (SYP) doesn't have a more active participation in the society, school and church. This is the main issue of this school. The first chapter presents mainly the historical context, where is analysed the situation by the time of the appearance of the Catholic action in the world and in Brazil. It also brings general characteristics of the General Catholic Action (GCA) of the Specialized CA and the Catholic Student Youth (CSY), as well as their main contribution for the actual church pastoral. It's also presented a significant "role" of the meeting movements, the appearance of the Organic Youth Pastoral, the Youth Pastoral, from the specific means until reaching the historical of the Student Youth Pastoral. In the second section, is the actual context, which presents the relations and the real situation of the actual society, discussing and presenting issues. As education and Total Quality, church and education, and the nowadays Youth reality. The second chapter begins presenting the relation between catholic education and the pastorals facing actual challenges, describes the aims and believes of the SYP, it's action and methodology. It also brings the phases of a SYP group (nucleation, initiation and militarization), the dimensions of the whole formation, the theological, philosophical and pedagogical basis. That means, it shows what SYPP is, its identity and basis. In the third chapter, a research is presented about the object and the central issue of this work. From the interviewees, one analyse the opinion of the militants and assessors from various parts of Brazil about the participation, relation and contribution of the SYP to the society, school and church. The limits, advances and needs of the SYP today and its help in the personality formation of each interviewed participant. Finally, the main obtained results are discussed and analysed in this relatory; and also, some left challenges and aspects that can further be researched.



4 - DIMENSÕES DA FORMAÇÃO INTEGRAL NA PJE.....	98
4.1 - PERSONALIZAÇÃO.....	97
4.2 - INTEGRAÇÃO.....	101
4.3 - CONSCIENTIZAÇÃO POLÍTICA.....	102
4.4 - VIVÊNCIA DA PJE.....	103
4.5 - CAPACITAÇÃO TÉCNICA.....	104
4.6 - SOCIALIZAÇÃO.....	106

CAPÍTULO 3 - RELAÇÃO DA PJE COM A ESCOLA E IGREJA.....	108
--	-----

CONCLUSÃO.....	125
----------------	-----

RESUMO.....	6
-------------	---

ABSTRACT.....	7
---------------	---

SUMÁRIO.....	8
--------------	---

INTRODUÇÃO.....	10
-----------------	----

CAPÍTULO 1 - <u>O CONTEXTO DA PJE</u>	19
---	----

1 - CONTEXTO HISTÓRICO.....	19
-----------------------------	----

1.1 - O CONTEXTO DO SURGIMENTO DA AÇÃO CATÓLICA.....	19
--	----

1.2 - A AÇÃO CATÓLICA NO BRASIL.....	24
--------------------------------------	----

1.2.1 - A AÇÃO CATÓLICA GERAL.....	24
------------------------------------	----

1.2.2 - AÇÃO CATÓLICA ESPECIALIZADA.....	25
--	----

1.2.3 - A JUVENTUDE ESTUDANTIL CATÓLICA.....	28
--	----

1.2.4 - CONTRIBUIÇÕES DA AÇÃO CATÓLICA.....	30
---	----

1.3 - OS MOVIMENTOS DE ENCONTRO.....	35
--------------------------------------	----

1.4 - PASTORAL DA JUVENTUDE ORGÂNICA.....	38
---	----

1.4.1 - PASTORAL DA JUVENTUDE POR MEIOS ESPECÍFICOS.....	40
--	----

1.5 - A PASTORAL DA JUVENTUDE ESTUDANTIL.....	42
---	----

2 - CONTEXTO ATUAL.....	44
-------------------------	----

2.1 - EDUCAÇÃO E QUALIDADE TOTAL.....	45
---------------------------------------	----

2.2 - IGREJA E EDUCAÇÃO.....	52
------------------------------	----

2.3 - REALIDADE DA JUVENTUDE.....	56
-----------------------------------	----

CAPÍTULO 2 - <u>A PJE HOJE</u>	62
--------------------------------------	----

1 - A EDUCAÇÃO CATÓLICA E A PJE FRENTE AOS DESAFIOS ATUAIS.....	62
---	----

2 - REFERENCIAIS TEÓRICOS DA PJE.....	67
---------------------------------------	----

2.1 - FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS.....	68
-----------------------------------	----

2.1.1 - JESUS CRISTO: FORÇA E MODELO DE VIDA.....	68
---	----

2.1.2 - A NOVA PESSOA HUMANA.....	69
-----------------------------------	----

2.1.3 - A NOVA IGREJA.....	71
----------------------------	----

2.1.4 - DIMENSÕES DA TEOLOGIA JOVEM.....	72
--	----

2.2 - FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS.....	73
------------------------------------	----

2.3 - FUNDAMENTOS PEDAGÓGICOS.....	74
------------------------------------	----

3 - ITINERÁRIO DA PJE.....	76
----------------------------	----

3.1 - OBJETIVOS E PRINCÍPIOS DA PJE.....	77
--	----

3.1.1 - A AÇÃO DA PJE.....	81
----------------------------	----

3.1.2 - A METODOLOGIA DA PJE.....	82
-----------------------------------	----

3.2 - ETAPAS E FASES DE UM GRUPO DA PJE.....	85
--	----

3.2.1 - NUCLEAÇÃO.....	85
------------------------	----

3.2.2 - INICIAÇÃO.....	88
------------------------	----

3.2.3 - MILITÂNCIA.....	95
-------------------------	----

4 – DIMENSÕES DA FORMAÇÃO INTEGRAL NA PJE.....	99
4.1 – PERSONALIZAÇÃO	99
4.2 – INTEGRAÇÃO	101
4.3 – CONSCIENTIZAÇÃO POLÍTICA.....	102
4.4 – VIVÊNCIA DA FÉ.....	103
4.5 – CAPACITAÇÃO TÉCNICA	104
4.6 – VOCACIONAL.....	106

CAPÍTULO 3 - RELAÇÃO DA PJE COM A SOCIEDADE, ESCOLA E IGREJA..... 108

CONCLUSÃO..... 125

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 131

ANEXO 1..... 135

O CONTEXTO DA PJE - PESQUISA..... 135

ANEXO 2..... 136

RESPOSTAS DOS ENTREVISTADOS 136

Estamos hoje tão inseridos no contexto e na conjuntura da sociedade capitalista que é difícil entender com profundidade todos os aspectos de sua estrutura. É uma sociedade cheia de contradições, caracterizada por uma estrutura que gera morte e opressão, sufocando e oprimindo a maioria da população. Não nos dá as mínimas condições de sobrevivência e de dignidade como seres humanos.

Desde muito cedo estive envolvido por pessoas e grupos que buscavam construir uma alternativa para essa sociedade que aí está. Eram meus pais e irmãos com o sindicalismo rural, com a construção de hospital comunitário, participando das CEBs, meus primos no Movimento dos Sem Terra e assim por diante. Por isso, há mais de duas décadas tenho a certeza de que preciso dar minha contribuição na construção de uma sociedade justa e fraterna. Esse desafio faz parte da minha vida e, nesse sentido, é inevitável que a educação e a escola possuem um papel primordial para que essa utopia se concretize: uma educação voltada para os valores humanos, onde cada educador e educando assumam a sua condição de sujeitos comprometidos com o bem comum.

Meu pai, hoje um professor aposentado, desde muito cedo dizia para mim e meus irmãos que "a educação e o estudo são a coisa mais importante que uma pessoa precisa e deve ter e é isso que eu vou me esforçar para dar a todos vocês". O esforço e o sacrifício de meus pais fizeram com que eu valorizasse a educação e decidisse ser um educador.

INTRODUÇÃO

Estamos hoje tão inseridos no contexto e na conjuntura da sociedade capitalista que é difícil entender com profundidade todos os aspectos de sua estrutura. É uma sociedade cheia de contradições, caracterizada por uma estrutura que gera morte e opressão, sufocando e oprimindo a maioria da população. Não nos dá as mínimas condições de sobrevivência e de dignidade como seres humanos.

Desde muito cedo estive envolvido por pessoas e grupos que buscavam construir uma alternativa para essa sociedade que aí está. Eram meus pais e irmãos com o sindicalismo rural, com a construção de hospital comunitário, participando das CEBs, meus primos no Movimento dos Sem Terra e assim por diante. Por isso, há mais de duas décadas tenho a certeza de que preciso dar minha contribuição na construção de uma sociedade justa e fraterna. Esse desafio faz parte da minha vida e, nesse sentido, é inegável que a educação e a escola possuem um papel primordial para que essa utopia se concretize: uma educação voltada para os valores humanos, onde cada educador e educando assumam a sua condição de cidadãos comprometidos com o bem comum.

Meu pai, hoje um professor aposentado, desde muito cedo dizia para mim e meus irmãos que *"a educação e o estudo são a coisa mais importante que uma pessoa precisa e deve ter e é isso que eu vou me esforçar para dar a todos vocês"*. O esforço e o sacrifício de meus pais fizeram com que eu valorizasse a educação e decidisse ser um educador.



Em 1985, um ano após me formar no Magistério e trabalhando com uma quarta série, decidi começar um grupo de jovens na escola. Nesses 13 anos sempre desenvolvi esse trabalho. No início o grupo não estava articulado com a organização da Pastoral da Juventude Estudantil (PJE). Isso só foi acontecer em 1990 e, quando isso aconteceu foi uma grande alegria, pois descobri que nosso mundo ia além do grupo que estava assessorando. Eram os horizontes se abrindo, era a articulação com o estadual, o nacional, a Igreja e os movimentos sociais. Em pouco tempo estava participando da equipe de assessores da arquidiocese de Porto Alegre e da coordenação do regional do Rio Grande do Sul. Em 1993 fui eleito assessor de todo o Estado do Rio Grande do Sul, trabalho esse que realizei até o final de 1994. Em 1995 mudei para Marília e iniciei grupos da PJE no Colégio Cristo Rei, ao mesmo tempo em que comecei a participar da equipe de assessores do Estado de São Paulo, equipe essa de que ainda faço parte. Cabe ressaltar que, ao longo desses anos, participei da maioria das atividades a nível nacional que a PJE promoveu (retiros, cursos de militantes e de assessores, assembléias, encontros). Além disso, todos esses anos fui recolhendo material que aparecia relacionado com Pastoral da Juventude e, de modo especial, da Pastoral da Juventude Estudantil. Por isso, recuperar a memória de partes dessa história relacionada com a PJE, fornecer subsídios e fazer uma análise dessa experiência concreta que vivi são algumas das metas gerais deste trabalho.

Meu compromisso é começar a aprofundar esta caminhada e especialmente ver como está a PJE, a partir de depoimentos de vários militantes e assessores e também da minha pesquisa e coleta de material ao longo deste anos. A Pastoral da Juventude Estudantil me abriu vários horizontes, auxiliando-me na tomada de consciência da realidade e no crescimento como pessoa. Por isso, esse trabalho também quer ser uma retribuição à própria PJE. Quer ser um conhecimento inserido e comprometido com essa realidade dos jovens. Não quer ser uma simples dissertação para ficar numa linda estante. Quer auxiliar a conhecer e aprofundar o passado e o presente da PJE para não repetir os mesmos erros, desenvolvendo novos mecanismos e formas de atuação e reflexão com os jovens estudantes.



Essa dissertação está ligada a questões que venho refletindo já há algum tempo. Qual a relação da Ação Católica (AC) com a PJE? Quais as contribuições da Juventude Estudantil Católica (JEC) à PJE? Quais são e como se definem as características centrais da PJE? Como e quais são as relações da PJE com a sociedade, escola e Igreja? Quais os limites e avanços que a PJE apresenta hoje? Quais são as suas necessidades e desafios mais urgentes? Quais são as principais idéias que formam o seu referencial teórico básico? Que contribuições ela dá à vida pessoal dos militantes e assessores?

Claro que essas questões são amplas e vão além deste trabalho, mas elas são a base, o pano de fundo que me desafiou a percorrer essa caminhada. Outro aspecto que deve ser levado em conta é a realidade imensa do país, com suas diferenças regionais e culturais, que produzem diferentes enfoques internos e externos na PJE, especialmente quando nem todos conhecem com clareza a sua identidade.

Não existem estudos ou pesquisas, desse molde, sobre a Pastoral da Juventude Estudantil. Documentos e textos internos sobre ela, inclusive, são poucos. Com isso, dois aspectos opostos ficam claros: o primeiro, positivo, é que este trabalho pode-se dizer, é inédito, e o segundo limitante, é o pouco material necessário para compreender melhor os fatos e a própria identidade da PJE.

Posso dizer que o problema central desse trabalho é entender por que a Pastoral da Juventude Estudantil não tem uma inserção/participação mais ativa na sociedade, escola e igreja. É ver qual é o impacto da PJE nessas três áreas. As hipóteses de respostas a esse problema apontam para algumas variáveis mais claras e outras não tão fáceis de se ver e compreender. Os poucos núcleos existentes, a falta de um comprometimento maior dos militantes e assessores, uma nucleação fraca e falha, a falta de articulação, o pouco tempo e poucos militantes e assessores dispostos a assumir postos na organização, a falta de clareza da identidade da PJE para muitos núcleos de base, a difícil e não clara relação entre a PJE e a hierarquia da Igreja Católica (acomodação), os poucos recursos financeiros, a influência e a força da sociedade capitalista e os seus meios de comunicação social que não incentivam e sufocam os movimentos e pastorais



populares, todos esses aspectos são respostas. Sei, porém, que este trabalho, por mais que quisesse, não encontraria ou não aprofundaria todas as variáveis que esse problema precisa para ser respondido.

Os objetivos centrais a que me propus responder neste trabalho podem ser expressos da seguinte forma: primeiro, resgatar o contexto histórico anterior a PJE, especialmente a contribuição da Ação Católica; segundo, conhecer como está o contexto em que a PJE está inserida hoje; terceiro, aprofundar a identidade, formação, organização e ação; quarto, conhecer como os militantes e assessores vêem o contexto e as diversas relações da PJE; quinto, identificar os limites, avanços e necessidades atuais da PJE e, por fim, perceber quais são as contribuições da PJE na realidade atual, a nível pessoal e social.

A partir desse quadro, dentre as questões teóricas de fundo que busquei desenvolver, umas mais aprofundadas, outras nem tanto, coloco as seguintes:

- As conquistas e contextos em que se desenvolveu a Ação Católica e em especial a JEC e sua inegável contribuição à educação e às pastorais da Igreja Católica na atualidade.
- A PJE frente ao contexto de uma sociedade capitalista cada vez mais excludente e opressora.
- A educação católica e as pastorais frente aos desafios da modernidade e pós-modernidade.
- As atividades teórico-práticas da PJE que buscam proporcionar a formação da cidadania e a vivência dos valores humanos e cristãos aos jovens estudantes.
- A escola como meio específico para a atuação e o compromisso dos militantes e as dificuldades dessa relação.
- A fundamentação filosófica a partir das idéias de Enrique Dussel – a filosofia da libertação.
- A idéias da Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire, como fundamento pedagógico da PJE.



- A contribuição da Teologia da Libertação de Leonardo Boff, Gustavo Gutierrez e outros à PJE.
- A nucleação como fator decisivo de organização e sobrevivência de uma pastoral ou movimento popular.
- A apatia, a falta de comprometimento e a falta de recursos como fatores para a não articulação e organização.
- A relação de poder, a acomodação e a sobrevivência na relação entre PJE e a hierarquia da Igreja Católica.
- Os conflitos resultantes da atuação dos grupos nas escolas que, na relação com as direções e diante das dificuldades que surgem, fazem crescer ou acomodam os militantes e assessores.

Para se ter uma idéia do caminho percorrido neste trabalho, organizei o texto em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta primeiramente o contexto histórico, onde coloco e analiso a situação na época do surgimento da Ação Católica no mundo e no Brasil; traz também as características gerais da Ação Católica Geral, da AC Especializada e da JEC, bem como as suas principais contribuições para as pastorais atuais da igreja. Nesse mesmo resgate histórico coloco o papel significativo dos Movimentos de Encontro, o surgimento da Pastoral da Juventude Orgânica, da PJ dos meios específicos até chegar ao histórico da Pastoral da Juventude Estudantil. Na segunda parte, coloco o contexto atual, em que busco trazer presentes as relações e conjuntura da realidade da sociedade atual, discutindo e apresentando questões como a educação e a Qualidade Total, Igreja e educação e a realidade da juventude hoje.

O segundo capítulo inicia apresentando a relação entre a educação católica e as pastorais frente aos desafios atuais, descreve os objetivos e princípios da PJE, sua ação e metodologia. Traz, também, as etapas e fases de um grupo da PJE (nucleação, iniciação e militância), as dimensões da formação integral, os fundamentos teológicos, filosóficos e pedagógicos. Quer dizer, busca ver o que é a PJE, sua identidade e seu fundamentos.



No terceiro capítulo, coloco a pesquisa feita em cima do objeto e do problema central deste trabalho. A partir das entrevistas feitas, analiso a opinião de militantes e assessores de diversas partes do nosso país sobre a participação, relação e contribuições da PJE à sociedade, escola e igreja; os limites, avanços e necessidades da PJE hoje e sua ajuda na formação da personalidade de cada participante entrevistado.

Na conclusão, coloco os principais resultados obtidos com esta dissertação e pesquisa e deixo também alguns aspectos que posteriormente podem ser mais aprofundados por outros estudiosos ou pesquisadores.

No ponto de vista metodológico, este estudo se constitui a partir de dados levantados em pesquisa bibliográfica de textos relacionados ao objeto específico deste trabalho e de uma pesquisa de campo, onde entrevistei militantes e assessores. Em 1995, logo após ter iniciado o mestrado e quando já tinha definido o tema da dissertação, conversei com a coordenação nacional, com a assessora nacional e com o secretário executivo da PJE do Brasil. Isso aconteceu na Assembléia Nacional da pastoral em julho de 1995, em Barbacena, Minas Gerais. Nessa conversa ficou aprovada a idéia de se realizar a pesquisa e definimos as linhas gerais da mesma. Ficou combinado que eu montaria um esboço das questões e lhes daria um retorno através da assessora e do secretário nacional. Alguns meses depois a entrevista estava pronta, contando com as sugestões e apreciação do pessoal da PJE. Também ficaram definidos os seguintes critérios para serem levados em conta na pesquisa: entrevistar mais ou menos 2/3 de militantes e 1/3 de assessores, escolhidos dos estados que estavam mais bem articulados com o nacional, levar em conta o tempo de atuação dos militantes e assessores (alguns com pouco tempo e outros com uma caminhada maior), ser utilizado um roteiro estruturado, mas com questões abertas deixando o entrevistado bem à vontade para responder e, por fim, se definiu que o melhor momento para se aplicar a entrevista seria durante o Seminário Nacional de Militantes que aconteceu em Petrópolis, Rio de Janeiro, em janeiro de 1996.

O campo de observação de entrevistados ficou assim distribuído:



Distribuição por regionais:

Estados	Nº de entrevistados
Mato Grosso	1
Brasília	2
Minas Gerais	2
São Paulo	2
Rio de Janeiro	3
Paraná	5
Rio Grande do Sul	8
Total	23

Número de assessores e militantes:

Grupos	Nº de pessoas
Assessores	6
Militantes	17
Total	23

Distribuição por tempo de participação na PJE:

Tempo de participação	Nº de militantes
2 meses	1
6 meses	1
1 ano e meio	2
2 anos	2
2 anos e meio	5
3 anos	2
4 anos	2
5 anos	1
6 anos	1
Total	17

Tempo de participação	Nº de assessores
6 meses	1
1 ano	1
3 anos	2
4 anos	1
5 anos	1
Total	6

Quanto à amostragem e representatividade, optamos por ser qualitativa, conforme os critérios já citados. As pessoas foram escolhidas por sua liderança e representatividade. Uma limitação que deve ser citada é a falta de representantes de alguns estados do nordeste que possuem PJE, pois no referido seminário não comparecerem tais representantes. Posteriormente enviei vários questionários via correio, mas não houve retorno de nenhum deles.

Na análise dos dados procurei, sempre que possível, transcrever de maneira fiel a opinião dos entrevistados. Fiz comparações e análise dentro dos objetivos a que a pesquisa se propunha, já citados anteriormente.

Um aspecto importante e que se deve levar em conta ao se falar de metodologia é o que nos diz Guy Le Boterf quando coloca que a pesquisa deve estar *“a serviço dos grupos ou categorias mais desprovidos e explorados. Ela busca não somente desencadear ações suscetíveis de melhorar as suas condições de vida, mas também desenvolver a capacidade de análise e resolução dos problemas que enfrentam ou convivem cotidianamente. Torna-se pois importante que a pesquisa participante ou pesquisa ativa esclareça ‘para quem’ se trabalha”*. Mais adiante, o mesmo autor acrescenta: *“A função da pesquisa não é a de ser ‘propriedade privada’ dos especialistas. Ela deve ser compartilhada.”* (Brandão, 1987: p.72-73). Ressaltando-se, portanto, a importância de o pesquisador saber para quem está trabalhando, qual a ideologia que possui e defende e a quem vai ajudar. A opção pelos explorados, pelos menos favorecidos é clara e básica para mim. Quero com este trabalho dar um retorno e estar junto à organização da PJE para passar-lhes os resultados obtidos. É o papel do “intelectual orgânico” de que nos fala Gramsci.

Um último aspecto importante que coloco aqui (e é sempre lembrado pelos pesquisadores), é a questão da neutralidade diante de toda a análise e construção de um trabalho científico. Luiz Alberto Gómez de Souza nos questiona sobre isso dizendo: *“Trabalhar sobre um tema que faz parte da experiência pessoal não provocaria uma certa distorção na análise? É possível ver ‘do lado de fora’ o que se viveu ‘do lado de dentro’?”* Concordo com a resposta que o mesmo autor coloca a essas questões. *“Torna-se cada vez mais claro que sempre analisamos de um ‘lugar epistemológico’, muito ligado a um ‘lugar social’... a análise de quem viveu de perto pode ser mais rica do que a maioria dos que apenas se debruçam em textos e recordações alheias.”* (SOUZA, 1984: p.10-11.) Claro que fiz um grande esforço de manter um necessário distanciamento ao fazer as análises, mas sei também que por assumir muitos princípios e aspectos da PJ em minha vida, também fui parcial. Por isso faço o mesmo ato de fé que Luiz Eduardo W. Wanderley coloca no seu livro ‘Educar para transformar’. *“É preciso sentir e se apaixonar pelo*



tema e pelo objeto de estudo, educação do povo e pessoas que lutaram para conscientizar e organizar este povo, gente brasileira realizando a ingente tarefa de libertar parcelas imensas das classes subalternas, de construir uma sociedade livre e democrática. Só assim a ciência traz vida e não ilusão ou mistificação.” (WANDERLEY, 1984: p.30.)

CAPÍTULO 1

O CONTEXTO DA PJE

1 – CONTEXTO HISTÓRICO

A organização e atuação da Pastoral da Juventude Estudantil possui um contexto histórico que lhes dá sustentação e que lhes serviu de inspiração e modelo. Ela também está inserida na realidade atual com todas as características e desafios que esse contexto possui. Colocamos primeiramente o contexto histórico destacando como significativo, o envolvimento da Igreja Católica com os jovens a partir da Ação Católica, passando pelos Movimentos de Encontro até chegar à Pastoral da Juventude Estudantil. Na segunda parte do capítulo, trazemos o contexto da realidade atual.

1.1 – O CONTEXTO DO SURGIMENTO DA AÇÃO CATÓLICA

Para entendermos o contexto em que surge na Igreja a Ação Católica, precisamos voltar no tempo e colocar dois pontos decisivos para todas as transformações ocorridas no século XIX e início do século XX. De um lado está a Revolução Francesa, que foi o acontecimento mais importante da Era Moderna e por isso marca o início da Época Contemporânea. É o marco divisor que, preparado pela época anterior, levou a humanidade a uma espécie de “estaca zero”. Do outro lado, está a Revolução Industrial que teve início na segunda metade do século XVIII na Inglaterra



CAPÍTULO 1

O CONTEXTO DA PJE

1 – CONTEXTO HISTÓRICO

A organização e atuação da Pastoral da Juventude Estudantil possui um contexto histórico que lhes dá sustentação e que lhes serviu de inspiração e modelo. Ela também está inserida na realidade atual com todas as características e desafios que esse contexto possui. Colocamos primeiramente o contexto histórico destacando como significativo, o envolvimento da Igreja Católica com os jovens a partir da Ação Católica, passando pelos Movimentos de Encontro até chegar à Pastoral da Juventude Estudantil. Na segunda parte do capítulo, trazemos o contexto da realidade atual.

1.1 – O CONTEXTO DO SURGIMENTO DA AÇÃO CATÓLICA

Para entendermos o contexto em que surge na Igreja a Ação Católica, precisamos voltar no tempo e colocar dois pontos decisivos para todas as transformações ocorridas no século XIX e início do século XX. De um lado está a Revolução Francesa, que foi o acontecimento mais importante da Era Moderna e por isso marca o início da Época Contemporânea. É o marco divisor que, preparado pela época anterior, levou a humanidade a uma espécie de “estaca zero”. Do outro lado, está a Revolução Industrial que teve início na segunda metade do século XVIII na Inglaterra



e que a partir de meados do século XIX, se difundiu por todo o mundo. Essa revolução completou a transição do Feudalismo ao Capitalismo, pois significou o momento final do processo de expropriação direta dos produtores. A introdução da maquinofatura e das relações sociais de produção assalariadas é que caracterizam o Modo de Produção Capitalista. Essa separação entre capital e trabalho é reflexo direto da industrialização. Como observou Maurice Dobb, *“assim, uns possuem, enquanto outros trabalham para aqueles que possuem, e que são naturalmente obrigados a isso, pois que, nada possuindo e não tendo acesso aos meios de produção, não dispõem de outros meios de subsistência.”* (DOBB, 1983: p.15)

A partir dessas duas revoluções, desencadeiam-se transformações em todas as áreas e setores da Sociedade Contemporânea, não só na França e Inglaterra, mas em todo o mundo. Como nos diz Hobsbawn, é preciso não perder de vista que essas revoluções, principalmente a Industrial, *“não representou um simples processo de adição e subtração (de bens de consumo), mas sim uma mudança social fundamental na vida dos homens... Ela destruiu seus antigos estilos de vida, deixando-os livres para descobrir ou criar outros novos, se soubessem ou pudessem. Contudo, raramente ela lhes indicou como fazê-lo.”* (HOBSBAWN, 1983: p.75)

A partir desse contexto, começam as diversas correntes *“de construção, mas também de divisão da humanidade”*: o Liberalismo, Comunismo e Socialismo. Essas crenças provocam uma nova maneira de pensar e agir, tendo como base a idéia do progresso sem Deus e sem levar em conta o pensamento da Igreja. (ARNS, 1981: p.121)

A Europa viveu no século XIX o auge do **Liberalismo**. Bihlmeyer define liberalismo como *“uma concepção ideológica de orientação política que reclama uma ilimitada participação do indivíduo na sua vida privada e pública, no campo político, econômico, social e religioso.”* (BIHLMAYER, 1980: p. 61) Essas idéias de total liberdade política, econômica e religiosa vinham tomando vulto cada vez maior desde a Revolução Francesa. Em nome da *“liberdade individual”*, o liberalismo propiciou a exploração e conseqüente concentração da renda nas mãos de quem detinha os meios de produção, deixando os trabalhadores cada vez mais na miséria. Surge aí a relação *“patrões e empregados”* e toda desigualdade social e injustiça da nossa sociedade



capitalista. Por outro lado a Igreja, presa aos seus preceitos e dogmas, não abria mão do controle da religião, sendo contra a liberdade religiosa e as idéias liberais.

Já o **Comunismo** se inicia basicamente com a publicação do “Manifesto Comunista” em 1848, escrito por Friedrich Engels e Karl Marx. Para eles, a divisão da sociedade em classes se fez entre aqueles que são os donos dos meios de produção e aqueles que vendem a sua força de trabalho para sobreviver. Colocavam ainda que o único meio para implantar o comunismo é a destruição da burguesia, que era quem mais controlava os meios de produção capitalista. (Marx e Engels, 1977: p.7-9) Para que isso acontecesse era necessário destruir as instituições que apoiavam a burguesia: o Estado, a família, a religião, a propriedade. A Igreja, enquanto estrutura hierárquica, integrava-se ideologicamente com a burguesia e logo entrou em confronto com as idéias comunistas, que culminaram com o comunismo russo em 1917 e com Lenine, levando a uma terrível ditadura e burocracia que esqueceu da maioria dos pressupostos colocados por Marx e Engels.

O **Socialismo** é antes de tudo uma proposta, um projeto de sociedade. Nele a organização social procura atender às necessidades básicas da população: educação, saúde, emprego, moradia, etc. O Estado controla, em favor da maioria do povo, a economia e a política bem como os meios de formação e difusão ideológicas. Para Marx, o socialismo seria a fase de transição que caracterizaria a passagem do capitalismo para o comunismo. A essa fase chamava de *ditadura do proletariado*. As idéias básicas do socialismo são “*igualdade, democracia, sociedade sem classes, abolição da propriedade privada, confraternização(nacionalização)*. É um movimento que pretende instaurar uma forma de sociedade na qual os homens não estejam divididos em classes opostas, segundo a riqueza, mas que todos gozem de certas condições de vida mais ou menos iguais, usando em comum, os bens que o Estado possui, administra e distribui.” (ARANZADI e GINER, 1962: p. 19)

Nesse contexto a Igreja vai sofrendo e enfrentando essas idéias e as transformações decorrentes dessas concepções. Em 1846, Pio IX é eleito Papa e começa a combater os princípios do liberalismo anticristão. Já o seu sucessor Leão XIII (1878), em vez de excomungar os liberais,



diz que os católicos deveriam aproveitar e aprender com os valores desta corrente de pensamento e adaptar os mesmos ao modo de ser da Igreja e vice-versa. A nova visão moral, fruto dos novos acontecimentos sociais, o discurso de Leão XIII que dizia ser necessário recristianizar as instituições de baixo para cima e outras transformações dessa época fazem surgir os primeiros germes da Ação Católica. Já Pio X (1903) bloqueia uma certa abertura que Leão XIII vinha fazendo. Ele põe uma barreira às novas ideologias que causavam convulsões sociais na época, especialmente o Liberalismo e o Comunismo.

Surgiram nessa época inúmeras organizações católicas, desde Congregações Religiosas até movimentos de leigos. Com certeza, uma das organizações que mais se destacou foi a AÇÃO CATÓLICA que é a nota dominante do pontificado de Pio XI. Este programa de evangelização inaugura na Igreja uma nova idade: *"A idade da Ação Católica!"* (FONTANELLE, 1941: p. 66) Jorge Boran no seu livro *"O futuro tem nome: juventude"* expressa bem o contexto dessa época. *"O papa Pio XI dava muito apoio a esse movimento de leigos e viu nele um instrumento de mobilização dos leigos contra as ideologias do materialismo e do liberalismo. Foi ainda uma iniciativa tímida em que uma Igreja clerical ensaiava os seus primeiro passos ao abrir-se para a participação mais ativa dos leigos."* (BORAN, 1994: p.23)

Pio XI foi eleito em 12 de fevereiro de 1922 e imediatamente escreveu a encíclica *"Ubi arcano Dei"* onde define a Ação Católica, colocando os princípios e as linhas norteadoras do movimento a partir de três características centrais: o apostolado hierárquico, a organização e atuação dos leigos.

Criada então por Pio XI, a Ação Católica desenvolveu-se inicialmente na Itália Populista e Fascista de Mussolini. Na América Latina, a AC chega, em 1929, em Cuba e logo se espalha por todo o continente. A situação aqui no continente, após a crise mundial de 1929, é do surgimento de uma nova classe: a Burguesia Nacional Industrial Latino Americana. Ao mesmo tempo o Populismo Latino Americano assume o poder e vê na Igreja uma aliada. *"A nova classe dominante vê na Igreja uma aliada natural, já que durante o período de hegemonia dos*

Liberais, a Igreja havia sido 'anti-liberal' e nacionalista. Tudo isso combinava muito bem com a ideologia populista." (DUSSEL,1982: p. 43)

Os Populismos Latino Americanos (com Getúlio Vargas no Brasil, a partir de 1930 e com Perón na Argentina, a partir de 1945) possuem uma boa relação com a hierarquia da Igreja Católica. Cabe ressaltar que é somente uma parte da Igreja que mantém essa relação com os populistas, pois, tanto no Brasil quanto na Argentina, setores da Igreja divergiam e entraram em confronto com as ditaduras populistas de Vargas e Perón.

Esse período da "Nova Cristandade" vai de 1930 até 1962, e nele surgem as Universidades Católicas. Nesse contexto a Ação Católica se estabelece e se firma em toda a América Latina.

A Ação Católica provoca e produz uma renovação no pensamento intelectual cristão da América Latina. Como nos coloca Enrique Dussel: *"Com a Ação Católica, a Igreja pôs todo o seu interesse e preocupação na pequena burguesia, que começou a ter um papel político e cultural importante, tanto nos populismos latino americanos, como nos fascismos europeus."* (DUSSEL,1984: p. 44)

Com a Proclamação da República em 1889, o Brasil logo promulga a primeira constituição republicana, onde o poder é assumido pelos "barões" do café, unidos aos "coronéis" que representavam as oligarquias estaduais. Essa *"República Oligarquia assinala o auge e a decadência da economia agroexportadora. Além do café, que após grande expansão nas primeiras décadas enfrentou grave crise nos anos 20, outros produtos como a borracha, o cacau e o açúcar também tiveram seu ciclo de crescimento e de queda."* (PILETTI,1996: p. 212.) Nessa época o Brasil experimentou um momento importante com o desenvolvimento industrial, especialmente a partir da Primeira Guerra Mundial. Junto com esse desenvolvimento, os trabalhadores começaram a se organizar e lutar pelos seus direitos e por melhores condições de trabalho e salários. O povo, nessa época, especialmente o povo nordestino, vivia em estado de pobreza extrema: sem terra e sem garantias de vida.

A Revolução de 1930 decreta o fim da hegemonia política da oligarquia rural ligada à exportação do café. Outras frações da própria oligarquia rural de outros estados, da nascente



burguesia industrial, segmentos da classe média urbana, da burocracia do Estado e das Forças Armadas assumem o poder. É o início da “Era Vargas”. Florival Caceres coloca o seguinte sobre a posição da Igreja naquela época: *“A Igreja Católica mantinha com a república uma relação dúbia. Era grata ao regime por tê-la libertado do domínio do Estado, característico do período imperial, mas não aceitava inovações como a lei do casamento civil, a retirada de imagens santas dos edifícios públicos, a exclusão de expressões como ‘Em nome de Deus’ e ‘Em nome da Santíssima Trindade’ da Constituição. O alto clero tolerava mais a república do que o baixo clero, que era mais fanático.”* (CÁCERES, 1995: p. 281) Com a revolução de 1930, a Igreja começa a ter uma participação maior, ao menos na Constituição de 1934, onde suas “reivindicações católicas” são atendidas. No campo social e religioso, a Igreja inaugura uma nova estratégia, que se apoia na mobilização dos leigos, especialmente com a implantação da Ação Católica, e não apenas com padres e religiosos(as). É nesse contexto que se inicia a Ação Católica no Brasil, a partir do modelo italiano, idealizado e divulgado por Pio XI.

1.2 – A AÇÃO CATÓLICA NO BRASIL

1.2.1 - A AÇÃO CATÓLICA GERAL

A Ação Católica nasce e se desenvolve no Brasil num período de ascensão do capitalismo com a implantação do modelo de desenvolvimento baseado nos projetos políticos e econômicos das burguesias nacionais e internacionais.

Com a Ação Católica, a Igreja começa a ser presença no espaço social, econômico e político. De acordo com sua própria formulação, dedica-se à “recristianização” da sociedade pela formação integral do homem, em que a cultura e a ciência se articulariam com os valores da Igreja, buscando lembrar a presença de Deus em todas as coisas.



A Ação Católica Geral tem como marco de origem e reconhecimento oficial no Brasil, a criação da Juventude Feminina Católica (JFC), em novembro de 1932, pelo Cardeal do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme da Silveira Cintra.

A Ação Católica Geral (ACG) busca a participação e integração dos leigos no apostolado da hierarquia da Igreja para difundir os princípios católicos na vida individual, familiar e social. No livro, *"Pastoral da Juventude, sim a civilização do amor"* o Conselho Episcopal Latino Americano (CELAM), em 1987, revendo toda a experiência e contexto do surgimento da Ação Católica, coloca o seguinte sobre qual era o objetivo e como era a atuação da ACG naquela época: *"O objetivo fundamental desta 'ação' era integrar o laicato militante, preservando-o das influências secularizantes das ideologias e políticas da época, bem como formá-lo numa consciência social de participação nos ambientes da sociedade aonde os sacerdotes não chegavam e onde, através do seu testemunho, a mensagem evangélica e a Doutrina Social da Igreja fizeram experiências de organizações sociais que defenderam a promoção dos direitos humanos da "Cidade de Deus" - e portanto, também os da Igreja - na vida social, artesanal e política da sociedade."* (CELAM, 1987: p.58.)

Depois da experiência inicial da JFC, surgem outros setores dentro da ACG. Em 1935 estabelecem-se quatro setores, masculinos e femininos, separadamente: A Juventude Católica Brasileira (JFB), os Homens da Ação Católica (HAC), a Liga Feminina Católica (LFC) e a Juventude Feminina Católica (JFC). Esses setores estavam unidos e seguiam um estatuto aprovado em julho de 1935. A Ação Católica Geral no Brasil vai até 1950, quando esta se transforma em Ação Católica Especializada.

1.2.2 - AÇÃO CATÓLICA ESPECIALIZADA

A partir de 1950, a Ação Católica, oficialmente, passa a se chamar especializada, mas isso não significa uma ruptura com a ACG e sim uma continuidade de uma discussão iniciada em 1947 com a eleição de Hélder Câmara como assistente nacional.



Como nos diz Jorge Boran: *"A Ação Católica Especializada se desenvolve sob a orientação de PIO XII, que fala de cooperação e colaboração dos leigos, em lugar de participação no apostolado hierárquico. Assim, evitou o risco de formação dos leigos que fossem meros robôs da hierarquia."* (BORAN, 1985: p.25) Já dizia Pio XI que os operários deviam ser apóstolos dos operários, os agricultores dos agricultores, os estudantes dos estudantes.

A especialização do movimento faz com que a estrutura da Ação Católica mude, passando do modelo italiano ao modelo belga e francês. Duas pessoas tiveram grande importância nesse processo: a experiência da JOC do Padre Cardijn e a reflexão filosófica de Jacques Maritain *"e a sua abertura às liberdades, à democracia e aos 'direitos humanos' que constituíram a ponte entre a reflexão cristã e a sensibilidade liberal dos novos tempos."* (SOUZA, 1984: p.62.) Este novo modelo introduz o critério da divisão segundo o meio social específico, a idade e o sexo dos militantes. Esse novo critério tem como referencial o meio de atuação dos jovens e é isso que caracteriza a chamada Ação Católica Especializada. Formam-se, a partir daí, Juventude Agrária Católica (JAC), Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Independente Católica (JIC), Juventude Operária Católica (JOC) e Juventude Universitária Católica (JUC).

Cabe ressaltar que nesta mesma época foi iniciada para os adultos a Ação Católica Operária (ACO) e a Ação Católica Agrária (ACA).

Os jovens se organizam em grupos nas escolas, universidades, fábricas e no campo.

Os bispos latino-americanos expressam bem essa realidade da especialização, já que muitos deles haviam atuado e militado na AC. Segundo eles, *"um renovado plano evangelizador procede deles, baseado, de um lado, na função problemática concreta, da solidariedade e dos desafios de diversos grupos sociais (estudantes, camponeses, operários...) e, de outro, na colocação em prática de nova sensibilidade e pedagogia pastoral que enfatiza o testemunho cristão na 'diáspora', adota métodos tendencialmente 'indutivos' para a evangelização, dá prioridade à temática do 'compromisso' com a promoção coletiva do meio e com a perspectiva da transformação social. Organizam-se em pequenas comunidades (equipes de base) para a revisão, à luz da fé, da ação dos militantes no 'meio', pretendendo superar todo e qualquer*



'divórcio entre a fé e a vida' (pedagogia ativa, formação na ação e fundamentalmente 'revisão de vida')'. (CELAM, 1987: p.58.)

É importante ver também o que nos diz Luiz Alberto Gómez de Souza, ele que é um profundo conhecedor da Ação Católica por ter participado como militante e dirigente: *"além da presença da Igreja na área das decisões, havia um interesse muito grande pelo mundo da cultura. Falava-se na 'recristianização da cultura' e na reintrodução de 'valores cristãos' na sociedade. Esta última nem sempre era percebida em sua estrutura econômica concreta, social e política, mas sobre tudo como um mundo de normas, idéias e valores. A JUC, nos seus começos, tratará aliás com interesse os problemas da cultura, antes de descobrir a 'questão social' e depois o compromisso político."* (SOUZA, 1984: p.62.) Com isso podemos conhecer e perceber as transformações e o processo por que a Ação Católica Especializada foi passando. Mais adiante, o mesmo autor, falando mais exclusivamente sobre a JUC, coloca como era a atuação e a importância do método de trabalho da ACE. *"O método da JUC era o da Ação Católica especializada, que se desenvolvera na França, na Bélgica e no Canadá, a partir das primeiras experiências do Padre Cardjin, na Bélgica, com a JOC. Era o método 'ver-julgar-agir', ou de 'formação na ação', que despertou no princípio muitas críticas daqueles que vinham da antiga Ação Católica, mais voltada para a pura formação e a vida litúrgica. Este método será aplicado pela JUC de maneira bastante flexível, devido às exigências próprias do meio universitário. Na segunda etapa do movimento, depois de 1960, falar-se-á sobretudo de 'revisão de vida'. Havia no método um esforço por conciliar a pedagogia e a formação ativa dos militantes, com a transformação do meio social em que viviam. Em teoria, era fácil colocar juntas essas duas dimensões. Na prática, o acento freqüentemente recaía mais sobre um, em detrimento do outro."* (SOUZA, 1984: p.86.)

Aos poucos os jovens começaram a concretizar na prática as idéias e o método, buscando a transformação social, não se contentando com os instrumentos que a Igreja oferecia. Assim se iniciaram os primeiros conflitos com a hierarquia e as tensões aumentaram à medida em que os jovens perceberam que seria necessário transformar as estruturas sociais para acabar com as



injustiças. Diante da ineficácia dos instrumentos de que dispunham, a ACE e, especialmente a JUC, buscaram introduzir o uso de instrumentos políticos.

Em 1966, acontece a ruptura oficial da JUC com a hierarquia da Igreja. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que já não estava conseguindo acompanhar e nem dar apoio a essa evangelização que buscava uma transformação radical da sociedade, declara a extinção oficial da JUC. Claro que essa decisão não foi tão simples assim. Outros fatores influenciaram nessa tomada de decisão da Igreja. Podemos citar o enfraquecimento do próprio movimento nos últimos anos e especialmente o contexto de repressão e fechamento trazidos pelo Golpe Militar de 1964. Com a extinção da JUC, os demais movimentos especializados da AC aos poucos também chegam ao fim, com exceção da JAC que permaneceu por mais algum tempo e da JOC, que conseguiu sobreviver e atua até hoje.

1.2.3 - A JUVENTUDE ESTUDANTIL CATÓLICA

Como nos diz Boran e Dick no livro “Pastoral da Juventude do Brasil”: *“Diante de todos os problemas do estudante e do Meio Estudantil, a JEC nasceu para dar sua contribuição eficaz para a transformação desta realidade estudantil, encarnando todas as características que deve ter qualquer pastoral para atuar no Meio Estudantil. A JEC nasceu como uma necessidade urgente para tornar o jovem cada vez mais jovem, o estudante cada vez mais estudante e o Meio Estudantil cada vez mais cristão.”*(BORAN e DICK, 1983: p. 64)

A JEC começa a existir no Brasil onde havia pessoas interessadas na sua proposta. Os primeiros registros da JEC são de 1953, época em que havia algumas experiências dispersas pelo Brasil. É a partir de 1955 que a JEC tem uma equipe de coordenação e articulação a nível nacional. No início procura fundamentar uma espiritualidade nova com as seguintes características: fortalecer o jovem no seu meio ambiente; valorizar o jeito de ser do jovem; valorizar o mundo e a sociedade; não separar o espiritual do humano; e buscar inspiração nas origens da vida cristã.



Em 1957, estando já presente em todo o Brasil, a JEC realiza o 1º Encontro Nacional. Examinando as conclusões deste encontro, aparece a preocupação dos militantes naquela época. Perguntavam-se: *“Como a JEC transformará o Meio Estudantil? Por meio da influência pessoal dos militantes ou por meio da modificação das estruturas? Toda a modificação deve ser feita por intermédio da influência pessoal de cada militante, aplicando-se devidamente a técnica da JEC, garantida e apoiada pela vida espiritual.”* (Conclusões do 1º Encontro Nacional da JEC, 1957: p. 5-6)

No livro: “JEC no Brasil”, sua história é dividida em 4 partes. (Hilário Dick. JEC no Brasil. São Paulo, Ed. CCJ, 1992, p. 7-43.) São elas:

1. **A JEC, o Evangelho dos colégios (1930-1953).** Organizada ainda como Ação Católica Geral, vê na escola um lugar privilegiado para educar e formar a juventude. Era vista como uma associação religiosa e não havia uma visão do meio estudantil.
2. **A JEC vai se articulando em todo o país (1954-1958).** Surgimento de grupos em todo o país e a articulação desses grupos. Nesses anos o florescimento é enorme, a organização é estabelecida com assessores para a JEC masculina e para a feminina, acontecem oito eventos a nível nacional, encontros de formação, seminários, congressos, além das publicações próprias do movimento.
3. **A JEC, o movimento estudantil e a abertura para o social (1959-1962).** É o período onde se clareou a questão do “meio estudantil”, debateram-se questões sobre ideologias presentes na sociedade e a situação da educação dentro desse contexto. É uma época de crescimento e formação da consciência social e política dos membros da JEC.
4. **JEC: o sentido do movimento e sua morte (1963-1968).** 1963 era um tempo dourado para a JEC, pois tinha uma atuação concreta a nível social e político, sem esquecer o espiritual. É também um período de análise e busca do sentido do movimento. Em 1964, o Golpe Militar se impõe e busca sufocar os anseios por transformações sociais que os jovens tinham e pelos quais estavam lutando. Os Jecistas



são acusados de “comunistas” e “subversivos”, são torturados, agredidos e assassinados em vários lugares do país. Aos poucos, grande parte da hierarquia da Igreja deixou de apoiar a Ação Católica e interveio de forma arbitrária em várias regiões e isto, junto com a repressão militar e a própria crise e disputa interna, afetou os grupos que foram se desarticulando, se desorganizando e perdendo a vontade de lutar. A JEC buscou resistir até que, em 1966, junto com a JUC, é extinta. A JEC como estrutura foi extinta, mas muitos jovens continuaram abrindo espaços e resistindo frente à repressão dos militares. Basta ver as grandes manifestações estudantis no início de 1968, onde acontece a morte do estudante *Edson Luís*, em 28 de março de 1968, um marco na participação política e no movimento estudantil do Brasil. Nessas manifestações muitos líderes eram militantes da JEC. Foi nesse ano que os militares impuseram o “AI-5”(Ato Institucional nº5) aumentando ainda mais a repressão, fazendo com que a organização da JEC deixasse de existir definitivamente.

1.2.4 - CONTRIBUIÇÕES DA AÇÃO CATÓLICA

É difícil relatar as contribuições que a Ação Católica ofereceu ao Brasil, vista a complexidade em medi-las. Foi sem dúvida, uma contribuição importante para a Igreja, para a sociedade e, em especial, para todos aqueles que estavam envolvidos na sua missão.

Sabemos que o jovem, de uma maneira geral, gosta de desafios. A Ação Católica foi capaz de apresentar desafios que marcaram e fizeram cada jovem crescer e sentir-se sujeito da história da Igreja e do país.

A Ação Católica formou, educou e marcou especialmente a vida de muitos jovens. No livro “JEC no Brasil”, temos alguns relatos e depoimentos de pessoas que atuaram na JEC, que mostram o quanto esse movimento os influenciou:

- Ana Maria Franco Zardin, uma das participantes da Sessão Internacional de Dakar da JEC, diz que “a JEC foi uma etapa muito significativa da minha vida. Ela



praticamente se identifica com toda a minha adolescência, porque vivi intensamente os tempos de JEC. Nela canalizei toda a generosidade e doação próprias desta etapa da vida. Acredito mesmo que a JEC foi fundamental para a minha visão de mundo e de pessoa". Mais adiante diz o que a marcou na JEC: "a idéia de compromisso que era fortemente desenvolvido, os aspectos formativos que eram objeto de discussão e estudo, a autonomia que era desenvolvida em seus militantes e a visão do homem e do mundo que permeava todos os acontecimentos da JEC."

- Helena Maria Becker Albertani fala de modo semelhante: *"A JEC foi um dos pontos mais importantes da minha vida de adolescente. Por causa da situação particular/familiar não tinha muitas oportunidades de atividades sociais e tinha pouca liberdade. Como a JEC se caracterizava por ser Igreja, minha família permitia e até estimulava que eu participasse de tudo e assim encontrei na JEC um importante campo de expansão de minhas potencialidades pessoais, sociais, de liderança e de realização."*
- Herbert de Souza, o Betinho declara que *"tenho a sensação de que aquela experiência foi essencialmente positiva sob qualquer aspecto que se possa tomar. Eu não consigo pensar a minha biografia sem ela, por exemplo. Se eu não tivesse entrado na Ação Católica o que eu seria hoje? Realmente não consigo."*(DICK, 1992: p.45-47.)

Libânio, no seu livro *"Educação Católica"*, ao falar da *"Educação para a conscientização transformadora"* faz uma citação que mostra a força e a influência da Ação Católica na Igreja. Ela *"teve importância na criação do clima que permitiu dentro da Igreja a tomada de posição dos Bispos em Medellin por uma educação libertadora, como tradução da consciência da necessidade de interferir no processo de mudança social por meio da educação. Nos fins dos anos 50 e início dos 60, elabora-se cada vez mais com firmeza uma reflexão entre cristãos envolvidos na Ação Católica, um pensamento voltado para a transformação das estruturas."* (LIBÂNIO, 1983: p.20.)

Como vemos, a Ação Católica teve uma participação decisiva na vida da Igreja. O encontro dos Bispos da América Latina em Medellin, em 1968, assumiu várias teses da Ação Católica no documento final. Afirmaram o valor e a importância da juventude, sendo *“um novo corpo social”*, com seus próprios valores, idéias e dinamismo. É uma grande *“força de pressão e renovação”* da sociedade e da Igreja.(ANTONIAZZI, 1986: p. 2) Em Puebla, em 1979, esse compromisso foi renovado e ampliado com a opção preferencial pelos jovens e pelos pobres, onde ressaltou-se a importância dos jovens na evangelização e na transformação da sociedade. A própria Conferência dos Bispos do Brasil (CNBB) sofreu uma forte influência da Ação Católica, conforme vemos no testemunho de Luiz Alberto Gómez de Souza: *“A CNBB foi criada, em 1952, por Dom Helder Câmara e Dom José Távora, a partir da experiência dos dois como assistentes eclesiais da AC e contaram, no grupo que organizou e montou a Conferência, com uma equipe de leigos e assistentes que vieram dos movimentos especializados. Antes da CNBB existiu a AC, e esta influenciou muito no seu surgimento. Pode-se dizer sem exagero, que aquela nasceu da prática dessa última. Hoje muitos esquecem dessa realidade. E vários bispos renovados dos últimos anos fizeram seu aprendizado nos movimentos da Ação Católica.”*(SOUZA, 1984: p.62.)

Graças a essa influência, parte da Igreja teve uma atuação profética e de coragem durante o Golpe Militar, buscando retomar um trabalho com os pobres, iniciado pelo Movimento de Educação de Base (MEB) no final dos anos cinquenta e início dos anos sessenta.

Outros trabalhos são frutos da militância de jovens na Ação Católica:

- O trabalho dos militantes da JUC foi primordial na criação do MEB (Movimento de Educação de Base), trabalho de Educação e Conscientização Popular, que foi patrocinado pelos bispos brasileiros. Era um *“movimento educativo de responsabilidade da Igreja Católica do Brasil, dirigido às populações das regiões mais subdesenvolvidas do país (Norte, Nordeste e Centro-Oeste), especialmente o campesinato e setores do proletariado rural”*,(WANDERLEY, 1984: p. 14) nos diz Luiz Eduardo Wanderley, que ressalta a influência dos militantes da Ação Católica no MEB: *“O movimento constituía-se, em grande maioria, de membros advindos da Ação*



Católica e com número expressivo de egressos da Juventude Universitária Católica (JUC), setor importante dentro do clima político reinante nas hastes eclesiais da época e no movimento universitário.”(WANDERLEY, 1984: p. 64)

- O trabalho das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base). Iniciadas por volta de 1952, a partir de pequenas comunidades paroquiais no interior do Estado do Rio de Janeiro, seu fortalecimento, na década de 70, muito deve aos militantes da AC que não se afastaram da Igreja.
- A experiência da JAC (Juventude Agrária Católica) foi um dos fatores importantes no surgimento da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e dos movimentos de solidariedade da Igreja com a luta da terra (Movimento dos Sem Terra, Reforma Agrária, Sindicalismo Rural, Pastoral da Juventude Rural...).
- Os temas discutidos e estudados em nível nacional pela Ação Católica deram origem às Campanhas da Fraternidade que, a cada ano, a Igreja realiza no Brasil.
- O movimento político Ação Popular (AP) foi criado por lideranças universitárias e estudantis, sindicalistas e lideranças políticas. Nesse grupo havia jovens da JUC e também alguns da JEC. Na introdução do Documento-Base, escrito em março de 1963, colocam o seguinte: *“A Ação Popular é a expressão de uma geração que traduz em ação revolucionária as opções fundamentais que assumiu como resposta ao desafio de nossa realidade e como decorrência de uma análise realista do processo social brasileiro na hora histórica que nos é dado viver.”*(SOUZA, 1979: p. 199) A Ação Popular tornou-se um dos mais importantes grupos de esquerda do país.(Conferir o livro de Scott Mainwaring, *A Juc e o surgimento da Igreja de base*, Ed. Vozes)
- Influenciou no surgimento da Teologia da Libertação, pois Gustavo Gutiérrez veio ao Brasil viver uns tempos a experiência comprometida da Ação Católica, antes de escrever seu livro *“Teologia da Libertação”*.
- A Ação Católica Especializada influenciou de maneira especial as Pastorais da Juventude que hoje existem: os grupos de PJ das paróquias, PJMP (pastoral da



juventude do meio popular), PJR (pastoral da juventude rural), PU (pastoral universitária) e PJE (pastoral da juventude estudantil).

Nessas pastorais e em vários outros movimentos populares, a influência se dá de maneira decisiva, a começar pelo método utilizado, fruto da Ação Católica. Este, o **Ver-Julgar-Agir**, é um método que propiciava uma **formação na ação**. Introduz também a prática da **Revisão de Vida e a Revisão da Prática**. A necessidade de uma consciência crítica e de uma formação integral, aliada à opção pelos pobres, são frutos da Ação Católica. No livro “História da PJ do Brasil” os autores colocam de maneira clara o quanto a Ação Católica contribuiu e contribui na vida das atuais pastorais: *“A experiência da AC abriu novos caminhos de evangelização no Brasil, sobretudo no campo da teologia e espiritualidade dos leigos e no da metodologia e organização pastoral. Jovens e assistentes formados pela AC desenvolveram a prática de partir da realidade para transformá-la, à luz do Evangelho. O exercício da Revisão de Vida e Revisão da Prática, oração na ação, da fé vivida em sua exigência de engajamento no meio social, influenciou outros setores pastorais e a própria organização pastoral da Igreja. A Teologia da Libertação e a Conferência Nacional dos Bispos muito devem à Ação Católica, através da influência de seus assistentes, entre eles alguns bispos, e da militância dos leigos. O dinamismo dos jovens, a paciência histórica vivida na caminhada do povo e nas limitações humanas e estruturais da Igreja, o realismo na apreciação do poder das forças sociais, a pedagogia para despertar o espírito crítico, as estratégias para ação pastoral conseqüente, a autonomia da missão dos leigos entendida a partir do batismo que consagra o cristão no mundo, são questões amadurecidas na prática pastoral da Ação Católica e no testemunho da fé, em muitos casos vivido até o martírio.”* (PIERDONÁ, 1990: p.38.)

Dom Helder Câmara, que nos anos 60, quando participava da AC, teve o seu nome proibido na Televisão e jornais, numa entrevista em Curitiba-PR, em 1984, fala da grande importância que tem a Ação Católica na sua vida e na vida da Igreja: *“A grande lição da Ação Católica foi quando o cardeal Cardijn lançou aquele método inspirado por Deus, que depois o próprio Concílio adotou e, mais tarde, também Medellín e Puebla: O método ver-julgar-agir. Na*



Ação Católica nós tínhamos nossos momentos fortes de estudo. Fazíamos cursos estudando a religião. Não somente estudos teóricos, mas manhãs de formação e retiros espirituais. Hoje a realidade é tão terrível, tremenda, que o pessoal parte para ela e corre o risco de nela se afogar, sem ter bastante espaço para estudar as grandes verdades cristãs. Não podemos iluminar nossa realidade que é tão complexa com apenas uma leitura rápida da Bíblia. Pastoral não se improvisa. A Ação Católica prestou um serviço tão grande! Ainda hoje, dentre os melhores colaboradores que eu tenho e muitos dos nossos irmãos bispos são aqueles que foram autênticos militantes da Ação Católica.”(BETIATO, 1985: p.118.)

1.3 – OS MOVIMENTOS DE ENCONTRO

Nos anos 60 e início dos anos 70, desenvolveu-se na Igreja um trabalho com jovens chamados Movimentos de Encontro. Estes movimentos usavam basicamente o testemunho pessoal e um forte impacto emocional. Não havia um trabalho com a dimensão política e social do Evangelho e, quase que exclusivamente, procuravam resolver os problemas pessoais. Esse tipo de enfoque possuía uma relação direta com o contexto da Ditadura Militar que o país estava vivendo e sofrendo e também com o contexto eclesial mundial, onde se percebia um recuo, por parte da hierarquia, no sentido de um envolvimento mais direto com a vida política e social do mundo.

Claro que não se passou simplesmente da Ação Católica para esses movimentos. Eles não são uma decorrência da AC, pois, como dissemos, alguns setores da Ação Católica continuaram e também outros trabalhos com jovens, na Igreja, surgiram nesse mesmo período e que não são semelhantes aos Movimentos de Encontro como, por exemplo, as Comunidades de Jovens Cristãos (que possuíam compromisso e engajamento social). Fazendo, porém, uma comparação entre AC e esses movimentos, podemos perceber que as principais diferenças entre eles eram que, enquanto a Ação Católica tinha ajudado o jovem a viver a fé, assumindo o compromisso de transformação das condições de vida do meio em que este vivia, trabalhava ou estudava, os



Movimentos de Juventude voltavam-se mais para os problemas individuais, afetivos, psicológicos, espirituais e morais.

Esses movimentos eram normalmente constituídos por jovens de classe média e alta e eram dirigidos por adultos (“os tios”). Alguns jovens participavam de atividades e tarefas secundárias.

Quase todos os Movimentos de Encontros Nacionais possuem uma raiz comum: os Cursilhos da Cristandade, movimento de adultos, nascido na Espanha, que logo veio ao Brasil aqui se denominando Treinamento de Lideranças Cristãs (TLC), Encontro de Jovens com Cristo (EJC), Escola de Líderes Cristãs (ELC), Curso de Líderes Jovens (CLJ), Construindo, Emaús, Cenáculo, Shalom, Escalada, Onda, Amigos de Cristo, Vigília, Catecumenato e tantos outros em que a diferença era essencialmente o nome.

É importante ressaltar que o nome “Movimento de Encontro” vem do fato de que, na maioria dos casos, o grupo iniciava-se a partir de um Encontro de um final de semana, onde os jovens eram iniciados no respectivo movimento e em sua organização. Esses encontros, na sua maioria, ressaltavam o testemunho pessoal dos palestristas que falavam das grandes mudanças vividas a partir do momento que se converteram a Jesus Cristo. Conforme Jorge Boran, *“O testemunho pessoal comovia mais. Os dirigentes procuravam criar forte impacto emocional de várias maneiras: mensagens de parentes e amigos, a surpresa e identidade da equipe de cozinha escondida até a última hora, depoimentos nas palestras, acolhida, amizade e atenção individual mostrada pelos dirigentes, liturgias animadas, oração espontânea e a música. Os movimentos visavam resolver os problemas pessoais dos jovens. A raiz do problema social era o egoísmo do indivíduo. Mudando o jovem, automaticamente se estaria mudando a sociedade. É como se as estruturas econômicas, políticas e sociais não tivessem nenhuma influência sobre as pessoas e nem as pessoas sobre as estruturas.”* (BORAN, 1994: p.48.)

Junto com os Movimentos de Encontro Nacionais, a partir de 1970, chegam e crescem no Brasil os Movimentos Internacionais de Encontro que se organizam e formam os jovens, seus dirigentes e sacerdotes, independentemente das Igrejas locais. Muitos desses movimentos, como as Congregações Marianas e os Jovens Vicentinos, já estavam no Brasil desde os anos 30, mas é a



partir de 70 que passam a viver um novo dinamismo e renovação dos seus quadros de militantes. A articulação desses movimentos, na maioria dos casos, é dirigida pela coordenação central do país de origem, bem como é de lá que vem a literatura usada, que é somente traduzida aqui.

Os principais movimentos internacionais que tiveram uma atuação destacada no Brasil foram:

- **Movimento Geração Nova (GEN).** Criado em 1967, na Itália, por Chiara Lubich, é ligado ao movimento Focolares. Busca viver, na sua amplitude “revolucionária”, a mensagem do amor e da paz do evangelho, levando unidade a todas as pessoas.
- **Movimento da Juventude de Schoenstatt.** Faz parte da União Apostólica de Schoenstatt, fundada em 1914 pelo Padre José Kentenich, com mais 24 jovens estudantes, que haviam voltado dos campos de batalhas da Primeira Guerra Mundial. Busca empenhar-se ativamente pela restauração religiosa e moral da sociedade.
- **Renovação Carismática Católica.** Iniciou em 1966, com um grupo de professores e estudantes da Universidade Católica de Duquesne, de Pittsburg, na Pensilvânia (USA). Buscam, a partir da experiência dos primeiros cristãos, ter uma vida de oração, havendo disponibilidade total para a ação do Espírito Santo, que abre o crente para o diálogo com Deus que se exprime na oração. São características centrais do movimento, além desta disponibilidade total ao Espírito Santo, o contato com a Bíblia, a Penitência e a Eucaristia, a Comunhão fraterna, fidelidade à Igreja e o ecumenismo.
- **Comunhão e Libertação.** Fundado pelo Padre Luigi Giussani em 1954, em Milão, Itália. Buscam melhorar o ambiente humano onde o jovem vive através de uma formação que propõe Cristo como centro e proposta de missão para a vida de cada um, melhorando e buscando a transformação da sociedade.
- **Juventude Franciscana (JUFRA).** Surgiu na Itália em 1950, a partir da Ordem Franciscana Secular. É um movimento de vivência cristã, destinado a jovens que, por vocação, se comprometam com um ideal de vida inspirado na espiritualidade franciscana.



Os movimentos Comunhão e Libertação e o JUFRA propunham uma reflexão e um compromisso social bastante fortes. Hoje, podemos dizer que as principais limitações dos movimentos de encontro foram a falta de formação integral, especialmente nas dimensões da formação política e social; falta de continuidade do trabalho a longo prazo; falta de compreensão da estrutura político-social-econômica em que estavam inseridos; o fato de colocar o “egoísmo pessoal” como a principal raiz dos problemas sociais; a falta de espaço na estrutura interna para o protagonismo dos jovens; a dificuldade de articulação com as outras pastorais da Igreja e, finalmente, sua filosofia e princípios que não partiam da realidade concreta dos jovens. Possuíam, entretanto, vários pontos positivos também. Eles procuraram mudar a imagem negativa que o jovem tinha e tem da Igreja, para aproximá-los da hierarquia. Procuraram apresentar um modelo de Igreja mais atraente e, como nos diz Jorge Boran, “*Acentuava-se a dimensão comunitária da Igreja, em oposição à Igreja clerical. Repetia-se a frase: ‘A Igreja somos nós?’*”(BORAN, 1994: p.48.)

Outro aspecto a se ressaltar é o grande êxito que esses movimentos tinham em reunir e aglutinar jovens em grande número e também a alegria e o entusiasmo dos seus encontros. Desses encontros surgiram também grande número de grupos de jovens em paróquias, os quais, em muitos casos, vão se transformar e participar da pastoral orgânica da juventude que estava surgindo.

1.4 – PASTORAL DA JUVENTUDE ORGÂNICA

Sabemos que a Ação Católica havia deixado marcas na vida de muitas pessoas. Muitos jovens continuavam em grupos e viviam a tensão: desistir da idéia de se organizar ou buscar novos caminhos e formas para a manifestação grupal da fé e do engajamento, frente a uma situação sócio-política-econômica marcada pela censura e pelo autoritarismo.



Em meados da década de 70, assistiu-se, no Brasil, ao início da organização da Pastoral da Juventude Orgânica e também da avaliação mais crítica do seu papel na Igreja e na sociedade. Em 1973, no Rio de Janeiro, realizou-se o Primeiro Encontro nacional da PJ e, em 1976, também no Rio de Janeiro, realizou-se o Segundo Encontro. Um fato importante que marcou o retorno das organizações com os jovens foi *“o chamado Concílio de Jovens em Lins/SP, que em 1977, em plena ditadura, reuniu aproximadamente 5.000 estudantes e universitários e caracterizou o retorno de uma Pastoral Universitária.”* (PJ do Brasil, 1998: p 101.)

Jorge Boran enumera os seguintes fatores que levaram à nova modalidade de trabalho com jovens conhecida como Pastoral da Juventude. (BORAN, 1994: p. 51-53)

- **Limitação dos Movimentos de Encontro:** A metodologia dos movimentos era superficial e muitas vezes criava um “clima emocional artificial” para provocar “conversões”. Com isso não se podia esperar compromisso permanente dos jovens após um curso de dois dias, por mais forte que fosse a experiência vivida.
- **Resposta ao grito de liberdade:** *“A pastoral de encontros não captava o grito dos empobrecidos e nem o anseio de libertação política que começavam a mover, de novo, as massas populares.”*
- **Dispersão e isolamento dos grupos de jovens:** Com os movimentos surgiram muitos grupos, só que estavam desarticulados e havia muita rotatividade dos participantes. Com isso, esses grupos não levavam a nenhum compromisso e não formavam lideranças. *“Havia a necessidade de superar a superficialidade e a improvisação.”*
- **A falta de objetivos claros:** Muitos jovens e assessores dos grupos tinham, cada um, suas motivações e objetivos normalmente conflitantes entre si. *“Faltavam objetivos claros e comuns para canalizar as energias numa mesma direção.”*
- **O processo de planejamento participativo** foi fator decisivo para o seu fortalecimento. *“Era uma geração nascida durante a ditadura militar e, agora, estava empolgada com a possibilidade de opinar, debater, encaminhar propostas e votar... isso contagiava com o ideal de construir uma Igreja e uma nova sociedade.”*



- **Os jovens em destaque:** Vários acontecimentos e opções ainda criaram um ambiente favorável à organização da PJ nos anos seguintes: a opção pelos jovens em Medellín, reforçada em Puebla; a celebração do Ano Internacional da Juventude pela ONU em 1985; os bispos brasileiros que escolheram os jovens como destaque pastoral em seus planos em 1983 e 1987; a importância dada à juventude pelo Papa João Paulo II em suas viagens ao Brasil e, por fim, a Campanha da Fraternidade de 1992, que teve como tema a juventude.

A partir de 1980 a Pastoral da Juventude passa a ser entendida “de jovem para jovem” e busca a formação de lideranças jovens e melhor organização através de encontros, seminários e assembleias que vão da base até o nível nacional. São nesses momentos que jovens e assessores, juntos, planejam e avaliam sua prática e suas opções para enfrentar os novos desafios da juventude e para estar em sintonia com a pastoral global da Igreja. É isso que diz o Documento de Puebla, no número 1189: *“A integração na Igreja será articulada através do trabalho com jovens e comunidades que devem estar integradas na Pastoral de Conjunto, paroquial e diocesana, regional e nacional, com projeções par uma integração latino americana.”* (CELAM, 1980: p.187)

Assim surge uma Pastoral da Juventude Orgânica que, como a Ação Católica, segue uma metodologia a partir da formação na ação, através do método ver-julgar-agir, propiciando uma formação integral dos jovens.

1.4.1 - PASTORAL DA JUVENTUDE POR MEIOS ESPECÍFICOS

Já em 1978, numa reunião dos Estados do Sul do país, foram destacadas duas prioridades dentro da Pastoral da Juventude: os pequenos grupos de base e a necessidade de um engajamento nos meios específicos da escola, trabalho e bairro.



A idéia de um trabalho com jovens em seu meio específico nasceu da percepção de Joseph Cardijn, fundador da JOC, para quem, o jovem deveria ser evangelizado a partir da fábrica, não somente nas paróquias, a que muitos jovens não mais compareciam.

O livro "História da PJ no Brasil" discute a questão da diferença entre o processo vivido pela Ação Católica, pela Especializada e pela Pastoral da Juventude Geral até chegar a PJ por Meios Específicos. *"Se no tempo da Ação Católica esta questão (dos meios específicos) foi, por assim dizer, imposta por decisões vindas de fora, na Pastoral da Juventude do Brasil foi uma questão que se foi descobrindo aos poucos, com base na troca de experiências e na discussão sobre o melhor modo de a juventude tornar-se uma força transformadora e uma pastoral que levasse realmente ao engajamento."*(PIERDONÁ, 1990; p.29.)

Aos poucos os jovens foram se dando conta de que era impossível transformar a sociedade sem estar nela inserido. Não dava para ficar fechado dentro dos grupos nas comunidades eclesiais. Ao referir-se a essa questão, Jorge Boran constata que *"Era preciso sair da comunidade eclesial e se engajar nos meios específicos fora dela: ambiente de estudo (escola e universidade), trabalho e moradia (bairro popular). As ferramentas privilegiadas para transformar a sociedade se encontravam dentro destes meios: movimento estudantil, sindicatos, partidos, movimento popular (associação de bairro, movimento de saúde, movimento de favelados...) Era necessário formar grupos e pastorais específicas para trabalhar nesses meios."*(BORAN, 1994: p.55.)

Com isso, surgiram, no Brasil, a Pastoral da Juventude do Meio Popular, a Pastoral Universitária, a Pastoral da Juventude Rural e a Pastoral da Juventude Estudantil. Cada uma dessas pastorais específicas passou a ter sua organização e autonomia e, ao mesmo tempo, possuíam íntima ligação entre elas, todas eram pastorais da juventude orgânica.



1.5 – A PASTORAL DA JUVENTUDE ESTUDANTIL

A Pastoral da Juventude Estudantil tem origem em duas vertentes:

A primeira vem de militantes da Pastoral Universitária com forte memória da Juventude Estudantil Católica e da Juventude Universitária Católica. Já que a Pastoral Universitária começou a se articular em 1979, por que não ter uma experiência a nível secundarista?

A segunda vertente veio de agentes da Pastoral da Juventude que participavam de grupos paroquiais. Já em 1978 debatia-se, na PJ do sul do Brasil, a questão dos meios específicos. A reflexão fundamentava-se, em grande parte, na experiência da Ação Católica Especializada.

Mas, foi por iniciativa de Luís Eduardo Batista, um universitário que havia conhecido e participado um tempo na JEC, e de um grupo de estudantes do Colégio Marista de Goiânia que se efetivou a primeira articulação a nível nacional, concretizada em julho (8-11) de 1982. Estavam presentes 14 pessoas de Belém, Brasília, Goiânia e Campinas. Todos eles eram estudantes. Na pauta desse encontro consta a troca de experiências, Pastoral Secundarista e a sua relação com a PJ, método de trabalho, campo de atuação, espiritualidade e prática política. Fez-se também nessa reunião *"um estudo sobre o meio estudantil, a Igreja e a sociedade e recordou-se um pouco da história da JEC. O assessor dessa primeira reunião foi um antigo assistente da JEC: o professor Ivo Mauri."* (PJE do Brasil, 1995: p.51.)

O resultado foi o começo da articulação das experiências existentes e reais em vários lugares, do norte ao sul do país.

Aos poucos, partindo sempre da realidade educacional, começou-se a sistematizar pedagógica e teologicamente o que seria esta pastoral.

Sua inserção no Movimento Estudantil também ficou clara desde o início, bem como a Revisão de Vida e a Revisão da Prática.

Em julho (9-11) de 1984, na terceira reunião nacional (a segunda foi em fevereiro de 1983, em Goiânia), viu-se ser necessário esclarecer alguns termos como: "pastoral orgânica", "pastoral da juventude", "pastoral educativa", "pastoral da juventude específica", "grupos de militantes" e



outros. Dessa discussão viu-se que, melhor que "Pastoral Secundarista", a articulação que se estava iniciando deveria chamar-se "Pastoral da Juventude Estudantil". A descoberta foi motivo de muita alegria.

Nessa reunião, *"os estudos e aprofundamentos que se realizaram, referiam-se, à identidade da pastoral: espiritualidade, assessoria, metodologia, articulação e ação da PJE."* Dois assuntos foram discutidos de maneira emocionante: *"o debate da PJE e a opção pelos pobres e a discussão sobre prática pastoral e prática política."* (PJE do Brasil, 1992: p.6.)

É importante ressaltar que, desde o início, a PJE tinha uma ligação com jovens estudantes de outros países que se dava através do contato com o Secretariado Latino Americano do MIEC-JECI (Movimento Internacional dos Estudantes Católicos e Juventude Estudantil Católica Internacional).

Em julho de 1985, em Brumadinho - MG, acontece o 4º Encontro Nacional da PJE. É nesse encontro que surge a idéia da elaboração dos Cadernos da PJE, aprovada no 5º Encontro Nacional em Vitória - ES, nos dias 21 a 26 de julho de 1987.

No 6º Encontro Nacional em Divinópolis - MG, em julho de 1989, deliberou-se, entre outras coisas, sobre a aprovação do **Dia Nacional do Estudante Secundarista**, 28 de março (dia da morte do estudante Edson Luís, em 1968) e a troca do termo "Encontro Nacional" para "Assembléia Nacional".

Depois desse encontro, nos anos seguintes, a Pastoral da Juventude Estudantil enfrentou vários problemas, especialmente a diminuição dos grupos, a nucleação que não funcionava, assessoria reduzida e despreparada e, a fragilidade econômica. Isso tudo fez com que a 7ª Assembléia Nacional só acontecesse em julho de 1993, em Belo Horizonte, onde se sentiu claramente um novo ânimo na Pastoral da Juventude Estudantil, apesar de não existir um grande número de grupos. A partir daí, começou-se a reelaboração dos Cadernos da PJE, aprovados na 8ª Assembléia Nacional, em julho de 1995, em Barbacena - MG.



É importante ressaltar, ao longo desses anos, a realização de cinco Seminários Nacionais de Assessores e quatro Seminários Nacionais de Militantes. São marcos importantes na caminhada e na construção da identidade da Pastoral da Juventude Estudantil.

Desde o início a PJE trouxe à tona vários temas muitos debatidos: Escola Estatal X Escola Particular; educação de qualidade e gratuita; opção pelos pobres; assessoria religiosa e leiga; tendências no Movimento Estudantil; a Lei de Diretrizes e Bases; a mística e a espiritualidade; a busca e a construção da Identidade da PJE. Jorge Boran coloca que, hoje, no contexto atual de educação e do mundo estudantil, *"a PJE tem como desafio ser presença transformadora e cristã dentro da instituição que mais congrega jovens... A Pastoral deve questionar um sistema educacional que funciona como fábrica, produzindo, em série, alunos que são tratados somente como receptáculos de informação, sem pensamento próprio. Os militantes têm como meta contribuir para a construção de um projeto alternativo de escola."*(BORAN, 1994: p.48.)

2 – CONTEXTO ATUAL

A maneira como entendemos a sociedade em que vivemos forma a nossa visão de mundo que define e orienta as nossas ações. A visão de mundo é constituída pela leitura que fazemos do mundo, pela forma como organizamos nossa ação nele e pelos ideais que temos em relação a como o mundo deveria ser. Possui, portanto, elementos que envolvem juízo e vontade. *"Nenhuma das visões de mundo, ao contrário do que se poderia pensar, é passiva. São sempre ativas nos sujeitos, independente de onde elas foram desenvolvidas e se estão explicitadas. Todos baseamos nossa ação cotidiana em visões de mundo."*(GANDIN, 1997: p.36) Com isso percebemos a importância de conhecer e analisar bem o contexto atual da sociedade em que estamos inseridos.



Como sabemos que, se nossa visão de mundo não for crítica e auto-construída, ela sempre estará correndo o risco de ser constituída de valores e crenças da cultura dominante, precisamos conhecer nossa realidade para poder transformá-la.

Aqui buscaremos entender o contexto atual, centralizando a análise mais nos temas relacionados com o objetivo deste trabalho: educação, qualidade total, igreja católica e a realidade da juventude hoje.

2.1 – EDUCAÇÃO E QUALIDADE TOTAL

Não podemos olhar para a educação desvinculada do contexto sócio-político-econômico em que estamos inseridos. Se a economia vai mal, a situação da educação não é diferente. Segundo dados do IBGE apresentados na Revista Mundo Jovem, numa projeção feita para o ano 2000, *“o Brasil terá 26,4 milhões de analfabetos, o que corresponde a 15% de uma população estimada em 176 milhões de habitantes. Isso representa o dobro da população do Chile.”* (IBGE, 1995: p.21) A mesma revista apresenta outro dado alarmante: *“uma pesquisa do MEC revela o rendimento dos alunos de até 13 anos que freqüentam 2806 escolas brasileiras em 26 estados: os brasileiros recebem a pior educação básica da América Latina e a terceira pior do mundo, superior apenas a Bangladesch e Guiné Bissau. No Brasil apenas 33% dos estudantes concluem o 1º grau, enquanto que na Bolívia são 64%, Paraguai 68%, Chile 85% e Cuba 92%.”* (MEC, 1995, p.21) Fica claro o descaso com que a educação é tratada pelos governantes. Zuleide Faria de Melo constata que *“os setores sociais que FHC defendeu ardorosamente na campanha foram completamente abandonados. O grande exemplo disso é o sucateamento da saúde e da educação, essenciais para a sobrevivência e a construção da cidadania do povo brasileiro.”* (MELO, 1996: p.21) Luiz Passos, neste mesmo sentido, é mais enfático quando diz: *“Apesar dos discursos inovadores, ditos modernizantes ou pós-modernos, nos processos*



educacionais geridos pelo Estado brasileiro - 'É hora da escola!' e outras baboseiras - estamos assistindo efetivamente a uma ação homogeneizadora, de caráter eminentemente simbólico-cultural. Trata-se de uma política de hegemonia do Estado que tem proporcionado, de forma sistemática, o seqüestro da cidadania, via o desmantelamento das significações diferenciadas que produzem as ricas identidades que ornaram o pluriculturalismo no país. Não é a destruição da cultura (somente), trata-se da destruição dos sujeitos da cultura, leia-se genocídio. FHC comanda uma política de exclusão, assimilação, etnocêntrica, em relação às diversidades culturais do país, num patrolamento, com velocidades nunca antes vistas, nem nos governos ditatoriais, cujos interesses e objetivos não coincidem em momento algum com os interesses dos brasileiros."(PASSOS, 1996: p.38)

Em dezembro de 1996, foi aprovada a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Brasileira, a partir de um projeto apresentado de atropelo pelo Senador Darcy Ribeiro, jogando por terra todo um processo de discussão articulado na sociedade e na Câmara e mostrando que o governo e seu grupo não respeitam a participação popular e que continuam adeptos da "democracia do é dando que se recebe"(CUSTÓDIO, 1997: p.1-3)

Fernando Rossetti, na Folha de São Paulo, comentando a nova LDB, que tramitou durante oito anos no Congresso, coloca: "As reclamações em relação a essa nova lei são mais em torno do que ela não define do que daquilo que ela estabelece. É que a nova LDB 'é uma lei enxuta' como gosta de definir o ministro da Educação, Paulo Renato Souza. Cria a possibilidade de o ensino regular ser ministrado a distância (com TV e Internet), permite que o ensino médio seja diversificado - hoje há um tipo padrão de 2º grau, mais alguns cursos profissionalizantes - e estabelece novas alternativas de formação de professores, entre muitas outras coisas. Mas é uma lei que desfavorece, por exemplo, a educação infantil, tratada em três breves artigos. A questão dos recursos para a educação foi completamente mexida por uma emenda constitucional sancionada na semana passada: o Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério. Novamente os setores mais atingidos são os citados por essa lei que,



até 2007, vincula ao 1º grau em torno de 60% de todos os recursos que Estados e municípios põem em educação.”(ROSSETTI, 1996: p.2)

Sabemos que hoje a maioria dos municípios e estados brasileiros investem mais em outras áreas, como por exemplo, com cursos técnicos e profissionalizantes de 2º grau. Com isso o 1º grau, base de uma boa educação, vai ter que se contentar com as sobras, prejudicando as crianças e especialmente os jovens e adultos não-escolarizados, já que foi vetado pelo atual presidente o texto que permitia que os cursos supletivos de alfabetização e 1º grau fossem incluídos dentro desse fundo.

Por falar em fundos, quando analisamos a realidade e os investimentos na educação, devemos colocar a influência que o Banco Mundial vem exercendo. Nos últimos trinta anos, ele vem ampliando a sua influência e ação na educação de muitos países, inclusive no Brasil. No livro *“O Banco Mundial e as políticas educacionais”*, coloca-se que *“as propostas do BM para a educação são feitas basicamente por economistas dentro da lógica e da análise econômica. A relação custo-benefício e a taxa de retorno constituem as categorias centrais a partir das quais se define a tarefa educativa, as prioridades de investimentos (níveis educativos e fatores de produção a considerar), os rendimentos, e a própria qualidade. O modelo educativo que nos propõe o BM é um modelo essencialmente escolar e um modelo escolar com duas grandes ausências: os professores e a pedagogia. Um modelo escolar configurado em torno de variáveis observáveis e qualificáveis, e que não comporta os aspectos especificamente qualitativos, ou seja, aqueles que não podem ser medidos mas que constituem, porém, a essência da educação.”* (TOMMASI e outros, 1996: p.138 e 139)

Os principais agentes da educação não são lembrados e nem convidados a participar do processo educativo. Isso mostra que estamos inseridos numa sociedade excludente, onde a miséria é cada vez maior, o acesso às escolas com um ensino de qualidade e a permanência nas mesmas estão se tornando um privilégio de apenas uma minoria. O grande problema da educação brasileira é que ela diz formar pessoas para a vida e, na verdade, “ocultamente”, vai selecionando, classificando as pessoas para serem incluídas ou excluídas. Discute-se muito hoje sobre quem é o



centro do processo educativo. Para alguns é o aluno, para outros é o professor, para outros ainda, é o conteúdo. A meu ver, no centro do processo educativo está um projeto social. Por isso, para entender a educação atual, temos que partir da globalização da economia e entender o projeto neoliberal.

Nessa perspectiva neoliberal, a qualidade tem-se transformado no principal atributo exigido da educação. Esta nova euforia pode criar a falsa imagem de que nos encontramos diante de um novo consenso: todos estamos a favor da qualidade... e quem está contra, está contra a própria educação. No entanto, o problema parece mais complexo.

Como nos diz Sonia A. Marrach, *"a retórica neoliberal atribui um papel estratégico à educação e determina-lhe basicamente três objetivos:*

- 1- Atrelar a educação escolar à preparação para o trabalho e a pesquisa acadêmica ao imperativo do mercado de trabalho ou às necessidades da livre iniciativa;*
- 2- Fazer da escola um meio de transmissão dos seus princípios doutrinários e*
- 3- Fazer da escola um mercado para os produtos da indústria cultural e da informática."*

(MARRACH, 1996: p.15)

Diante da questão da qualidade, existem pelo menos duas grandes perspectivas: uma, atualmente dominante, é o enfoque neoliberal da qualidade como critério produtivista de diferenciação; outra, a perspectiva democrática e crítica que entende a qualidade da educação como direito social.

A perspectiva neoliberal tenta apresentar-se como a única interpretação válida e rigorosa que deriva de uma análise objetiva dos fatos. Nesta mesma linha o enfoque democrático é descartado como uma mera ideologia sem aplicações concretas no trabalho cotidiano das escolas.

Pela perspectiva neoliberal, o discurso da qualidade deve substituir o já "ultrapassado" discurso da democratização. Por esse enfoque, os sistemas educacionais enfrentam muito menos um problema de expansão e muito mais um problema de eficiência e de produtividade. É necessário deixar de insistir na quantidade e começar a preocupar-se com a qualidade: não faltam professores, faltam melhores professores; não faltam escolas, faltam melhores escolas; não faltam



recursos, falta gastar melhor os recursos que já possuímos etc. Para solucionar esse problema o desafio é a qualidade. Os neoliberais reconhecem que essa tentativa já foi desenvolvida em outros âmbitos com excelentes resultados. Onde? Especialmente nas empresas modernas. Por vários anos elas desenvolveram estratégias de controle de qualidade que têm permitido melhorar substancialmente as mercadorias fabricadas e, ao mesmo tempo, produzir mais. Conclusão: se o sistema educacional seguisse os modelos empresariais de controle de qualidade e os aplicasse de forma específica nas escolas, elas melhorariam sua produção, o trabalho pedagógico seria mais eficiente e o desempenho dos alunos aumentaria. A escola, então, deve produzir tendo como principal parâmetro de ação o mercado de trabalho.

Para poder pensar em uma educação de qualidade, nos dizem os neoliberais, devemos pensar no próprio sistema escolar como se o mesmo fosse um mercado. As duas questões se articulam. Com efeito, na medida em que as escolas são pensadas como empresas que devem produzir com qualidade para competir nos diferentes mercados, o próprio sistema escolar se transforma em um mercado competitivo. Com isto, a qualidade de educação aparentemente melhora.

Um exemplo concreto dessa concepção é o sentido e a importância que os neoliberais atribuem aos testes e às avaliações. Em qualquer mercado os consumidores dispõem de mecanismos que lhes permitem ter acesso a informações gerais sobre a qualidade das mercadorias disponíveis. Ingressar num mercado sem possuir informações do que ele oferece supõe correr um sério risco de ser enganado. Desta forma, os pais de alunos, os empresários que contratam graduados universitários, os próprios alunos que deverão competir no mercado dos postos de trabalho devem conhecer o que oferecem as instituições educacionais, qual é o grau de eficiência do seu serviço e como se localizam dentro de um “ranking” de qualidade, as diferentes escolas, os estudantes e os professores. Isto tudo para permitir que somente os melhores sejam recompensados, para permitir que somente aqueles que se “esforçam” triunfem na vida. Segundo Sônia A. Marrach, *“o aspecto central do projeto neoliberal é a adequação da escola e da universidade pública e privada aos mecanismos de mercado, de modo que a escola funcione à*



semelhança do mercado.”(MARRACH, 1996: p. 22) A educação e o conhecimento são reduzidos a meros fatores de produção alheios às relações de poder.

Uma concepção democrática próxima da qualidade da educação deve partir de uma perspectiva radicalmente diferente das que defendem as burocracias neoliberais e seus intelectuais reconvertidos. Neste enfoque, a qualidade da educação é uma questão diretamente vinculada ao caráter público e democrático que define o direito à educação em uma sociedade moderna. A qualidade é sempre um problema de quantidade, assim como a quantidade é sempre um problema de qualidade. Um dos princípios democráticos que dá sentido a esta concepção é: **qualidade para poucos não é qualidade, é privilégio.**

Penso que a qualidade não se conquista no mercado simplesmente porque o mercado divide, fragmenta, desintegra, exclui. A qualidade se conquista numa sociedade democrática, somente nos espaços públicos... e um espaço social só é verdadeiramente público quando é de qualidade. Neste sentido, a qualidade da educação desempenha uma função integradora mais que classificatória; tem caráter inclusivo e não diferenciador. Educação não constitui um princípio que deriva da competição mercantilista do funcionamento social e sim de um princípio ético a ser definido, condição inalienável que define a igualdade de oportunidades e sustenta as bases de uma sociedade democrática.

A qualidade da educação é um direito social, ou melhor expressado, a qualidade é um dos atributos centrais que define o direito à educação conquistado quando existe uma escola pública democrática e de qualidade. Pelo contrário, quando a sociedade é pensada e construída como um simples tecido de mercados competitivos, a noção de cidadania perde consistência democrática, se dilui, desaparece. Surge assim a idéia de uma sociedade formada por “consumidores racionais”, os quais deixam de ter direitos sociais e começam a ter direitos de propriedade. No mercado tudo se compra e se vende: trabalho, educação, saúde, segurança e, inclusive, a própria vida. Segundo Tomaz Tadeu da Silva,(1994: p.21) o discurso da qualidade total, das excelências da livre iniciativa, da “modernização”, dos males da administração pública reprime e desloca o discurso da igualdade/desigualdade, da justiça/injustiça, da participação política numa esfera pública de



discussão e decisão, tornando quase impossível pensar numa sociedade e numa comunidade que transcendam os imperativos do mercado e do capital.

Não se pode defender o princípio empresarial-produtivista da qualidade e, ao mesmo tempo, não aceitar as conseqüências discriminadoras que ele produz: mais exclusão para as maiorias e mais privilégios para as minorias. Os efeitos discriminadores desta perspectiva não são erros que podem ser evitados com “boa vontade” e “técnicos competentes”. A profundidade das tendências discriminadoras já existe em nossos sistemas educacionais e é uma conseqüência inevitável dos princípios que regulam essa concepção conservadora de qualidade. No mecanismo de seleção natural que impõe o mercado, somente sobrevivem os melhores... e uma nada inocente coincidência do darwinismo social é que, em nossas sociedades, sempre “os melhores” acabam sendo os que possuem mais dinheiro.

Democráticas são as sociedades e as escolas que instauram um processo de relações cujo horizonte histórico seja a equalização no plano do conjunto das condições necessárias à emancipação humana. Como nos diz Tomaz Tadeu da Silva, *“Educadoras e educadores precisam, mais do que nunca, assumir sua identidade como trabalhadoras/es culturais envolvidas/os na produção de uma memória histórica e de sujeitos sociais que criam e recriam o espaço e a vida sociais.”* (SILVA, 1994: p.28)

Nós, que lutamos por uma educação democrática, em uma sociedade igualitária, livre, que leve a uma cultura da solidariedade, devemos repudiar e combater esta concepção discriminadora e excludente que os neoliberais tratam de impor em nossas escolas. Como diz Frei Betto: *“Só há esperança para quem acredita que esse dilúvio não é capaz de inundar todos os sonhos e ousa navegar, ainda que soprem fraco os ventos, nas asas da solidariedade aos excluídos, da luta por justiça, do cultivo da ética, da defesa dos direitos humanos e da busca incansável de um mundo sem fronteiras também entre abastados e oprimidos. Mas isso é outra história, que exige muita fé e certa dose de coragem.”* (BETTO, 1996: p.19.)



2.2 – IGREJA E EDUCAÇÃO

Como nos coloca Clodovis Boff, para se “*analisar corretamente a conjuntura da Igreja, há que se levar em conta três níveis: a) a conjuntura propriamente dita, hoje recentralizadora; b) a estrutura histórica da Igreja, há um milênio centralista; c) e sua natureza dogmática, segundo a qual a Igreja é constitucionalmente comunhão (comunidade dos fiéis).*”(BOFF e outros, 1996: p.59)

É com esses elementos e dentro desse universo que temos que analisar a presença e atuação da Igreja Católica hoje. Há hoje, dentro da Igreja, dois projetos em tensão:

1º - O projeto centralizador, conduzido pelo Vaticano, com o Papa e a Cúria Romana, é um projeto baseado na autoridade e no poder. “*É um projeto de uma Igreja centralizada (para dentro) e visando uma presença social forte, compacta (para fora).*”(BOFF e outros, 1996: p.56)

Essa postura é, internamente, centralizadora (basta ver a punição a Leonardo Boff e outros teólogos da libertação) e, exteriormente, baseia-se em um discurso de engajamento social (basta ver as posições tomadas nos discursos do Papa, onde se manifesta contra a fome, miséria, guerras, torturas...).

2º - O projeto de participação, centrado na comunidade dos fiéis, em sua vida e missão. “*Trata-se, para dentro, de uma Igreja de diálogo e para fora, de uma Igreja socialmente fermentadora e profética. É a imagem de uma Igreja ‘irmã’, ‘companheira’.*”(BOFF e outros, 1996: p. 57)

Como vemos, de um lado temos o projeto centralizador que nos últimos anos vem crescendo muito, alcançando hoje uma hegemonia bastante tranqüila e, de outro, o projeto participativo, que passa por várias dificuldades de articulação e que está repensando suas estratégias e atuação, encontrando-se numa situação de extrema desvantagem. Deve-se, também, juntar a isso a força e atuação do projeto neoliberal que golpeia as organizações e movimentos populares, inclusive as da Igreja Católica.



A tensão entre esses dois projetos é vivida pela PJE e demais pastorais da Igreja, já que estão enraizados na mesma estrutura dogmática, partilhando as mesmas crenças, sacramentos e mesmos pastores.

Apesar de o Brasil sempre ter sido visto como um país tradicionalmente cristão, a transformação de uma sociedade agrária numa sociedade urbana e industrial submeteu a religião do povo a uma nova crise. A Igreja, mesmo tendo feito opção preferencial pelos pobres, está dividida entre o compromisso libertador e a acomodação ao sistema atual e inserida dentro do contexto neoliberal e da realidade pós-moderna.

Na realidade atual, proliferam as seitas, que muitas vezes contam com o apoio e com recursos de países poderosos. É a época da “Nova Era”, com volta ao passado, gnomos, duendes, anjos, agnosticismo, esoterismo, pirâmides, astrologia, etc. Nesse sentido, dentro da própria Igreja Católica, vemos movimentos como, por exemplo, a Renovação Carismática e o chamado Neocatecumenato, que não buscam uma formação integral da pessoa e sim princípios centrados somente nas dimensões religiosa e espiritual. Por outro lado, a mudança se fez sentir de diversas formas. Constata-se, em muitos lugares, uma crescente valorização do dado religioso, uma consciente integração entre Fé e Vida, a busca de uma liturgia mais vivencial e de uma catequese mais comprometida com a realidade do povo. Cresce também a vivência da fé engajada em comunidades eclesiais e em grupos cristãos conscientes como, por exemplo, os Grupos de Fé e Política, grupos que, sabemos, contribuem para a renovação interna da Igreja, bem como para as mudanças políticas e sociais.

No campo educacional, a Igreja tem desenvolvido e apresentado à sociedade, especialmente nos últimos anos, diversas reflexões e documentos, mostrando a importância da educação.

O Marco Referencial da Pastoral da Juventude Estudantil, ao comentar o sistema educacional brasileiro, coloca que *“A educação brasileira insere-se num contexto social de miséria, de injustiça, corrupção e descaso pela cultura, embora tenhamos uma cultura popular muito rica. É um sistema impositivo, que impede a criatividade e o espírito crítico; elitista,*



sustentando mecanismos socio-culturais para a seleção e a reprodução das classes dirigentes, marginalizando e mantendo em situação de dependência a grande maioria da população; manipulado, por grupos minoritários do poder, preocupados em assegurar seus próprios interesses e impor sua ideologia. A ação neoliberal dá-se de forma bastante peculiar neste momento de acumulação capitalista. A educação é pensada, novamente, como uma questão técnica, sem levar em conta as questões estruturais."(PJE do Brasil, 1995: p.20)

Nesse mesmo sentido, a CNBB, no documento "Para uma Pastoral da Educação", diz que *"o sistema educacional vigente em nosso país constitui verdadeiro desafio à Pastoral da Educação. Sendo um subsistema do sistema social, ele tende a reproduzir a estrutura desumanizante de nossa sociedade. É por isso um sistema que veicula o individualismo, o consumismo, a mitificação do mundo, o pragmatismo e o imediatismo, a alienação cultural, a passividade e a uniformidade (ignorando o pluralismo de situações, de necessidades e de culturas). Enfim, é um sistema que funciona, em grande parte, como mecanismo de afirmação de estruturas sócio-econômicas, alienantes e profundamente injustas, bem como de adaptação a essas mesmas estruturas.*"(CNBB, 1986: p.44)

A Igreja, no mesmo documento, coloca o que considera como fundamento de toda educação - *"É a busca constante que as pessoas e os grupos fazem de sua própria identidade. É o empenho em vista do processo de humanização e personalização e a aquisição de meios para uma atuação transformadora na sociedade.*"(CNBB, 1986: p.48)

No documento "Educação, Igreja e Sociedade", a Igreja não fica só nas considerações teóricas, mas se posiciona e faz diversas propostas. Posiciona-se e defende, entre outros aspectos:

- *"o direito de todos a uma educação de qualidade;*
- *a elaboração participativa de uma política educacional;*
- *uma educação que vise à capacitação para o pleno exercício da cidadania;*
- *a valorização da memória cultural do povo e de sua capacidade criativa;*
- *o desenvolvimento crítico diante da comunicação social;*

- a avaliação do processo de intervenções e do serviço prestado pelas pessoas e movimentos que atuam junto aos grupos populares;
- o direito e o dever da família em educar seus filhos a partir dos seus princípios religiosos e de seus valores;
- a garantia do ensino religioso como parte do currículo escolar, visando à educação integral do estudante;
- a gratuidade total, para o aluno, do ensino fundamental. Ele deve ser financiado pelo poder público em escolas estatais, confessionais, comunitárias ou filantrópicas;
- a valorização do educador como pessoa, cidadão e profissional;
- a vivência adulta dos conflitos e tensões que se refletem na educação;
- o conhecimento do valor social das instituições educacionais católicas;
- a colocação das Universidades e Instituições de Ensino Superior a serviço do desenvolvimento do homem e da sociedade;
- a organização, onde não houver, e o apoio e dinamização da Pastoral da Educação em todas as paróquias, dioceses e regionais da Igreja.”(CNBB, 1992: p. 76)

Os bispos defendem, no mesmo documento, a perspectiva cristã de educação que, dentro do período de inovações e transformações sociais que vivemos, não pode defender uma educação elitista, mas uma perspectiva de educação para todos, onde a pessoa é colocada como um ser responsável por si mesmo e pelo mundo em que vive. Neste sentido “a educação tem uma dimensão política e as instituições educativas devem ter consciência desta dimensão. Não há neutralidade. A consciência da igual dignidade de todos os seres humanos à educação postula o direito de todos a uma educação de qualidade. É ao Estado que compete garantir este direito.” O documento fala que compete ao Estado garantir este direito, mas não defende explicitamente a escola pública. Mais adiante coloca, ainda, que a educação deve ser evangelizadora, exercendo “a função crítica própria da verdadeira educação, tornando o educando sujeito do próprio desenvolvimento e do desenvolvimento da comunidade.”(CNBB, 1992: p.78)

Será que os colégios católicos vivem na prática esses aspectos defendidos e assumidos pela Igreja?

2.3 – REALIDADE DA JUVENTUDE

Os bispos da América Latina reunidos em Santo Domingo, falando sobre a situação dos adolescentes e jovens latino-americanos, constatam que *“muitos jovens são vítimas do empobrecimento e da marginalização social, do desemprego e do subemprego, de uma educação que não responde às exigências de suas vidas, do narcotráfico, da guerrilha, das gangues, da prostituição, do alcoolismo, de abusos sexuais. Muitos vivem adormecidos pela propaganda dos meios de comunicação social e alienados por imposições culturais e pelo pragmatismo imediatista que tem gerado novos problemas no processo de amadurecimento afetivo dos adolescentes e dos jovens.”* (CELAM, 1993: p.76)

Por outro lado, vemos que há adolescentes e jovens que reagem contra o consumismo que impera na sociedade e se sensibilizam com as fraquezas e problemas das pessoas e com a situação desesperadora dos mais pobres. Buscam inserir-se em movimentos sociais, repudiando a corrupção, a exploração, a ganância do lucro e geram espaços de participação genuinamente democráticos. Cada vez mais são os jovens que se reúnem em grupos, movimentos e comunidades eclesiais para participar e realizar distintos serviços de ação missionária, apostólica e de cidadania. Os adolescentes e jovens estão vivendo grandes interrogações, representam e buscam o desafio de montar um projeto de vida pessoal e comunitário que dê sentido às suas vidas, melhorando e contribuindo assim na construção de um mundo mais justo e fraterno.

Até o final do século XX, 84% dos jovens estarão no terceiro mundo e como vemos que, no Brasil, 50% da população tem menos de 20 anos. (DICK e outros, 1993: p.23) A juventude não é só o grupo mais numeroso da sociedade brasileira, também é uma grande força de pressão,



portadora de suas próprias idéias e valores e de seu próprio dinamismo interior. O jovem está se tornando e já é urbano. É bem provável que mais de 80% dos jovens vivam hoje nas cidades. Já os jovens da zona rural, por um lado, em busca de trabalho e de sobrevivência, são influenciados pelos MCS e seduzidos pela cidade com suas tentações e atrativos e, por outro lado, são esmagados pela mecanização agrícola, falta de apoio aos pequenos produtores e falta de perspectiva de vida.

Com a reestruturação neoliberal da economia, a recessão se faz presente em nosso dia a dia, gerando desemprego e arrocho salarial. Esta situação, combinada com o desmonte do Estado e das poucas políticas sociais mais a retração dos investimentos, nos leva a um quadro cada vez mais caótico para a inserção dos jovens no mercado de trabalho. *“Segundo pesquisa de emprego e desemprego da Fundação Seade e do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), o desemprego para quem tem entre 18 e 24 anos cresceu 21% em 1996. Para os ainda mais jovens, com 15 a 17 anos, o aumento foi de 38,7%. A reestruturação do processo produtivo eliminou cargos que funcionavam como porta de entrada para o jovem no mercado de trabalho, que se tornou mais exigente e muito mais competitivo, analisam os consultores.”* (Diário de Marília, 1997: p.17-A.)

Por ser cada vez mais difícil o acesso a um posto de trabalho digno, aumentam as frustrações pessoais, seguidas, inevitavelmente, do aumento de conflitos na família e da não continuidade nos estudos, a qual se constitui em um dos mais eficientes mecanismos de manutenção da pobreza, pois inviabiliza o acesso a um mínimo de conhecimento, aumentando a procura de drogas, como forma de fuga, produzindo desajuste social progressivo em médio prazo. A longo prazo, tal situação produzirá uma sociedade sem identidade, sem memória, sem um conjunto de normas e valores que possam definir de fato uma sociedade.

Fala-se hoje que a juventude está envolvida numa cultura onde entram o som, o corpo, o sexo, as emoções e outros aspectos, carregando em si as questões da AIDS, o alcoolismo, a gravidez, o aborto, os desajustes familiares e outras cargas que atingem o corpo e o coração daqueles que não deixam de ser, apesar de tudo, a alegria e esperança de dias melhores.



Também, como nos diz Joaquim Mol, *“marca a vida da juventude o pluralismo cultural e religioso. Hoje a sociedade urbana, moderna, é pluriforme, fragmentada, onde cada aspecto de sua vida (trabalho, residência, estudo, lazer, Igreja...) é vivenciado com pessoas e em locais diferentes e oferece muitas e variadas opções, sem muito controle social. Esta realidade desintegra e desorienta as pessoas que ficam praticamente sem referências e têm que se acostumar mediante a mobilidade e equilibrar-se mediante a instabilidade. O pluralismo, por outro lado, proporciona espaços para a vivência da liberdade, a experiência do respeito mútuo e para o desenvolvimento da capacidade de decidir, escolher e conviver harmonicamente com o diferente, com o outro (capacidade de tolerância).”*(MOL, 1993: p.10)

A busca do sagrado é outro fenômeno bem forte. Entram aí o misticismo, o esoterismo e outras tendências atuais. Nesse sentido é importante atentarmos para as conclusões de João Batista Libânio. Para ele, o jovem de hoje *“olha com ceticismo para o mundo que os seus antepassados construíram. Ele preza muito sua vida, seu prazer, o presente, seu bem estar, de modo a não empenhar-se nessa aventura desvairada da modernidade avançada. O aspecto emocional, associado à beleza, a ritos expressivos, a gestos que provoquem sentimento de liberdade, de gozo. O hedonismo dominante em todos os setores da sociedade encontra também sua manifestação na espiritualidade juvenil. A palavra mágica é **experimentar** o nível do sentimento e da emoção. Moças e rapazes já não se acanham de manifestar seus sentimentos religiosos, de mostrar seus gostos e suas emoções. Crescem em importância no perfil religioso do jovem a estética, a beleza, a música, a coreografia, a expressão corporal, a presença de simbolismos.”*(LIBÂNIO, 1996: p.16-18.)

É importante nos darmos conta desse novo jovem, com essas características de que nos fala Libânio. É esse jovem que compõe a grande maioria da juventude, e é com esse tipo de jovem que a educação, Igreja e pastorais interagem.

O que a PJE e demais pastorais fazem diante dos problemas (drogas, aids, gravidez na adolescência...) que os jovens de hoje apresentam? É esse jovem o ponto de partida e o maior



desafio para esses movimentos e pastorais. Em resumo, como nos conclui o documento brasileiro para o Congresso latino-americano de Jovens, na “cultura atual:

- a) o indivíduo é o mais importante, é o centro;
- b) há fragmentação entre as diversas áreas da pessoa;
- c) há pluralidade de idéias, cultura e religião;
- d) existe a força da ciência e tecnologia - que são levadas em conta para explicar fenômenos tanto sociais quanto naturais;
- e) há transformações rápidas e profundas;
- f) a novidade chega através dos MCS e a Tradição perde em parte o valor de referência;
- g) há competitividade;
- h) não há ordem preestabelecida;
- i) existe relação pessoa x coisa;
- j) e existe mobilidade permanente e insegurança.”(PJ do Brasil, 1991: p.2)

Mesmo que a política não seja uma arma que tenha a simpatia da maioria do jovem, a preocupação com o ecológico e com a saúde, mesmo cercada por uma ciranda de contradições, é um fato. Ao lado disso, contudo, de forma dramática, estão o desemprego, a marginalização e a exclusão. Como coloca Helena Abramo, “Os jovens têm menos interesse na organização política. Isso aponta para a dificuldade que as instituições políticas tradicionais têm em dar respostas, criar canais de participação da juventude. Eu penso que uma coisa negativa disso é que a juventude cria uma distância do universo político. Agora, o fato de estarem se organizando através de caminhos culturais é um dado positivo. É um meio através do qual a juventude pode estar expressando as suas questões. Mas o grande enigma é como fazer com que essa participação, estas atividades culturais possam se desenvolver na direção de um diálogo democrático com outros setores sociais.”(ABRAMO, 1996: p.3.)

O jovem quer soluções rápidas e resultados. Apesar disso, olhando a nossa realidade, vemos que a juventude tem tido uma grande presença em todos os movimentos sociais e eclesiais que estão acontecendo.



“Em 1992, em poucas semanas, muitos jovens despertaram para a participação política durante a campanha do ‘impeachment’ do ex-presidente Collor. Trata-se de uma característica típica da juventude. Em contraste com a geração adulta, os jovens mudam com muita rapidez, dependendo das influências, no caso da imprensa. Há porém, outra face da juventude brasileira, em geral esquecida, que começa a ocupar as manchetes da imprensa e TV. Não são os jovens da classe média, nem das classes populares. São os miseráveis, os jovens que formam a maioria nas superlotadas cadeias públicas, as crianças e os adolescentes que dormem nas ruas e vivem de pequenos furtos, sendo eliminados pelos grupos de extermínio. São jovens que fogem continuamente dos institutos que dizem cuidar dos menores infratores. São os jovens bóia-frias, vítimas de um círculo vicioso de pobreza. São os jovens em situações críticas.”(BORAN, 1994: p.71) Os ‘caras-pintadas’ eram em sua maioria, da classe média e da classe alta. Vemos hoje crescer a consciência de cidadania desses jovens dessas classes, mesmo tendo presente todas as suas contradições resultantes da situação financeira de suas famílias. A outra parcela da juventude, porém, não recebeu nada da sociedade, nada lhe deve e com ela não está comprometida. Está à margem do contexto e da organização sociocultural brasileira.

Sendo a juventude a fase das grandes decisões para a vida, das grandes opções, nessa fase ainda que o jovem enfrenta, além dos desafios próprios da idade, uma constante pressão da família e da sociedade. Esta cobrança é tão grande que dificulta a escolha livre e pessoal. Por um lado, estão os condicionamentos sócio-econômicos que tiram as oportunidades de realização; por outro lado, a propaganda que tira as oportunidades com seus “valores” estranhos à realidade da grande maioria. Podemos dividir, então, as opções dos jovens em três: a opção profissional; a opção afetivo-vocacional, no sentido da realização pessoal; e a militância. Esta última, a militância, talvez seja uma opção conjuntural, mas de fundamental importância no sentido de transformação das estruturas, pois a solidariedade, o compromisso com a classe, a luta dos movimentos populares e estudantis, a necessidade de vida digna leva a um sair de si mesmo, à participação.



O desafio maior é ser jovem cidadão e ser cidadão é assumir o seu papel no mundo. É escrever a história. Participar. É fazer acontecer e não deixar acontecer. É ser um ser social em comunidade. É comprometer-se com o bem público. É realizar a utopia da justiça social.

CAPÍTULO 2

A PJE HOJE

1 – A EDUCAÇÃO CATÓLICA E A PJE FRENTE AOS DESAFIOS ATUAIS

Quando o cristianismo começou, a sua visão de mundo teve de se confrontar com a visão da sinagoga judaica e, depois, com a visão do império romano. Tornou-se hegemônica uma determinada visão cristã de mundo na Idade Média. No Ocidente, o cristianismo começou a perder a hegemonia com a produção da modernidade a partir do século XVI. Daí por diante, as igrejas cristãs vivem, todas elas, cada uma à sua maneira, o mal-estar de conviver em configurações de mundo que não se ajustam com a proposta cristã. Quer dizer, a visão de mundo não escapa ao impacto das configurações socio-econômico-político-culturais dos vários espaços e tempos em que ela vigora.

A Educação e as Pastorais Católicas, nesse contexto, vivem o constante desafio de serem uma presença marcante na realidade. Como diz Tiago Adão Lara, *"caíram os ídolos da cristandade. Caíram os ídolos da modernidade capitalista ou socialista. Esperávamos na força do Vaticano II, das Comunidades Eclesiais de Base, da renovação teológica que, para muitos dos educadores cristãos, significou teologia da libertação ou libertação de certa teologia. Hoje,*



nos apercebemos de que também isso pode erigir-se em ídolo. É preciso que nós, educadores e cristãos, tenhamos a coragem de jogarmos no flúidez que se criou desses desfazimentos, com ousadia e o entusiasmo de sonhar novos mundos." (LARA, 1996: p.30)

CAPÍTULO 2

A PJE HOJE

1 – A EDUCAÇÃO CATÓLICA E A PJE FRENTE AOS DESAFIOS ATUAIS

Quando o cristianismo começou, a sua visão de mundo teve de se confrontar com a visão da sinagoga judaica e, depois, com a visão do império romano. Tornou-se hegemônica uma determinada visão cristã de mundo na Idade Média. No Ocidente, o cristianismo começou a perder a hegemonia com a produção da modernidade a partir do século XVI. Daí por diante, as igrejas cristãs vivem, todas elas, cada uma à sua maneira, o mal-estar de conviver em configurações de mundo que não se ajustam com a proposta cristã. Quer dizer, a visão de mundo não escapa ao impacto das configurações sócio-econômico-político-culturais dos vários espaços e tempos em que ela vigora.

A Educação e as Pastorais Católicas, nesse contexto, vivem o constante desafio de serem uma presença marcante na realidade. Como diz Tiago Adão Lara, *"caíram os ídolos da modernidade. Caíram os ídolos da modernidade capitalista ou socialista. Esperávamos na força do Vaticano II, das Comunidades Eclesiais de Base, da renovação teológica que, para muitos dos educadores cristãos, significou teologia da libertação ou libertação de certa teologia. Hoje,*



nos apercebemos de que também isso pode erigir-se em ídolos. É preciso que nós, educadores e cristãos, tenhamos a coragem de jogarmos na fluidez que se criou desses desfazimentos, com ousadia e o entusiasmo de sonhar novos mundos."(LARA, 1996: p.30)

Como contingência e em decorrência dessas rápidas e profundas transformações econômicas, políticas e sociais, instala-se no centro da humanidade um discurso que proclama a morte da utopia, dos sonhos, da perspectiva de uma vida melhor para todos. É uma espécie de desilusão a tomar conta da humanidade que parece olhar com descrédito a atitude utópica. Porém, como nos diz Célia Costa, *"não se pode, nem mesmo se deve, perder de vista que o universo da utopia é o da dialética constante e permanente, do possível e do impossível, o que impulsiona buscar saídas, possibilidades, em meio aos limites que a realidade concreta está a impor... É urgente que o homem dos nossos dias busque saídas, tome consciência dessa crise que vive a humanidade e que lhe reclama a sua superação.*"(COSTA, 1996: p.112)

Um dos desafios atuais é resgatar a missão fundamental da educação, especialmente para a educação católica, a de buscar a formação integral do ser humano. Podemos dizer que a grande maioria das escolas ligadas a grupos religiosos, a uma Igreja ou a uma filosofia humanista foi criada com o fim de contribuir na construção de uma sociedade mais humana e fraterna.

Este é o desafio hoje da educação católica que se orienta a partir dos valores evangélicos e tem a opção preferencial pelos empobrecidos. João Batista Libânio, neste sentido, comenta que *"a educação católica no Brasil está avançando significativamente na linha da construção de uma sociedade alternativa.*"(LIBÂNIO, 1983: p.32) Claro que podemos perceber que, nos últimos anos, a Igreja dita progressista perdeu muito terreno para a Igreja conservadora coordenada por Roma.

Num sentido mais amplo, Thomas H. Groome coloca que o propósito da educação religiosa cristã *"é capacitar as pessoas a viverem como cristãos.*"(GROOME, 1985: p.163) Ele mostra que, se realmente os valores cristãos forem vividos, teremos uma nova sociedade.

Sabemos que não se educam ou se formam sujeitos abstratos e fora do tempo e do mundo. A educação acontece dentro de mundos concretos, por isso é imprescindível que educadores e

educandos vejam, toquem, ouçam, aprendam do e no seu mundo, se quisermos educar para a autonomia. Educar para que cada pessoa ocupe seu lugar de forma consciente e livre na construção do seu mundo em parceria democrática com os demais. Essa construção supõe um compromisso com contínuas rupturas, inovações, descobertas e criações. Será que a PJE tem clara essa necessidade? Podemos dizer que a proposta de realização humana de Jesus era a construção do Reino dos céus, mas foi proposta para ser vivida aqui na terra. É por isso que a mensagem cristã ainda se faz necessária hoje. Tiago Adão Lara diz que para os educadores cristãos *“educar significa esforço de propiciar discernimento crítico, frente aos vários mundos e seus deuses.”* (LARA, 1996: p.26) Quer dizer, é preciso se posicionar ou dar os meios para que as pessoas se posicionem criticamente frente aos falsos deuses e mitos que a sociedade neoliberal e pós-moderna nos apresenta. Neste sentido, a educação também é uma tarefa de discernimento e posicionamento religioso.

Dentro de uma dimensão sócio-política, a Educação Católica e as Pastorais devem conhecer o novo conceito de cidadão dentro da postura neoliberal, definido, principalmente, pela sua capacidade, dentro da nova ordem mundial, de consumir bens materiais e simbólicos. Sabemos que o mundo sempre está se modificando, sempre está em contínuas transformações. Por isso, o importante é ver como nos situamos nessa construção. Como cristãos, é importante educar cidadãos dotados de autonomia, colaboradores na criação de leis que regem o bem-estar de todos. Neste sentido, a partir dos valores cristãos, é preciso buscar outros *tipos de escolas, famílias, igrejas, estados*, enfim sociedade. *“Se ao ser humano é dado produzir seus mundos, tanto na dimensão material, como institucional, é porque o ser humano é dotado de capacidade de dar sentido à sua existência, produzir idéias e ideais(valores) a respeito do seu viver, desde as manifestações mais corriqueiras às mais grandiosas.”* (LARA, 1996: p.29)

É importante, também, lembrarmos o papel do cristianismo, que se constitui num poderoso produtor de sentimentos existenciais. Neste sentido, o desafio hoje é viver os valores humanos e cristãos. Mas o que significa isso na prática? É a busca em ser profeta, anunciando e construindo um mundo onde os bens materiais sejam produzidos e partilhados entre todos; que a vida esteja



acima da ganância do lucro; a natureza seja respeitada como casa de todo ser humano; as instituições, também as religiosas, busquem crescer, na democracia, na criatividade e na liberdade; a educação, a religião e a cultura tragam valores e mostrem caminhos de realização pessoal e social gratificantes; e que o ser humano realmente seja humano.

A PJE faz parte da Igreja e está inserida no mundo da educação, a qual, como nos diz Paulo Freire, *“esteja ela dentro ou fora da escola, é uma construção histórica, uma invenção humano-social, podendo, portanto, ser reinventada. Mas, para reinventá-la não podem faltar uma vontade coletiva, um diálogo, uma comunicação efetiva e uma esperança sempre renovadas.”* (FREIRE, 1997: p.95)

Muito da atuação e da pedagogia da PJE tem inspiração nas idéias de Paulo Freire. É da Pedagogia do Oprimido e de outros modelos de pedagogia progressista que a PJE foi inspirar-se para construir a sua pedagogia. Hoje porém, podemos nos perguntar: Será que a PJE está pondo em prática e sendo fiel a esses fundamentos de Paulo Freire? A PJE, como vimos anteriormente, faz uma opção clara pelos pobres. Olhando, entretanto, para a PJE, cerca de 80% dos seus grupos estão em colégios particulares, ligados a congregações religiosas. Além disso, em muitas situações, o protagonismo dos jovens não é respeitado. A vontade do assessor fala mais alto. Isso acontece pela fragilidade de muitos grupos e pela falta de conhecimento e clareza, por parte do assessor, dessa pedagogia que parte e se fundamenta a partir dos estudantes, que são base e protagonistas dessa pastoral.

A escola hoje precisa despertar no jovem, a partir da construção da subjetividade, *“o desmascaramento da hipocrisia humana como mal institucionalizado,”* (CIPOLLA, 1996: p.51) onde o capital não predomine sobre o trabalho e o mercado não predomine sobre os direitos humanos. Como nos diz Gramsci, *“esta luta contra-hegemônica demanda aguçar a inteligência para analisar melhor a realidade, ter vontade política e, sobretudo, organização.”* (GRAMSCI, 1978: p.192) Com isso, só será democrática a escola que equalizar as condições necessárias à emancipação humana. Eis porque Gaudêncio Frigotto defende que a *“educação numa perspectiva socialista democrática não pode inventar uma realidade supra-histórica. Ela se gesta no embate*



contra-hegemônico de dentro desta materialidade. No plano teórico, político, filosófico e ético, a perspectiva é de não reduzir os processos educativos a uma concepção unidimensional, mas alargá-los na perspectiva omnilateral e/ou politécnica que expressa as múltiplas necessidades do humano."(FRIGOTTO, 1996: p.205)

É inegável que a Educação Católica e as Pastorais podem ter um papel decisivo nesta efetiva construção de uma educação mais participativa. Esse desafio é uma condição necessária para que a cidadania realmente possa crescer e ser presença efetiva para a grande maioria do povo brasileiro.

Neste sentido, olhando para dentro da própria PJE, vemos seu conflito em relação à hierarquia. A PJE defende e luta por essas idéias, mas ao mesmo tempo, (como todas as outras pastorais e organismos desse estilo), pertencendo à estrutura da Igreja Católica, não questiona essa hierarquia. A questão da hierarquia em qualquer organização é, por assim dizer, um caso sem solução, pois se de um lado ela oprime ou poda, de outro, ela é uma necessidade de sobrevivência. A hierarquia é uma consequência, uma necessidade da organização. Porém, podemos questionar até que ponto a PJE luta para tornar a hierarquia dentro da Igreja mais democrática e mais acessível a todos. Podemos dizer que acontece um conflito entre a teoria e a prática. Nesse aspecto a teoria é ótima, defende a libertação e transformação das estruturas injustas, etc., mas na prática vemos um certo conformismo e acomodação, estando a PJE alojada no seio da hierarquia da Igreja. A PJE se insere no projeto da igreja participativa e como diz Clodovis Boff, *"é evidente que no social ela propõe o compromisso, mas no eclesial ela também tende a 'conservar' o capital da fé"*.(BOFF e outros, 1996: p.60) Isso vai de encontro com os depoimentos de alguns entrevistados da pesquisa quando colocam que a *"PJE tem uma boa relação com a parte progressista da igreja e é ignorada pela parte conservadora."*

Observando as relações e a organização da PJE e confrontando-as com os dados da pesquisa feita, podemos dizer que ela está aberta a todos os jovens, mas ela não chega a todos os jovens. Ela atinge só um pequeno número que, na maioria, é da classe média. A representação,

pela dificuldade financeira e pelas distâncias geográficas, muitas vezes fica com quem pode, quem se dispõe (mesmo assim são poucos, já que muitos estados ficam sem representação).

Para atuar na realidade sociocultural atual, é importante conhecer e entender as virtudes que essa cultura possui. Como nos diz Francisco Catão, a cultura que estamos vivendo *“tem a virtude de contar com os dados irrefutáveis das ciências históricas e raciocinar não apenas, nem talvez principalmente, com a natureza humana abstrata, mas com a realidade do ser humano concreto, tal como ele viveu eticamente desde as origens, num esforço perene e sempre recommençado de se humanizar social e pessoalmente.”* (CATÃO, 1996: p.16) Nesse confronto, como disseram vários pesquisados, “a PJE ainda precisa clarear mais a questão do engajamento dos estudantes, precisa aprender mais dessa nova realidade social”.

O desafio da Educação e das Pastorais Católicas, então, é buscar a construção de um novo ser humano, a partir do que possuem de mais essencial na sua doutrina e vida, que é a vivência da verdade, do amor, da justiça, da igualdade... enfim de tudo aquilo que realiza e satisfaz os sonhos e aspirações do coração humano. É desafio para todos os católicos mobilizar a inventividade, construindo novas alternativas para manter e melhorar a vida, mesmo porque é a Igreja Católica a instituição que goza do índice de credibilidade mais elevado junto à opinião pública, conforme pesquisa do IBOPE em 1991.

2 – REFERENCIAIS TEÓRICOS DA PJE

Partindo da realidade atual e dos desafios que a Igreja possui hoje, é preciso ter claros os referenciais que devem iluminar a dimensão pessoal e social das pessoas no contexto concreto que estamos inseridos. Atenta aos sinais desta realidade, a Igreja (no nosso caso a PJE) busca assumir o desafio da construção, como dizem os bispos em Puebla, da “Civilização do Amor”, uma forma de viver a essência dos valores humanos e cristãos. Essa tarefa é prioridade para todos aqueles que



acreditam e desejam um mundo justo e fraterno. Ao longo desse trabalho usamos expressões tais como construção do Reino, formação integral, opção pelos pobres, sociedade justa e fraterna, etc. Percebemos que essas expressões possuem toda uma teoria que lhes dá sustento, fundamento e vida. Com isso podemos dizer, que a PJE está construída sobre várias idéias teológicas, filosóficas e pedagógicas. Aqui colocaremos algumas das principais idéias, que fundamentam e que são características da identidade da PJE.

2.1 – FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS

2.1.1 - JESUS CRISTO: FORÇA E MODELO DE VIDA

Jesus Cristo, o Filho de Deus feito homem, encarnou-se na vida dos homens para anunciar o desígnio do Pai. Encarnou-se na vida do povo e, com sua esperança de libertação, conheceu a situação de opressão que este vivia.

“Na medida que sua missão se torna pública, vivendo e anunciando a boa notícia do Reino, Jesus Cristo vai provocando conflitos(Mc 1,2 a 3,6). Começam as tentações de implantar o reino de cima para baixo, a partir das estruturas de poder político, econômico e religioso e de modo mágico, milagreiro (Lc 4,1-13), quase todos querendo puxá-lo para seu lado. Mas Jesus resiste às tentações e não se desvia do caminho, porque tem diante de si a clareza da missão (Lc 4, 16-21)”.(ALTOÉ, 1994: p.37)

São os exemplos e os traços de Jesus Cristo os fundamentos teológicos da PJE: Ele é o Deus feito homem, que vai ao encontro das pessoas, olha, escuta e entra na inquietação do coração e tem uma resposta para cada uma, ele é pessoa comprometida com o seu povo. Oferece um caminho de amizade à pessoa, questiona-a e reorganiza seu projeto de vida. Como Jesus é homem de liberdade, de busca e construção da libertação, o encontro que cada pessoa tem com Jesus Cristo deve se traduzir em um compromisso com a comunidade. Jesus é homem autêntico e



enfrenta o conflito por apresentar o “novo”. É também um homem de oração que, unido ao Pai, busca a vontade do Pai como seu alimento. É um homem entusiasta, que ama a vida e crê na amizade. É um homem que perdoa e anuncia o Reino de Deus. Reino este onde os pobres e oprimidos são libertados. *“O Projeto do Pai é que o mundo seja a casa de sua grande família, onde todos se sintam bem e vivam com dignidade, em comunhão com ele, com relações de fraternidade entre todos e com participação igualitária nos bens da criação. O homem e a mulher são os administradores da criação. Por isso, o projeto do Pai é missão nossa.”*(CNBB, 1992: p.80)

São características do Reino: uma sociedade igualitária em que as leis e o poder estão a serviço da vida e garantem fraternidade, a união do povo baseada na solidariedade, crença na Santíssima Trindade e celebração da memória do povo. Este Reino, acolhido na ação do Espírito Santo, traz a base para a transformação do ser humano e esse ser humano passa a integrar-se plenamente à natureza, aos outros e a Deus. Por fim, esse Reino é constituído de valores como a justiça, a fraternidade, o amor, a paz, a igualdade e a comunhão.

O compromisso de seguimento a Jesus Cristo e o acolhimento de seu projeto exigem que cada um conviva com Ele e assuma a causa do Reino como razão de ser de toda vida, “buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça e tudo mais vos será dado por acréscimo”(Mt 6,33).

2.1.2 - A NOVA PESSOA HUMANA

A construção da nova pessoa humana para a PJE parte dos traços de Jesus Cristo. *“A exemplo de Maria, dos apóstolos e de tantos cristãos, os jovens descobrem em Cristo a imagem da pessoa nova ao qual fomos configurados pelo Batismo e pela confirmação. O homem novo e a nova mulher encontram sua transcendência em Cristo e na Trindade. São aqueles que não se pertencem, por isso amam. São dignos, livres, solidários, transformadores do mundo. O Filho de*



Deus, pela encarnação, eleva o ser humano a uma dignidade sem par e o faz participar consigo da vida intratrinitária".(CNBB, 1986: p.18)

Um dos desafios que a PJE se propõe hoje, como podemos perceber a partir da pesquisa, é buscar a construção da pessoa humana solidária, sensível e disponível para os marginalizados que, levantando-se com eles, vai lutar pela libertação de todos; da pessoa profética que denuncia os mecanismos que criam opressão e anuncia, com sua palavra e com sua vida, o ideal de uma sociedade de irmãos, de iguais; da pessoa aberta à comunicação e à convivência, que cria vínculos de reciprocidade e de participação através de inúmeras relações comunitárias; da pessoa livre que procura libertar-se de esquemas e ilusões impostas, a fim de ficar livre para criar, junto com os outros, as formas mais adequadas de vida, de trabalho, de ser cristão; da pessoa que vive sua fé com todos os seus desafios e que, apesar da luta, não perde a gratuidade do valor próprio de cada dimensão humana como o amor, a festa, a celebração e a convivência fraterna; da pessoa que não descansa com os êxitos, não desanima com os fracassos, traduz a esperança escatológica do Reino de Deus em esperança histórica no âmbito pessoal, social, de saúde, de trabalho, de cultura... e coloca a vida, com toda sua dignidade, como valor mais importante.

A nova pessoa humana, unida às outras pessoas, como nos apresenta o Marco Referencial da PJE, (PJE do Brasil, 1994: p.28) vai construir um novo modelo de sociedade, levando em conta as seguintes prioridades:

- da vida sobre qualquer outro valor ou interesse;
- da verdade sobre toda estratégia e eficiência;
- da pessoa sobre todo poder ou projeto;
- do testemunho sobre as palavras;
- da realidade sobre todo projeto preconcebido;
- da ética sobre a técnica;
- da fé e do transcendente sobre toda a tentativa ou intuito de minimizar a pessoa humana;
- e do trabalhador e do trabalho sobre o capital e o lucro.



2.1.3 - A NOVA IGREJA TEOLOGIA JOVEM

A Igreja busca ser sinal de esperança do mundo atual. Na Igreja, o Reino de Deus encontra expressão peculiar, já que ela é seu sinal perceptível, seu instrumento privilegiado, seu germe e princípio. Para a PJE, à medida em que se vive o Evangelho e, dia após dia, vai se edificando uma nova realidade. Essa nova Igreja, para ser profética e libertadora, busca ser fiel a Jesus Cristo de quem recebeu a missão de evangelizar e, ao mesmo tempo, ser fiel ao povo que sofre, a quem é enviada. Diante das injustiças e das desigualdades sociais, a Igreja deve erguer sua voz para denunciar com firmeza a iniquidade. Tem o grande desafio de viver e pregar a unidade, a comunhão e a participação de todas as pessoas na construção de um mundo mais justo e fraterno.

A PJE acredita que a Igreja, Povo de Deus, é a expressão de uma experiência comunitária de viver a fé, comprometida e solidária no sentido de fazer suas as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias, sobretudo dos pobres e dos que mais sofrem. (PJE do Brasil, 1994: 124) Deve ser a Igreja que celebra a vida da comunidade e espera a colaboração dos jovens numa ação rejuvenescedora. *“A juventude é símbolo da Igreja, chamada a constante renovação de si mesma, ou seja, a incessante retomada e rejuvenescimento.”* (CELAM, 1968: p.77)

Olhando a trajetória histórica da Igreja podemos esperar, como nos diz Clodovis Boff, que *“se o primeiro milênio foi de ‘comunhão’ e o segundo de ‘poder’, quem sabe o terceiro possa ser do ‘poder da comunhão’ e da comunhão do poder’, em termos de corresponsabilidade e serviço recíproco... É necessário insistir na idéia de uma Igreja Participativa, e esse ideal tem uma múltipla legitimação teológica e espiritual: a) tem base neotestamentária: representa o sonho de Jesus; b) segue a prática eclesial dos primeiros cristãos; c) foi a prática normativa e normal de toda a Igreja Antiga; d) tem atrás de si o melhor do Vaticano II; e) é também o modelo mais adequado para os tempos atuais, sensíveis aos anseios de liberdade e participação (democracia).”* (BOFF, 1996: p.59-60)



2.1.4 - DIMENSÕES DA TEOLOGIA JOVEM

O Pe. Hilário Dick, que foi assessor da Pastoral da Juventude do Brasil e acompanha a PJE desde o seu nascimento, coloca no seu livro "O Divino no Jovem"(DICK, 1997: p.15) várias reflexões sobre esse tema ainda pouco estudado, mas que é de fundamental importância no contexto em que vivem os jovens hoje. Segundo ele, há aspectos ou dimensões vividas pelo jovem que tornam concreta a Teologia do Jovem. Dentre as dimensões mais significativas, destaca:

- **A Dimensão Teológica da Amizade.** É onde o jovem busca sair de si mesmo para encontrar o outro, numa relação de gratuidade e companheirismo.
- **A Dimensão Festiva.** Para o jovem a vida é uma festa. A festa é encontro, prazer, alegria, sentido, memória e a celebração da realidade e da utopia plena inspirada na Sagrada Escritura.
- **A Dimensão do Jovem querendo ser grupo.** A exemplo de Jesus Cristo e dos apóstolos, os jovens buscam a vivência comunitária, baseada na organização e no compromisso político. Pertencer a um grupo é pertencer ao mundo, à sociedade.
- **A Dimensão da Fidelidade.** Para os jovens, a fidelidade é a base do compromisso na construção de uma sociedade a partir dos valores humanos e cristãos. Fidelidade é aliança e compromisso consigo, com o outro e com Deus.
- **A Dimensão do Descobrir.** Quando se é jovem, a vida é uma constante descoberta. A partir da graça de Deus o jovem vai se descobrindo e vai se construindo, do corpo até a questão da utopia do Reino realizada.
- **A Dimensão da Doação.** A doação é um dos aspectos centrais do cristianismo. O jovem se doa com generosidade e é solidário frente à realidade de miséria, desigualdade e opressão que muitas pessoas vivem. Nesta dimensão se encontra a vivência do perdão e da comunhão fraterna.



2.2 – FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS

A Filosofia coloca-se ao ser humano como uma forma de entendimento e compreensão da sua existência e oferece-lhe uma perspectiva de direção para a sua ação. Na PJE as idéias filosóficas estão intimamente relacionadas com a construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Como diz Luckesi, *“as finalidades mais amplas são aquelas que se referem ao sentido da existência: buscar a bem da sociedade, lutar pela emancipação dos oprimidos, lutar pela emancipação de um povo, etc. Isso tudo por quê? Certamente devido ao fato de que a vida só tem sentido se vivida em função de valores dignos e dignificantes. Desse modo, a Filosofia é um corpo de entendimento que compreende e direciona a existência humana em suas mais variadas dimensões.”* (LUCKESI, 1994: p.23)

A PJE busca concretizar no seu dia-a-dia uma reflexão crítica sobre o sentido e o significado de cada momento da vida, a partir de um conjunto de idéias e valores. É uma filosofia de vida que se fundamenta no ideário do Evangelho de Jesus Cristo. Tal exercício de filosofar passa por três momentos: fazer um levantamento dos valores vigentes, criticá-los e reconstruí-los. É um processo dialético que vai de uma determinada posição para a sua superação teórico-prática. Essa construção a PJE nem sempre consegue realizar a contento, pois a adoção do método ver-julgar-agir, revisões de vida, discussões e constantes avaliações, nem sempre concretizam essa busca.

Algumas das idéias filosóficas centrais da PJE são oriundas da chamada “filosofia da libertação”. Nascida do discurso científico-dialético que busca a práxis da libertação do oprimido, ela tem na América Latina um dos seus pensadores mais importantes, Enrique Dussel, segundo o qual essa filosofia *“é uma crítica da opressão e esclarecimento da práxis da libertação.”* (DUSSEL, 1977: p.70) Essa teoria filosófica passa pela:

- Libertação dos oprimidos, que são os pobres marginalizados, a mulher, a criança, a juventude sem futuro e o povo. Todos eles estão dentro de uma cultura de dominação.

- Necessidade de uma articulação orgânica consciente, real e decidida do filósofo com o sujeito histórico. É a articulação que acontece no concreto da vida do povo oprimido.
- Importância do método dialético de compreensão e atuação dos sujeitos históricos na realidade concreta.
- Consciência de que *“é uma opção ético-política em favor do oprimido da periferia, onde há respeito pela exterioridade do outro, geopolítica e socialmente falando escuta de sua palavra.”*(DUSSEL, 1977: p.217)

Dussel resume bem a essência dessa filosofia: *“A filosofia da libertação é uma operação pedagógica desde uma práxis que se estabelece na proximidade mestre-discípulo, pensador-povo, intelectual orgânico (diria Gramsci), no povo... Pensar tudo à luz da palavra interpelante do povo, do pobre, da mulher castrada, da criança e da juventude culturalmente dominada, do ancião descartado por uma sociedade de consumo, com responsabilidade infinita e diante do Infinito, isto é filosofia da libertação. A filosofia da libertação deveria ser a expressão máxima da consciência crítica possível.”*(DUSSEL, 1977: p.249)

Essa construção possui relação direta com os fundamentos teológicos que vimos anteriormente. O modelo de homem, de igreja e de sociedade passam por esse desafio. O filósofo aqui indaga qual o homem que se quer formar e quais os valores que vão estar presentes nessa construção. Para isso é preciso conhecer as idéias e o instrumento pedagógico por que a PJE opta e que assume.

2.3 – FUNDAMENTOS PEDAGÓGICOS

Na PJE as idéias teológicas, filosóficas e pedagógicas possuem uma linha, um ponto comum que perpassa as três áreas: é a pessoa de Jesus Cristo. Isso fica bem claro olhando o Marco Referencial da PJE quando vemos que Jesus Cristo é colocado como modelo de educador e sua pedagogia é assumida hoje. O trabalhar com um pequeno grupo, a maneira de acompanhar



os apóstolos, a “nucleação” através do chamado, provocar mudanças e questionamentos, atingir e não esquecer as massas e a criação de um estilo de vida são exemplos e princípios pedagógicos do dia-a-dia de Jesus Cristo.(PJE do Brasil, 1995: p.74) Cinco princípios pedagógicos se destacam na atuação da PJE: a formação na ação, o protagonismo do jovem estudante, a revisão de vida e de prática, a organização e a vivência da comunhão e participação.

A PJE opta, junto com toda a Igreja Latino-Americana, pela educação evangélico-libertadora e, nesse sentido, sua pedagogia vai se fundamentar em três tendências da chamada “*pedagogia progressista*”(Cf. Snyders. *Pedagogia progressista*. Lisboa, Ed. Almedina.), a *libertadora* de Paulo Freire, a *libertária* que reúne os defensores da autogestão pedagógica e a *crítico-social dos conteúdos* que acentua os conteúdos no confronto com a realidade social.

Como coloca Luckesi, “*as versões libertadora e libertária têm em comum o antiautoritarismo, a valorização da experiência vivida como base da relação educativa e a idéia da autogestão pedagógica. Em função disso, dão mais valor ao processo de aprendizagem grupal (participação em discussões, assembléias e votações) do que aos conteúdos do ensino. Como decorrência, a prática educativa somente faz sentido numa prática social junto com o povo, razão pela qual preferem as modalidades de educação popular ‘não-informal’.*” (LUCKESI, 1994: p.64) Neste sentido se relacionam os princípios do protagonismo dos jovens estudantes, a importância do grupo (crescimento como grupo), a opção pelos pobres e a própria discussão e organização das assembléias que a PJE possui. É a reflexão e o aprendizado coletivo, dialogado e conscientizado sobre a cultura cotidiana do povo que se busca viver na PJE.

Já Gadotti é mais incisivo, mais direto. Ele propõe a “*pedagogia do conflito*”, do enfrentamento, que toma partido pelos oprimidos e tem uma atuação real na sociedade. Uma pedagogia “*que evidencie as contradições em vez de camuflá-las, com paciência revolucionária, consciente do que historicamente é possível fazer, mas sem se omitir*”. (GADOTTI, 1980, p.64) Coloca também que quem é educador ou quer participar da educação deve ter uma “*prática social*”, exercendo assim seu papel específico na sociedade, “*veiculando o ato educativo e o ato político, a teoria e a prática da transformação*.”(GADOTTI, 1980: p.54).



Já a tendência pedagógica “crítico-social dos conteúdos”, diz Luckesi, “*propõe uma síntese superadora das pedagogias tradicional e renovada, valorizando a ação pedagógica enquanto inserida na prática social concreta. Entende a escola como mediação entre o individual e o social, exercendo aí a articulação entre a transição dos conteúdos e a assimilação ativa por parte de um aluno concreto (inserido num contexto de relações sociais); dessa articulação resulta o saber criticamente reelaborado.*”(LUCKESI, 1994: p.64) Aqui entra a defesa pela PJE de uma educação, tanto formal quanto informal, que dê a cada educando condições, conhecimento e comprometimento político de tal forma que adquiram os instrumentos necessários para a construção de uma sociedade igualitária para todos. É a formação integral que leva ao compromisso também pessoal nessa construção.

Segundo Georges Snyders, “*o que baseia uma pedagogia, o que constitui o critério entre as pedagogias, são os conteúdos que estas apresentam, ou mais exatamente, as atitudes a que se propõem levar os alunos: que tipo de homem esperam formar?*”(SNYDERS, 1978: p.82) Essa pergunta, como vemos, perpassa fundamentos teológicos, filosóficos e pedagógicos. É, hoje, a grande indagação para a PJE, para a educação e para as demais pastorais da igreja. As respostas a essa pergunta, que vimos na teologia e na filosofia, aqui também são importantes.

3 – ITINERÁRIO DA PJE

Sabemos que a PJE trabalha e busca atingir os jovens estudantes que na sua maioria são adolescentes. Como vemos em seus documentos, ela busca formar cristãos atuantes na construção de uma nova sociedade. Nessa caminhada, percorre um ‘Itinerário’ até alcançar esse objetivo. Esse itinerário é um processo constituído de vários passos com características importantes que, no fundo, formam a identidade da própria PJE para o meio estudantil.



A Pedagogia da PJE define-se como o jeito que ela tem de formar o jovem a partir do seu engajamento no meio estudantil, o itinerário e os processos pelos quais o militante da PJE passa e aqueles que utiliza para realizar um trabalho concreto com o seu meio.

O primeiro ponto coloca os objetivos e princípios básicos da PJE; o segundo, as etapas e fases da caminhada de um grupo; e, terceiro, as dimensões da formação integral dos jovens, que estão presentes nas diversas etapas e fases que um grupo passa.

• Estimular e motivar o jovem a viver sua fé, segundo os valores evangélicos.

• Conhecer e aprofundar uma espiritualidade bíblica para melhor vivenciarmos a

3.1 – OBJETIVOS E PRINCÍPIOS DA PJE

Al podemos nos perguntar: Será que a PJE realmente consegue e tem os meios

De maneira geral o objetivo final da PJE, bem como das outras pastorais da Igreja, é a formação de cidadãos comprometidos com os valores evangélicos, vivendo a plenitude de sua realização humana.

Em julho de 1997, em Porto Alegre, a Pastoral da Juventude Estudantil elaborou um plano de ação para os próximos anos. Analisando esse plano, podemos perceber para onde a PJE está querendo ir e quais são seus objetivos:

➤ *“Promover a formação integral do jovem estudante, preferencialmente do empobrecido, incentivando-o a assumir o seu protagonismo, a exemplo de Jesus Cristo, em prol de uma educação libertadora, a serviço do Reino de Deus.”*

A partir desse desafio colocam-se os seguintes objetivos específicos, dentro das áreas da ação, formação e espiritualidade da PJE:

- *“Conscientizar a comunidade escolar da realidade atual da educação.*
- *Ter maior inserção nas escolas públicas, atingindo outras realidades e se comprometendo com elas.*
- *Concretizar o serviço, o anúncio, o diálogo e o testemunho no meio estudantil, assumindo nossa missão.*
- *Fortalecer a integração na luta em prol da vida.*



- *Integrar-se de maneira efetiva com a Pastoral da Juventude do Brasil, na formação dos estudantes para a cidadania.*
- *Despertar e formar a assessoria, redimensionando a prática a partir do estudo da Educação Libertadora.*
- *Formar e incentivar os animadores a fim de que continuem o processo de atuação na PJE.*
- *Estimular e motivar o jovem a vivenciar sua fé, segundo os valores evangélicos.*
- *Conhecer e aprofundar uma espiritualidade bíblica para melhor vivenciarmos a mística de nossa pastoral.”* (PJE do Brasil, 1997: p. 2-3)

Aí podemos nos perguntar: Será que a PJE realmente consegue e tem os meios necessários para conseguir isso? É claro que sozinha fica muito difícil. A PJE não tem sentido por si mesma. Ela faz parte de um processo global. O estudante vive na escola, mas seu futuro não é a escola. Seu futuro é a realização pessoal e profissional decorrente do que ele está aprendendo na escola ou deveria aprender: a ser estudante, a decidir o que deve fazer com o saber, como agir diante do poder que vai cair sob sua responsabilidade, a ser cidadão comprometido com a construção do bem comum, a ter consciência crítica e aprender a ser sujeito da própria história, sendo uma pessoa harmônica e madura. A PJE busca ser uma proposta diante desse desafio, mas ficam as perguntas: Os assessores e militantes conhecem bem qual é a proposta da PJE? Sabem e entendem o que essa proposta quer dizer? Algumas expressões colocadas nos objetivos citados acima não deixam claro como deve ser a atuação e podem ter diversas interpretações. “*Assumindo nossa missão... lutar em prol da vida... continuar o processo de atuação da PJE... vivenciarmos a mística de nossa pastoral...*” e assim por diante. Será que todos conhecem, possuem clareza de qual é “a mística de nossa pastoral”? Qual é “nossa missão”? São objetivos importantes mas não suficientemente claros.

Como diz o Estudo da CNBB nº 44, a Pastoral da Juventude “*Quer oferecer elementos e condições para que os jovens possam conhecer e aderir livre e conscientemente a Jesus Cristo e a seu projeto para se tornarem agentes evangelizadores na Igreja e na sociedade.*”(CNBB,



1986: p.30) Aqui fica o questionamento: Conhecendo a força da proposta neoliberal e seus valores apresentados pelos meios de comunicação social, será que a PJE consegue que os jovens façam uma adesão realmente livre e consciente?

A proposta essencial é a do Evangelho vivido no mundo estudantil, em que se encontram adolescentes e jovens desejosos de construir sua felicidade. O Evangelho supõe compromisso com a realidade concreta de cada jovem e com a realidade onde esse jovem está inserido. É a proposta de uma sociedade em que todos tenham direito à educação, sociedade cuja educação leve à formação integral da pessoa, ou seja, que dê as condições de uma formação respeitando todas as áreas constitutivas da pessoa humana e respeitando o jeito de ser e pensar dos jovens de hoje. A vivência dos valores evangélicos acontece no dia-a-dia, neste mundo concreto, para o qual a PJE direciona ou deve direcionar os seus objetivos e sonhos, sem deixar de acompanhar os sonhos de quem luta em outras realidades.

Quando falamos em princípios da PJE, podemos ressaltar também que ela busca fortalecer os grupos já existentes e trabalhar para promover a existência de novos grupos, favorecendo o intercâmbio e formação dos seus membros, capacitando assessores para que possam dar um acompanhamento adequado aos grupos.

A PJE procura *“partir das experiências de vida e aspirações dos jovens e grupos concretos, resgatando seus valores, respeitando a diversidade de experiências e de cultura, o ritmo e processo de cada pessoa e grupo e promovendo a participação e criatividade na construção coletiva do saber. Busca considerar a subjetividade, a arte, o corpo, o lúdico, o prazer, a festa, resgatando a linguagem simbólica da juventude, favorecendo a relação e integração entre as pessoas, no respeito às individualidades e diferenças. Cultivando o diálogo e a verdadeira comunicação.”* (PJ do Brasil, 1994: p.78) Muitos desses pontos já foram levantados no Referencial teórico deste trabalho e alguns deles são baseados nas idéias de Paulo Freire. A PJE já vem trabalhando a partir do diálogo, procurando construir seu saber de maneira coletiva e organizada, mas muito ainda tem que evoluir nesta caminhada.

A comunicação interna da PJE é compreendida por todos os seus participantes?



Existe hoje uma grande busca organizar estruturas de acompanhamento e coordenação, que garantam espaços de avaliação, planejamento, aprofundamento e ofereça cursos, seminários, retiros e subsídios para a formação dos estudantes. É necessário reforçar e criar momentos fortes de partilha e conhecimento do que “rola” na PJE. Por exemplo, o informativo nacional não é assumido como elo de comunicação e partilha do que acontece nas diversas instâncias da PJE.

Um desafio hoje da PJE é dar subsídios para a formação da consciência crítica dos jovens para que possam questionar constantemente a realidade estudantil e social e também os seus próprios trabalhos à luz dos valores humanos e cristãos, colaborando assim na construção da nova sociedade.

A Pastoral da Juventude Estudantil deve ser orgânica e diferencial, levar em conta a realidade dos jovens, atender ao crescimento e vivência na relação fé e vida, orientar na opção vocacional dos jovens e proporcionar canais eficazes à solidariedade ativa na Igreja e na transformação da sociedade.

Outro princípio essencial é o que pressupõe, a PJE assumida pelos próprios jovens. É a questão do protagonismo do estudante. *“Os jovens devem sentir que são Igreja, experimentando-a como lugar de comunhão e participação, que os quer gradualmente responsáveis na sua construção, até que os envie como testemunhos e missionários, especialmente à grande massa da juventude. Nela os jovens devem sentir-se participantes do povo.”* (CELAM, 1980: p.76) Aqui se coloca uma questão importante e que é um desafio para quem é assessor da PJE: a dificuldade de explicar a muitos jovens que eles “são e fazem parte da igreja” e, ao mesmo tempo, diferenciando-os da igreja instituição que criticam e acham distante deles.

Pelo Estudo n.º 44 da CNBB, a PJE deve ser *“uma força incentivadora da unidade da Igreja, baseada numa metodologia estruturada nas bases, tentando criar um espírito de comunhão e participação, e aproveitando as qualidades que os jovens possuem; que seja qualificada e profética preocupada com o processo da educação da fé.”* (CNBB, 1980: p.36) Neste sentido é necessário que a PJE amplie suas bases, organizando e reforçando a nucleação de novos grupos e também ouvindo mais o que essa base tem a dizer.



3.1.1 - A AÇÃO DA PJE

Segundo o que se lê no livro *Primeiros Passos da PJE*, “muitos estudantes vêem e sentem na pele todos os problemas da educação e das questões sociais. O que falta é a organização desses estudantes para, daí, iniciar a transformação. É fundamental a descoberta, a nucleação de pessoas, a conscientização, a organização e atuação dos mesmos dentro da escola.” (PJE do Brasil, 1991: p. 18)

A ação da Pastoral da Juventude Estudantil deve, portanto, se desenvolver em três dimensões complementares entre si:

- a Ação Interna, enquanto Pastoral da Juventude Estudantil, caracterizando suas reuniões de grupo, coordenação, reuniões de assessores, assembleias, cursos, retiros, etc. Cabe ressaltar que a reunião do grupo da PJE é o momento mais importante da vida do grupo e aí podemos perguntar: Como são e estão as reuniões dos grupos? Será que muitas vezes não são só momentos de lazer e descontração?
- a Ação enquanto pertencente a uma comunidade eclesial, participando da Igreja através da catequese, liturgia e na relação com outros organismos da Igreja. Pergunto: Quantos grupos possuem esse vínculo e relação com a comunidade eclesial? Com certeza essa relação precisa crescer em quantidade e qualidade.
- a Ação enquanto engajamento transformador nos meios específicos: escola, trabalho, visitas, campanhas, passeatas, colaboração e participação em organismos e movimentos. Nessa dimensão a PJE tem se esforçado em participar e desenvolver maneiras concretas de compromisso. Na escola e em muitos lugares, porém, os grupos estão acomodados, esperando que as coisas aconteçam sozinhas.

A ação transformadora resulta da compreensão das causas dos problemas da realidade e propõe, de maneira planejada, práticas concretas, ainda que pequenas, visando à superação. Essas práticas e ações são desenvolvidas de forma individual e grupal. Como nos coloca o Marco

Referencial da PJE, *“É importante sabermos distinguir uma ação paternalista e uma ação transformadora já que, como PJE, lutamos por um mundo que exige, mais do que “reforma”, uma transformação social onde o jovem e o estudante sejam protagonistas de sua história. Não sabemos, contudo, cair em radicalismos estáticos porque há momentos em que é necessário socorrer o irmão imediatamente. Fala-se então, de “caridade assistencialista”. Esta prática torna-se mais eficiente quando se procura promover a pessoa, criando condições para que ela mesma satisfaça suas necessidades. Neste caso se fala, já, de uma “caridade promocional”*(PJE do Brasil, 1995: p.120)

Como o campo de atuação especial da PJE é o meio estudantil, neste contexto ela cita cinco áreas de atuação: *a escola*, onde está a turma, a sala de aula, a instituição e onde se desenvolve a educação em si; *as organizações estudantis*, que vão desde o Grêmio Estudantil até os órgãos representacionais a nível municipal, estadual e nacional; *o bairro*, envolvendo a turminha de amigos, os movimentos e organizações populares; *a família*, onde o jovem procura colocar em prática, com coerência, o discurso de uma vida nova e *a Igreja*, onde o jovem busca ser uma presença marcante, tornando-a participativa e profética.(PJE do Brasil, 1994: 121)

Colocados dessa maneira, essas cinco áreas juntas, assustam os jovens, pois são um processo que exige tempo, paciência e muita determinação para seu alcance. Precisam ser entendidas e colocadas aos poucos, uma de cada vez, para que assim sejam realmente assumidas pelos jovens estudantes.

3.1.2 - A METODOLOGIA DA PJE

A PJE, como coloca em seus diversos documentos, busca conhecer e aprender com a realidade pós-moderna vivida pela sociedade e, a partir dela, questiona qual a melhor maneira para se trabalhar com os jovens hoje. Jorge Boran reconhece três modelos de trabalho pastoral com os jovens:



- *Modelo dedutivo tradicional:* é uma metodologia que parte da dedução de princípios da doutrina, da Bíblia, para chegar à vida, ao concreto. É uma metodologia de cima para baixo.
- *Modelo dedutivo moderno dos movimentos:* com o naufrágio do modelo tradicional, surge o modelo dedutivo dos movimentos e o modelo indutivo transformador. Este modelo dos movimentos tem como ponto de referência a coordenação do próprio movimento, que pode ser a nível local, nacional ou internacional. Trata-se de uma metodologia de cima para baixo, mas sem a rigidez do modelo tradicional.
- *Modelo indutivo transformador:* é uma metodologia que parte da realidade, da vida, da prática concreta dos cristãos para depois confrontar suas conclusões com a teoria e os princípios, claro que sem absolutizar a experiência. Busca ajudar os jovens a serem solidários e a transformação da sociedade.

Esse último é o modelo utilizado pela PJE, no planejamento pastoral da CNBB, pelas CEBs e pelas demais pastorais. Definido em Puebla, à luz da caminhada da Ação Católica Especializada, busca promover metodologia que compreende uma pedagogia centrada no tripé da formação, organização e ação. Esse modelo é constituído e fundamentado nas idéias da pedagogia progressista e da filosofia da libertação que vimos no capítulo anterior.

São elementos essenciais da metodologia da PJE:

- *O Grupo de Base.* Método utilizado por Jesus Cristo que, não tendo muito tempo de trabalhar a multidão, dedicou parte de seu tempo à formação dos discípulos e dos doze apóstolos. Foram os doze que, fortalecidos pelo Espírito Santo na fé em Jesus Ressuscitado, transformaram o aparente fracasso da cruz na esperança do mundo.
- *O método de formação e ação dos grupos,* incluindo os seguintes passos:
 1. Partir das experiências vividas e sentidas pelos jovens, relacionando-as com a realidade global da sociedade na qual o jovem vive para se chegar a uma análise crítica da mesma (VER).



2. Confrontar essas experiências e essa realidade com os valores humanos e cristãos (JULGAR).
3. Planejar e executar a ação de acordo com a análise feita (AGIR).
4. Fazer a revisão dos novos fatos, continuando o processo de ação-formação (REVER).
5. Fazer a celebração de toda a caminhada feita (CELEBRAR).

Muitos grupos não compreendem bem esse método e, junto ao pouco e mal aproveitado tempo das reuniões, ele, apesar de várias vezes não ser bem aproveitado e vivenciado, é o método principal da PJE, pois *“leva a apreender o dinamismo da realidade e interpretar a história e seus processos de transformação; evita o ativismo e a mera participação em cursos e encontros sem engajamento concreto, garantindo a formação na ação.”* (CNBB, 1986: p.28)

- *A Revisão de Vida e a Revisão da Prática.* Como nos coloca o Marco Referencial da PJE, *a Revisão de Vida proporciona um aprofundamento na confiança mútua e na amizade entre os estudantes, tornando o grupo mais unido em torno dos objetivos. Podemos dizer que não existe uma boa Revisão de Vida sem uma boa Revisão da Prática e vice-versa. Seja como for, quando bem feitas, chegam a constituir, não só um método ou só uma técnica, mas um estilo de vida.*” (PJE do Brasil, 1995: p.76-77)
- Esse momento de revisão faz com que os grupos e as pessoas tenham os pés no chão e saibam a quantas anda a sua formação, organização e ação. Mas será que quantos grupos realmente fazem essa revisão de vida e de prática?
- *Os assessores.* Um empenho muito grande deve ser dado à formação de assessores. Eles devem animar e acompanhar os jovens no processo de formação na fé e na ação cada vez mais comprometida no meio estudantil. Pelo documento do CELAM, “Pastoral da Juventude, sim à civilização do amor”, o assessor deve ser *“uma pessoa cristã madura, disposta a servir os jovens com a experiência de sua vida e desejo de compartilhar com eles sua descoberta de Cristo e vivência do Evangelho no seu*



seguimento.”(CELAM, 1987: p.207) A função do assessor é, portanto, a de acompanhar e ajudar os jovens através de questionamentos, idéias e testemunhos de vida, valendo-se de um maior preparo em termos de formação, organização e ação, e de uma maior disponibilidade de tempo para estudar e refletir sobre a prática da PJE. Não é papel do assessor coordenar os grupos, isso compete aos próprios jovens. Nos meus quase 10 anos de PJE, muitas vezes vi assessores perdidos, junto com seus grupos. Com certeza hoje é dos maiores desafios para a PJE, ter mais e melhores assessores nas diversas instâncias da sua organização.

Resumindo, podemos constatar que, numa Pastoral da Juventude Estudantil eficaz, deve haver boa organização e articulação, uma coordenação e assessoria nos vários níveis, planejamento, execução e acompanhamento das ações, dinâmica e tempo para fazer revisões, capacitação das lideranças com formação teórica através de cursos, retiros, encontros, leituras, grupos de estudo e, finalmente, uma prática realmente libertadora.

3.2 – ETAPAS E FASES DE UM GRUPO DA PJE

Partindo da experiência da JEC e da própria experiência, a PJE sistematizou as etapas e fases que mostram a direção por onde o grupo pode caminhar. Esse processo foi construído a partir da prática e com a participação de militantes e assessores. Essas etapas e fases são importantes para que os grupos não fiquem rodando no mesmo lugar e sim que cresçam e amadureçam integralmente.

3.2.1 - NUCLEAÇÃO

A nucleação é princípio básico para a existência de qualquer grupo de jovens. Como a própria palavra diz, se quer “formar núcleos”, formar grupos de jovens. Nessa etapa, o objetivo geral é o de desenvolver com os jovens experiências de integração e de autoconhecimento que



possibilitem a formação do grupo. Segundo Boran, *“nucleação é uma coisa simples, é o momento de convocar os jovens para participarem de um grupo.”* (BORAN, 1994: p.190) A base da PJE vão ser esses grupos. É o ponto de ingresso do jovem no grupo. É a conquista e o processo de cativar, partindo da realidade dos jovens que atendem ao convite, sabendo que não possuem experiências anteriores de vida desse tipo de grupo e nem grande conhecimento entre si, estando lá apenas para ver, conhecer o que é “esse tal grupo da PJE”. Nessa etapa os jovens vão descobrir o valor e as exigências da vida em grupo e poderão optar por ela. Como o grupo está começando, em “gestação”, essa etapa depende diretamente do assessor, levando em conta, é claro, os valores e expectativas trazidas pelos participantes.

A nucleação deve ter uma metodologia que *“valoriza o acolhimento pessoal, promove a participação, a integração e a organização grupal e ajuda os jovens a descobrirem o valor e as exigências da vida em grupo, optando por ela.”* (CNBB, 1986: p.30)

Os jovens ou adolescentes que entram em um grupo de jovens da PJE possuem idéias e interesses diferentes, gostam de atividades variadas e movimentadas, são dependentes do coordenador ou assessor e ainda não estão decididos a permanecer no grupo. Existe grande ansiedade, temores e expectativas não reveladas. Estão centrados em si mesmos, com visões próprias das coisas. Nessa etapa buscam acolhimento, valorização e apoio. Apesar da comunicação às vezes ser difícil, querem conhecer melhor os outros e se integrarem. Buscam sentirem-se livres, podendo expressar os seus anseios e desejos. Querem ser valorizados pelo nome e pela sua história. Mas será que isso realmente acontece? Como será isso na prática? Será que a PJE não está atingindo sempre o mesmo tipo de jovens? O que fazer para ampliar o público alvo e o que fazer para que a proposta da PJE seja atrativa para a grande maioria dos jovens de hoje?

A nucleação pode acontecer de duas formas. Na primeira, o jovem vem participar através de um convite direto ou indireto e, na segunda, através de promoções oportunizadas pelo grupo e que despertem sua atenção para participarem da PJE.



Na nucleação é necessária a definição de um objetivo comum, pois sem objetivo o grupo não sobrevive por muito tempo. O objetivo é que identifica e fortalece o grupo e também esclarece sua razão de ser. Após clarear o objetivo geral, o grupo vai definindo os seus objetivos específicos, de curto prazo, mais concretos e de ação imediata, que favorecem e motivam para o seu fortalecimento e continuidade. Aqui é importante ressaltar a dificuldade que muitos grupos da PJE têm de adequar ou ter objetivos próximos, que se possam realizar. O que, por exemplo, vai entender um adolescente que está iniciando na PJE de um objetivo que diz assim: “trabalhar para a construção do Reino!”? Quer dizer, é preciso ter objetivos a longo prazo, mas é imprescindível, ter objetivos específicos mais próximos e concretos.

O ponto de partida do grupo, como nos diz o Pe. Florisvaldo Orlando, *“é a pessoa dos jovens e o ponto de chegada dessa etapa será ter um grupo relativamente coeso, com alguma organização e disposto a empreender um caminho de crescimento comum.”* (ORLANDO, 1990: p.2)

A partir dos textos da PJE, podemos ver que é importante na **nucleação**:

- Organizar bem as reuniões, deixando bem claro o local e horário das mesmas, sempre envolvendo o pessoal na preparação.
- Valorizar cada jovem e grupo, levando as pessoas a se desinibirem e tendo uma participação ativa no grupo.
- Utilizar festas, passeios, compromissos fora das reuniões, celebrações de aniversários, retiros, dias de convivências, enfim deve-se propiciar muitos momentos de integração.
- Estabelecer uma comunicação verdadeira, que respeite o jeito de ser e pensar dos jovens.
- Estar integrado e conhecido na escola e comunidade. Mesmo que pequeno, o grupo deve ter uma atuação concreta.
- Valorizar momentos de espiritualidade, dando ênfase aos gestos e símbolos trazidos pelos jovens nas orações, ajudando para que a vida, na amizade, se torne uma espécie de mística.



- Assumir pequenas tarefas no grupo e dar espaço para cada um se expressar, para sentir-se participante.

Nesta etapa é imprescindível a presença e atuação do assessor. Ele deve ter paciência e mostrar acolhimento, segurança, confiança nos jovens, conhecer o processo da PJE, descobrir e aproveitar motivações, dar responsabilidades e facilitar a comunicação.

3.2.2 - INICIAÇÃO

Para que o grupo de jovens tenha uma formação integral e possa transmitir com eficácia os valores humanos e cristãos, torna-se necessário que seus membros se desenvolvam num processo gradual. Como diz Jorge Boran, *“formar uma grupo de jovens é o mais fácil. O desafio maior é o que fazer com o grupo após a primeira reunião. Como fazer para que os jovens continuem motivados e participando das reuniões? Como deslanchar um processo de iniciação que leve à conversão e ao compromisso concreto?”* (BORAN, 1994: p.196) Após o processo de nucleação é necessário que o grupo passe por um processo de Iniciação, que é formado por várias etapas, a fim de que cada jovem assuma e se prepare para assumir a sua militância na realidade em que está inserido. *“Alguns elementos não podem faltar no processo de iniciação, são a convivência grupal, a formação, a espiritualidade, a consciência crítica e o compromisso eclesial.”* (PJE do Brasil, 1995: p.83)

Nos últimos anos, as três etapas em que a iniciação se divide têm sido chamadas de infância, adolescência e juventude. Essa denominação relaciona a caminhada do grupo, comparando-a com as etapas evolutivas da pessoa humana. Usarei, porém, outra nomenclatura mais adequada e que a própria PJE utiliza para expressar cada fase: descoberta do grupo, descoberta da realidade que rodeia o grupo (escola e comunidade) e descoberta da sociedade e das causas dos problemas sociais. Essas fases foram sistematizadas a partir da rica experiência da Ação Católica Especializada e são chamadas de etapas de formação integral na fé e de conscientização no processo de iniciação.



Veremos cada um delas, lembrando que é necessário ter clareza na questão dos objetivos a curto, médio e longo prazo para superar a superficialidade e as crises que muitos grupos possuem. É importante lembrar também que, como as pessoas possuem suas exigências e seu processo de maturidade, nem todos fazem a mesma caminhada simultaneamente.

3.2.2.1 - DESCOBERTA DO GRUPO

No primeiro momento, os jovens descobrem o grupo, os valores de um trabalho em equipe, o diálogo. Sentem-se à vontade com outros jovens que possuem os mesmos “grilos”, códigos e falam a mesma linguagem. As reflexões e temas discutidos são namoro, amizade, sexo, liberdade, conflitos de família, problemas pessoais...

Nessa etapa o objetivo geral do grupo é desenvolver a aceitação de si e do seu meio, confrontando essa realidade com os valores humanos e cristãos, para uma convivência com harmônica. O grupo procura subsídios. A reunião já possui uma estrutura mais organizada. Ocorrem cobranças das decisões e tarefas assumidas pelo grupo. É indispensável a distribuição de tarefas, a fim de que todos se sintam responsáveis e valorizados, aprendendo a trabalhar em equipe.

O jovem, aqui, sai do seu isolamento e descobre a importância do grupo de jovens. “No grupo, os jovens se sentem à vontade, no meio de jovens que têm o mesmo problema, a mesma linguagem, os mesmos valores. Encontra espaço onde pode desafogar seus problemas e expressar suas idéias. Os outros jovens escutam o que ele quer dizer. Ele se sente valorizado. Assume pequenas responsabilidades. Começa a ter a sensação de auto-realização, a tomar conhecimento de suas capacidades, de seus talentos, dos dons que pode pôr a serviço dos outros. A participação no grupo promove sua maturidade afetiva e é forma de exercício para sua liberdade.”(PJ do Brasil, 1991: p.48) Ele quer ser aceito para melhor se relacionar consigo mesmo, com os outros e assim engajar-se no crescimento da vida e da sua fé. Deseja desenvolver-se e ser percebido como alguém que colabora na transformação da sociedade. Quer ser aceito e acolhido com dignidade e na amizade, sonhando e buscando um ambiente onde exista diálogo.



Começa a tomar conhecimento de suas capacidades, de seus talentos, dos dons que pode pôr a serviço dos outros.

É importante dar-se conta, nesta etapa e até nas posteriores, de que se está trabalhando com adolescentes, fase em que a experiência de vida é diferente da juventude. A PJE se desenvolve basicamente com adolescentes. Até que ponto a PJE e, em especial os assessores, levam em conta essa realidade no desenvolvimento do trabalho? O adolescente é respeitado no conjunto de suas características?

O adolescente está passando por uma fase de “explosão corporal”, de descoberta do sexo e da afetividade. Está saindo da infância e começa a discordar das idéias, muitas vezes impostas pelos adultos. Percebe as incoerências, falsidades de muitos modelos que lhe foram apresentados. *“Pode-se dizer que uma característica básica dos adolescentes é que são muito críticos ante o modelo de sociedade em que vivem. Ao mesmo tempo ainda não definiram o modelo de sociedade que desejam. Encontram felicidade em ‘dar-se’ quando esta entrega lhes apresenta algo que ajuda a definirem sua identidade. O adolescente é um ser que busca e vai definindo sua própria identidade construindo-se psíquica e fisiologicamente. Na relação com o mundo luta por conseguir sua dignidade e liberdade, num processo de formação. É capaz de raciocinar, sentir e expor seu projeto de vida pessoal. Busca a comunhão com Deus e consigo mesmo, conhecendo seu corpo, seus defeitos e qualidades.”* (CELAM, 1996: p.9) O adolescente tem muitas dúvidas sobre sua auto-imagem, busca uma auto-afirmação. O grupo, nesta etapa, vive um clima de euforia e entusiasmo, com uma forte união entre todos. Cada um ainda está centrado em si mesmo vivendo o presente e curtindo a alegria de estar junto com outras pessoas.

Concordam com quase tudo o que o assessor disser. *“O grupo nesta etapa, certamente estará na fase ‘cor-de-rosa’, entusiasmado com a união de todos. Ainda está centrado em si mesmo, vivendo o presente e curtindo a alegria de estar juntos. Por isso quer brincadeiras, passeios etc. e gasta tempo para encontrar soluções para os problemas pessoais, sobretudo afetivos.”* (PJ do Brasil, 1994: p.66) Esse grupo necessita aprofundar o conhecimento mútuo e a integração, tendo um ambiente de abertura e acolhida. Necessita atender a falta de



autoconhecimento, tomar consciência e revisar suas atitudes e relacionamento na família e escola, abrindo-se à vivência dos valores humanos e cristãos. O ponto de chegada desta etapa deverá ser um grupo mais coeso, que se avalie e esteja inquieto com os problemas da escola e comunidade.

3.2.2.2 - DESCOBERTA DA REALIDADE QUE RODEIA O GRUPO (ESCOLA E COMUNIDADE)

O objetivo geral do grupo que a PJE coloca para esta etapa é desenvolver o sentido da cidadania e o sentimento de pertencer a uma comunidade (escolar/eclesial) confrontando sua vida com os valores humanos e cristãos para assumir compromissos na escola e na comunidade. Vendo a situação de muitos grupos, podemos perguntar: quantos estudantes, ao final desta etapa, alcançam e vivem esse objetivo?

Através do material e do método usado nas reuniões, contatos com outros grupos, celebrações, encontros e cursos, o grupo passa a prestar atenção na realidade ao seus redor. Discute-se sobre o mundo da educação, os problemas da escola, o menor abandonado, violência, fome... Na maioria dos casos, os adolescentes não possuem visão global e consciência crítica. Os problemas são encarados isoladamente uns dos outros. Com as dinâmicas, as dimensões da formação integral e com a ajuda do assessor a realidade passa a ser entendida de forma mais crítica e o grupo passa a procurar desenvolver sua ação em favor dos mais necessitados, embora as ações, na maioria delas, sejam assistencialistas. O grupo começa a ligar a sua fé com a vida. Acontece o confronto dos problemas pessoais e sociais com a proposta e valores de Jesus Cristo. Esse Cristo que se encarnou na vida e sofrimento do povo e que aos poucos aparece como modelo a ser seguido.

Nesta etapa “a visão do problema social ainda é descritiva e ingênua. Os problemas são considerados isoladamente uns dos outros. Ainda não há uma visão global, estrutural da sociedade. Guia-se mais pelo coração do que pela razão. Terão consciência mais crítica na medida em que estas atividades de assistência forem planejadas e avaliadas metodologicamente: partilhando a experiência feita, perguntando pelas causas mais profundas e as conseqüências de

tal realidade, confrontando-a com o Projeto de Deus e celebrando-a comunitariamente. No processo educativo, mais importante do que aquilo que se faz, é o modo pelo qual se faz.” (PJ do Brasil, 1994: p.67)

Nessa etapa o grupo necessita de assessoria serena e constante, que o ajude a objetivar e superar suas crises e identificar os problemas sentidos na escola e na comunidade e a dar respostas de acordo com seu nível de maturidade, além de rever sua prática religiosa e descobrir o sentido de pertencer a uma comunidade eclesial e dela participar. Será que os assessores questionam e instigam os grupos nessa busca? No grupo há momentos de grande entusiasmo e momentos de apatia e cansaço. Surgem polêmicas, líderes que se destacam, nascem “panelinhas”. Aparecem as diferenças e os conflitos naturais. Então, o grupo busca redefinir sua identidade e, às vezes, uma saída mágica em atividades como, por exemplo, os passeios.

À medida que o grupo de jovens se desenvolve como “pastoral”, descobre uma pastoral organizada a nível amplo, além de sua escola: é a diocese, o regional e o nível nacional. O grupo que permanece isolado esgota bem depressa sua possibilidade de crescimento e começa a girar no mesmo lugar até fracassar. Já mantendo contato com outros grupos, cresce e percebe a existência de uma Igreja viva, dinâmica e missionária, pois muitos ao chegarem no grupo possuem uma imagem da Igreja só enquanto hierarquia. Nesse sentido é importante lembrar o que Jorge Boran nos diz para mudar essa concepção dos jovens de hoje. *“Numa cultura moderna que rejeita autoritarismo e imposição, a Igreja só pode conquistar credibilidade na medida em que cria estes espaços onde os jovens podem participar e tomar decisões. Trata-se de espaços que servem como modelos de referências e onde os valores do Evangelho se tornam visíveis. São espaços onde os jovens têm experiência de Igreja-comunidade, sinal do Deus amor no mundo e sentem a força de transformação de uma sociedade injusta.”* (BORAN, 1994: p.214) Descobre também, nesta fase, a existência de uma fé inserida na realidade.

O jovem, nessa etapa, amadurece o senso de liberdade e a vontade de saber mais sobre a liderança. Claro que amizade, afetividade e sexualidade, como anseio, prosseguem. O jovem é curioso por exercícios de autoconhecimento e autocontrole. Agradam-lhe celebrações



participativas, esporte, visitas para conhecer a realidade, executar e planejar tarefas, e dar-se a conhecer na escola. O ponto de chegada dessa etapa deverá ser um grupo que tenha superado os problemas internos e tenha descoberto o mundo que o rodeia, buscando entender os problemas existentes. Inserido na organização pastoral e no mundo da educação, o jovem deve sentir-se protagonista. O grupo deve querer se lançar com desejo de participação e propósito de aprofundar o seu conhecimento e vivência cristã.

Como consequência desta etapa, *“o jovem percebe que a injustiça organizada só pode ser superada por uma ação organizada. Sente a força que a juventude organizada tem para mudar as coisas. Sente que sua participação junto com outros representa uma tentativa em busca da nova sociedade que anseia construir.”* (PJ do Brasil, 1994: p.68) Para concluir podemos nos perguntar: Será que os estudantes hoje sentem realmente essa necessidade de organização? O que fazer para engajá-los?

3.2.2.3 - DESCOBERTA DA SOCIEDADE E DAS CAUSAS DOS PROBLEMAS SOCIAIS

O objetivo geral do grupo, nesta etapa, é aprofundar a análise da realidade, vivenciando a fé de maneira pessoal e comunitária, iluminada pelos valores humanos e cristãos, para uma opção consciente e transformadora da realidade. É importante ressaltar, aqui, que todo grupo é formado por jovens/adolescentes, onde cada um tem um ritmo e uma caminhada diferente. É possível o grupo todo alcançar esse objetivo?

Nesta etapa, os problemas da escola e da realidade passam a ser vistos em uma dimensão cada vez mais ampla e despertam o jovem para as raízes sociais do mal que atinge a maioria do povo e essa não é uma tarefa simples. Nesta etapa, *“o jovem começa a fazer uma análise mais crítica da escola e da sociedade. Como o relacionamento humano entre os membros é mais profundo, os objetivos são melhor definidos e interiorizados e os compromissos assumidos com maior seriedade, a problemática humana e social ocupa lugar de destaque na reflexão.”* (PJ do Brasil, 1994: p.68) Só que, como vimos anteriormente, esse protagonismo em muitos lugares, esbarra na pressão da direção das escolas. O grupo pode atuar, mas não questionar muito. E aí?



O que fazer? Será que muitos grupos não se acomodam e ficam por isso mesmo? Essa problemática deve ser um destaque na reflexão dos grupos. Descobre-se que não se pode acomodar e que o pobre não é pobre porque quer, ou porque não trabalha o suficiente, mas porque na maioria dos casos é vítima de uma organização sócio-econômica injusta. A educação é entendida dentro do contexto e da estrutura social, como um direito que deve ser entendido para todos. Descobre-se também que, como nos diz João Paulo II, *“há ricos cada vez mais ricos às custas de pobres cada vez mais pobres”*. (PJ do Brasil, 1994: p.68)

Os jovens começam a assumir atitudes de ação transformadora, sendo protagonistas, na própria PJE, nas outras pastorais da Igreja e nos movimentos populares. O jovem, aqui, quer ser útil e ter uma ação concreta dentro do seu meio e sociedade. Quer ser respeitado e exige respeito aos outros, principalmente aos marginalizados. Além de falar de si, quer descobrir-se e descobrir sua vocação. Está em busca, igualmente, de um amadurecimento político. Vê com maior clareza o que significa, em termos de fé cristã, a vocação específica do leigo na vida do país, em todos os seus aspectos (social, político, econômico, cultural e religioso). Também, em muitos casos, é nesta fase que nasce a opção por uma vida religiosa e sacerdotal, pois Jesus Cristo é opção e modelo de vida.

O grupo discute e aborda as questões vitais do seu dia-a-dia. Discutem-se problemas da escola, do bairro, os problemas de trabalho e também questões políticas, econômicas e modelos de sociedade. *“Agora começa a olhar mais de perto o que se passa fora do grupo e da comunidade. O problema não é mais abstrato. Agora sente-se responsável. Faz parte da família humana. Precisa fazer algo para ajudar, para aliviar o sofrimento humano. Desperta nele o idealismo natural do jovem e o sentimento de compaixão e solidariedade.”* (BORAN, 1994: p.219)

O grupo vai desenvolvendo instrumentos de análise que o ajudem a conhecer com profundidade a sociedade, suas estruturas, conjuntura, fenômenos culturais e religiosos e a aprofundar sua experiência de fé e de vivência eclesial. Nessa etapa é importante o assessor estar atento aos carismas para orientar cada jovem, para que assuma serviços de acordo com seus dons. Ele sente a força que possui e percebe que, organizando-se, pode mudar a realidade. Sente a



própria participação junto com os outros como ensaio da nova sociedade que almeja construir.

Jorge Boran diz que a motivação para que essa mudança aconteça depende de três fatores:

- *“consciência dos problemas que exigem soluções;*
- *o ritmo da mudança depende do grau de descontentamento;*
- *a eficácia da mudança depende da clareza sobre as causas.”*(BORAN, 1994: p. 233)

Será que os grupos possuem a clareza desses fatores na construção da PJE e de um mundo melhor?

O ponto de chegada dessa etapa é cada jovem assumir sua militância, na própria pastoral, no seu meio específico, na Igreja e na sociedade. Cada jovem, então, busca ter maturidade pessoal, opção vocacional, consciência crítica, vivência dos valores humanos e cristãos, numa relação de fé e vida.

3.2.3 - MILITÂNCIA

Para a PJE o objetivo geral do grupo de jovens, nesta etapa, é assumir o compromisso efetivo no mundo da educação, na escola, na comunidade e na sociedade, à luz dos valores humanos e cristãos para a construção de uma sociedade justa e fraterna. É importante ressaltar que essa busca vai ter que respeitar a caminhada de cada um.

Nessa etapa o jovem se torna um militante, isto é, já sabe de alguma forma o que quer. Tem convicções, compromisso com a realidade e a fé se consolidou na perseverança. Nas conclusões do 7º Encontro Latino-Americano de responsáveis da PJ, isso fica claro: *“A militância exercida pelo jovem cristão pode-se definir como aquela ação cada vez mais refletida e organizada de forma a promover uma transformação da Igreja e da sociedade. Entende-se a militância como uma opção que o jovem faz para assumir, no concreto do seu meio específico, o estilo de vida de Jesus Cristo e viver sua vida na entrega aos demais.”*(CELAM, 1989: p.7) Será que todos os jovens chegam até aqui com essa maturidade?



Alguém é militante quando já vive certa maturidade, pois, ser um militante na PJE pressupõe três elementos fundamentais:

- Ser estudante, estar comprometido com o seu meio e participar das reuniões de seu grupo;
- Ter uma visão crítica da realidade e
- Ter uma identidade e um projeto pessoal a partir dos valores humanos e cristãos.

No seu Marco Referencial, a PJE acrescenta mais alguns desafios fundamentais ao militante da PJE:

- *“ter claro o projeto de sociedade que quer construir;*
- *colaborar com a nucleação e a formação de novos núcleos da PJE;*
- *ser estudante comprometido com o meio estudantil e participar da reunião do grupo;*
- *ter uma visão crítica da realidade e uma identidade ou motivação cristã naquilo que faz;*
- *ser perseverante;*
- *ter a convicção de que a PJE não tem um fim em si mesma, é um meio para que se transformem as estruturas injustas da sociedade;*
- *buscar, no exercício do poder, uma forma de serviço (coordenação, assessoria, grêmio estudantil, articulação, secretaria).*(PJE do Brasil, 1995: p.84)

Esses desafios são uma proposta para toda vida, por isso me pergunto: Será que as vezes não propomos algo aos jovens que vai além da fase de vida em que estão? Será que um adolescentes no final do 2º grau, hoje, tem claro o projeto de sociedade que quer construir? Assim poderíamos questionar vários desses elementos que nem por isso perdem seu valor ou devem ser deixados de lado.

O grupo, nesta etapa, deve ser uma equipe de vida, com fortes e maduras relações interpessoais e opções vitais assumidas, além de apresentar estabilidade, levando em conta as diferenças de cada um, de opiniões e trabalho. Deve ser equilibrado, aberto, com senso prático.



Ter consciência das próprias limitações e capacidade de auto-análise e revisão. Convicções profundas e claras, liberdade responsável e alegria.

O objetivo geral do grupo, nesta fase, poderia ser resumido assim: *Apoiar o militante no seu compromisso e opção cristã, oferecendo espaço para a revisão da vida e da prática, aprofundamento teórico, fortalecimento e celebração da fé.* Para isso realmente acontecer, é preciso definir que tipo de organização terá o grupo de militantes, que objetivos concretos se podem propor, que programa seguir, qual a função do assessor no grupo e que atitudes se requerem dele e, ainda, como fazer a Revisão de Vida e de Prática.

Do jovem militante se quer, então, que busque a formação, amadureça o aspecto afetivo-sexual, faça uma opção vocacional através de um projeto de vida, tenha claro os valores humanos e cristãos e os contravalores da sociedade de hoje, tenha capacidade de liderança, se insira nas outras pastorais e/ou movimentos populares, adira à vontade do Pai, cultive a oração pessoal e comunitária, tenha respeito às diferentes culturas, busque uma formação integral, tenha paciência com quem está começando, reflita sua militância à luz da fé, num grupo, esteja integrado na Pastoral Orgânica da Igreja, clareie sempre mais seu marco teórico e metodológico, saiba entender o modelo histórico de sociedade em que vive e auxilie no surgimento de novos grupos de Pastoral da Juventude Estudantil.

No Estudo n.º 44, a CNBB diz que *“a Igreja incentiva a participação dos jovens nas questões sociais e políticas e nos organismos intermediários da sociedade. A PJ deve porém, respeitar e promover a autonomia dos partidos políticos, sindicatos, movimentos populares e outros, sem abandonar seu papel específico de evangelização, tornando-se base política de pessoas ou grupos.”*(CNBB, 1986: p.33) Será que todos possuem clareza nesse papel da PJE? Em muitos casos, sabemos que há confusão. Há grupos e pessoas, que possuem só uma postura partidária ou, por outro lado, outros que são só oração, estando longe da realidade. É preciso equilibrar essas dimensões e é por isso que a PJE defende a formação integral dos jovens estudantes.



Há uma série de temas que devem ser trabalhados nesta etapa: a pessoa do militante, bíblia, Jesus Cristo, educação, Igreja, política e sociedade, capacitação técnica.

Na militância, a pessoa do assessor também continua muito importante. Ele deve ser apoio, estímulo, testemunho de fé e vida, mostrar compreensão e equilíbrio, tornar-se elemento de ligação, enfim, ser uma pessoa madura e comprometida com o Reino de Deus.

Nesta etapa seguem-se várias atividades e técnicas: promover palestras, assistir vídeos educativos, participar de debates e cursos de formação, exercer conscientemente o voto, ler jornais, revistas e livros, encontrar-se com outros para a troca de experiências, celebrar a fé e vida, elaborar o projeto pessoal de vida, fazer diferentes análises de conjuntura, fazer revisão de prática e de vida, promover retiros, encontros e reflexões mais profundas e exigentes, conhecer as ideologias dos partidos e tendências partidárias, estudar os modos de produção (capitalismo, socialismo...) e participar de manifestações populares (romarias, caminhadas, passeios ecológicos...).

O jovem ainda pode engajar-se na militância na PJE, Igreja, movimentos populares, ter rodízio na coordenação, deixar-se acompanhar para crescer na dimensão pessoal (eu), conhecer a metodologia e trabalho de outros organismos: iniciar, ajudar e animar grupos de jovens, bem como participar do Grêmio Estudantil e Meio Estudantil. É importante, nesta etapa, que o grupo e cada jovem se dêem conta das etapas que já foram percorridas.

Como cada pessoa vive uma experiência única de vida e um processo único, há necessidade de respeito e cuidado com o crescimento de cada militante no grupo, na sociedade e como pessoa. Jorge Boran confirma isso: *"o crescimento não é automático para todos os jovens. São ritmos diferentes. Existe flexibilidade entre as etapas, onde várias etapas podem coexistir ao mesmo tempo. São as pessoas que avançam, não os grupos. Nossa experiência tem mostrado que raramente um grupo inteiro passa para o nível do compromisso. A caminhada é sempre desigual."* (BORAN, 1994: p.261)



4 – DIMENSÕES DA FORMAÇÃO INTEGRAL

NA PJE

Nos capítulos anteriores, muitas vezes, falamos de “formação integral” a PJE sabe que na sua caminhada é preciso amadurecer e dar passos seguros e concretos para que os jovens adquiram o tão almejado equilíbrio entre as várias dimensões de uma formação integral e superem a tentação de absolutizar uma dimensão em detrimento das demais. *“Frente a uma sociedade marcada pelo individualismo e pela emergência da subjetividade, torna-se necessário desenvolver a consciência da dignidade de cada pessoa, valorizando-a em todas as suas dimensões, e da recuperação dos direitos fundamentais, associando a liberdade à solidariedade e doação.”*(MOL, 1993: p.12)

Aprofundar e conhecer bem essas dimensões torna-se imperativo para quem quer ajudar os jovens a crescerem como cristãos e cidadãos conscientes e comprometidos dentro do seu meio específico, buscando assim a construção da ‘civilização do amor’, a tão sonhada e desejada sociedade justa e fraterna.

4.1 – PERSONALIZAÇÃO

Personalidade é o modo característico de uma pessoa ser e de agir. A literatura sobre o tema, nos anais da PJE, aponta para sua relevância. Segundo Jorge Boran, *“o jovem precisa se conhecer. Ele precisa se descobrir como pessoa e entrar em contato consigo mesmo.”*(PJ do Brasil, 1990: p.11) Nesta dimensão trabalha-se a afetividade e a sexualidade, a psicologia do ser humano, a integração do ser homem e do ser mulher. Dentro da personalização estão temas como a constituição física e biológica, a carga genética, o temperamento, o dinamismo interior



espontâneo e o caráter (dinamismo que controla o temperamento, resultado da educação, influências sociais e autodeterminação, e o ambiente que vivemos).

Na Pastoral Juvenil Salesiana, essa dimensão também é valorizada: *“Nesta dimensão o jovem precisa, antes de tudo, acolher a vida. Para isso, procura conhecer-se, aceitar-se, assumir-se a si próprio. Assume todos os aspectos da realidade pessoal: corpo, afetividade, sexualidade, psiquismo, cultura, aspirações, potencialidades... Ai, a educação à fé é concebida como auto-aceitação, humanização, busca de sentido da vida e opção de valores.”* (Pastoral da Juventude Salesiana, 1992: p.4) Ainda o Marco Referencial da PJE defende a personalização, pois *“trata-se da formação da personalidade do jovem como pessoa. É importante o jovem sentir-se como único, num amadurecimento constante consigo e com os outros, tendo como modelo Jesus Cristo.”* (PJE do Brasil. Marco Referencial. São Paulo, Ed. CCJ, 1995.)

Personalização é, portanto, personificar-se, tornar-se pessoa única num ajustamento crescente consigo e com os outros, tomando consciência cada vez maior da realidade, necessidades e potencialidades. Quem não consegue entrar nessa trajetória de um constante crescimento, faz outro caminho: fechamento e regressão. É necessário, portanto, voltar-se seriamente para a formação da personalidade madura, para que a pessoa possa ser mais plena. Em Jesus Cristo, o homem encontra a forma mais plena de se personalizar, pois Ele, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, é o ponto de encontro para o homem que quer responder, no comprometimento da vida, à indagação existencial: “Quem sou eu?” Ele é o modo e o convocador do crescimento e da maturidade.

Mas será que muitas vezes não falta apresentar com mais clareza Jesus Cristo aos Jovens? Será que muitas vezes os assessores ficam supondo que está tudo claro e na verdade não está?

Nesta dimensão, o jovem percorre vários passos até viver plenamente a integração: o primeiro contato com o grupo, identificação com alguém, compreensão do objetivo do grupo, integração jovem/grupo e por fim o aprofundamento da amizade.

Na personalização, é fundamental e básica a atuação do grupo. Ele deve proporcionar aos seus membros um ambiente de confiança, sensibilização, satisfação, autenticidade,



4.2 – INTEGRAÇÃO

Trata-se aqui da pessoa e as suas relações. Sabemos que o ser humano é um ser social por natureza e que, à medida que vai se relacionando, ele vai se tornando mais pessoa. Conhecer-se e conhecer os outros leva a pessoa a um relacionamento normal e equilibrado. A pessoa se desenvolve muito na convivência e, nessa integração com os outros, leva consigo um conjunto de qualidades e tendências, defeitos e hábitos adquiridos. Nessa vida de grupo, deve-se levar em conta as relações de poder, mas aquele poder que se traduz em serviço, atitudes de doação, humildade, respeito, saber ouvir, amar...

Na dimensão da Integração, o jovem descobre a existência do outro como ser diferente e do grupo como lugar de encontro e crescimento. *“Responde à necessidade de abertura ao outro que gera crescimento e fecundidade, superando o fechamento em si mesmo(a) e conseqüentemente o aniquilamento. Trata também das relações interpessoais e comunicação, bem como da integração crítica na escola, comunidade e sociedade, resgatando suas raízes culturais.”*(PJ do Brasil, 1993: p.2)

Pela integração, desenvolvemos a dimensão comunitária, em que predomina a experiência do amor-solidariedade, do amor-relacionamento e vida com todos. Na comunidade, a pessoa se sente ‘mais pessoa’, tendo a grande chance de viver comunhão e participação. Isso tudo contrasta com a sociedade como um todo, onde as estruturas massificantes e despersonalizadoras criam relações opressoras e de morte.

Será que os grupos da PJE conhecem e conseguem ser um espaço de “comunhão e participação” frente as estruturas massificantes e despersonalizadoras da sociedade de hoje?

Nesta dimensão, o jovem percorre vários passos até viver plenamente a integração: o primeiro contato com o grupo, identificação com alguém, compreensão do objetivo do grupo, integração jovem/grupo e por fim o aprofundamento da amizade.

Na personalização, é fundamental e básica a atuação do grupo. Ele deve propiciar aos seus membros um ambiente de confiança, sensibilização, satisfação, autenticidade,



responsabilidade e compromisso, mesmo sabendo que, como qualquer outro grupo dessa idade, existem “panelinhas”, fofocas e outros interesses contraditórios.

(Pastoral da Juventude Salesiana, 1992, p.5)

4.3 – CONSCIENTIZAÇÃO POLÍTICA

Entendendo conscientização política como respeito à entrada e compromisso com a sociedade e política, como a busca do bem viver de todos na sociedade, podemos dizer que isso tem a ver com o relacionamento de cada um com os outros, com quem vivemos e com aqueles para quem podemos construir uma escola melhor e um mundo melhor. A dimensão da conscientização política está delineada da seguinte maneira na PJE: *“trata-se da convivência social com relações de justiça e solidariedade, com igualdade de direitos e deveres. A política é a arte de administrar a convivência dos cidadãos. Exige cidadãos conscientes, sujeitos da história nova, com participação crítica em favor da justiça e da vida digna para todos.”* (PJ do Brasil, 1994: p.59) Percebe-se, então, que a dimensão da Conscientização Política supõe o desenvolvimento das dimensões da Personalização e Integração com os fundamentos teóricos que vimos no capítulo anterior. Quando acontece o envolvimento de cada um, logo percebemos que não conseguimos nada sozinhos. É preciso organização, formação, objetivos claros e pistas de ações concretas. A conscientização política tem papel decisivo a formação de cada jovem, que deve buscar a consciência crítica de não engolir tudo o que lhe é lançado à frente pelos meios de comunicação e nas relações do dia-a-dia. É importante reconhecer, novamente, a questão de o poder ser exercido como serviço. Jesus Cristo é o exemplo maior disso e a Bíblia contém uma riqueza grande de exemplos de conscientização para o trabalho pastoral.

Diante de uma realidade onde cresce a subjetividade e um certo descaso dos jovens pela política, o que a PJE tem que fazer? Como levar isso em conta ao trabalhar essa dimensão?

A Pastoral Juvenil Salesiana salienta a importância dessa dimensão quando diz que *“a experiência comunitária leva o jovem a confrontar-se com problemas, cuja solução exige*



convergência de esforços e vontade política. A promoção do bem comum e a construção de uma ordem social, política e econômica humana, justa e solidária, torna-se um compromisso de fé.”

(Pastoral da Juventude Salesiana, 1992: p.5)

Normalmente os jovens e grupos percorrem um processo iniciado a partir de uma consciência ingênua, vindo após o assistencialismo, a solidariedade, algumas ações isoladas, seguidas pela compreensão dos mecanismos da estrutura social e, por fim, chegando ao envolvimento e engajamento na construção da nova sociedade e de uma nova educação baseada nos valores humanos e cristãos. Como nos diz o marco Referencial da PJE, nesta dimensão “o jovem procura construir um mundo melhor, organizando-se, envolvendo-se e clareando seus objetivos. Busca uma consciência crítica e exerce o poder como serviço.”(PJE do Brasil, 1995: p.87) É importante ressaltar que essa construção vai começar com um compromisso assumido aos poucos, de maneira progressiva. Não se pode querer transformar tudo como num passe de mágica.

4.4 – VIVÊNCIA DA FÉ

Aqui temos a dimensão que é o centro de irradiação, o motor que vai impulsionar a vida de cada pessoa e de cada grupo. É a dimensão que vai ser a base e o sentido da caminhada. Como nos dizem os Bispos Católicos da América Latina, no livro “Pastoral da Juventude, Sim à Civilização do Amor”. “O grande objetivo da Pastoral da Juventude é promover o encontro pessoal e comunitário com o Cristo vivo, para que os jovens, enquanto se evangelizam, se comprometam com a libertação integral do homem e da sociedade, levando-se à vida de comunhão e participação. Aqui torna-se presente o processo de educação na fé dos jovens, numa relação de crescimento e amadurecimento na integração da Fé e da Vida. Parte-se de dados da



realidade, ilumina-se com os valores humanos e cristãos, para um agir com critérios no campo específico que vivemos”.(CELAM, 1987: p.109)

A integração da Fé e Vida de maneira harmônica é essencial para quem opta pela PJE. Como será que está, nos jovens e assessores da PJE, esta vivência e integração entre Fé e Vida? Será que muitos grupos não estão, “só na fé ou só na vida”?

Os jovens da PJE devem colocar a emoção e o sentimento na vivência da fé, sem esquecer de aprofundar-se nas orientações e valores cristãos, confrontando-os com a realidade vivida, como pessoa, grupo e sociedade. Passo fundamental nesta dimensão é *“transformar a experiência de vida pela força da fé em experiência evangélica. Integram-se fé e vida.”*(PJ do Brasil, 1994: p.60)

São conteúdos indispensáveis dessa dimensão a vida de Jesus e seus valores essenciais, a Igreja como comunidade dos seguidores de Jesus Cristo, servidora e libertadora, a celebração de Deus na vida, sacramento e santidade, a espiritualidade dos jovens, levando em conta o seu jeito de vivê-la, a verdade e a proposta do Homem novo numa Nova sociedade.

Especialmente, nessa dimensão da Vivência da Fé, é indispensável a revisão de vida e de prática e uma conseqüente vida de oração pessoal e comunitária.

4.5 – CAPACITAÇÃO TÉCNICA

Não basta apenas ter um objetivo ou um grande ideal, é preciso saber como fazer para realizá-lo. A Pastoral da Juventude Estudantil quer jovens com formação, comprometidos e capazes de uma ação transformadora. Não podemos ser ingênuos e crer que nossos objetivos de libertação e de vida serão conseguidos apenas com boa vontade, amadorismo e improvisação. Essa dimensão deve servir *“para o planejamento, desenvolvimento e avaliação (reflexão) da ação transformadora, para o exercício da liderança e coordenação democrática nos grupos, organizações e também junto às massas. Trata-se de ser profissional, realizando a missão com*



eficácia.”(PJ do Brasil, 1993: p.3) Grande parte das dificuldades dos grupos de jovens provêm da falta de capacidade técnica de seus líderes, jovens e assessores para fazer acontecer o processo de formação dentro do grupo. É importante passar adiante a formação que cada um recebeu para que outros jovens e assessores assumam mais concretamente essa caminhada. A capacitação técnica deve ser contínua e permanente e possuir um processo que possa: a) capacitar de todos os envolvidos na vida do grupo e da PJE, no planejamento, execução e revisão da ação: mediante a participação no grupo e atividades complementares, tendo em vista uma pedagogia adequada de formação, vivência da fé e da ação; b) dar capacitação técnica em vista de um projeto de conscientização e engajamento político; c) capacitar em vista de um projeto de Pastoral da Juventude Estudantil, que é o projeto de Jesus Cristo. Será que a PJE realmente proporciona esta capacitação a todos os seus militantes? Particularmente, vejo que é necessário crescer muito mais nesse sentido. Não pode ser só um pequeno grupo ou algumas pessoas que devem saber fazer ou organizar, é uma necessidade de todo o pessoal da PJE, em todas as instâncias.

No documento da Pastoral Juvenil Salesiana, encontra-se a seguinte colocação sobre essa dimensão: *“O jovem sente a necessidade de testemunhar a própria fé, empenhando sua vida no serviço aos outros. Para que sua ação seja eficaz, precisa entrar num processo de formação permanente, que lhe garanta a aquisição de técnicas e de competência educativa profissional, bem como uma espiritualidade e qualificação pastoral para assumir tarefas de animador de grupos de jovens, de comunicador da mensagem de Jesus Cristo e de formador de lideranças.”* (Pastoral da Juventude Salesiana, 1992: p.6)

Não se trata, portanto, da técnica pela técnica. A capacitação só tem sentido em vista do objetivo que se tem e requer conhecer e assumir esse objetivo. No caso da Pastoral da Juventude Estudantil o objetivo é a “Construção do Reino” mediante a transformação da realidade educacional e da sociedade atual numa Nova Escola e Sociedade, baseadas nos valores humanos e cristãos.



4.6 – VOCACIONAL

Essa dimensão está presente nas demais dimensões e tem uma relação profunda com elas. Vocação vem da palavra latina *vocare*, que significa *chamar*. Chamar para uma busca de sentido para a vida. Todo ser humano é chamado para viver o amor. Cada um de nós é fruto do Amor, por isso nossa vida é uma constante busca de retomar e viver o Amor de nossa origem e princípio. Somos criaturas feitas para o bem, para o amor. Quando Deus nos criou deu-nos a essência e a dinâmica do Amor. Por isso, vocação é o chamado para viver esse amor criador e original. Mas é também um chamado a estar com o outro. Esse “estar com” é a vivência na comunidade. Isso entendemos facilmente se nos lembrarmos de Jesus Cristo e sua relação com os discípulos. Jesus chama cada um pelo nome para estar com Ele e, depois desse convívio e testemunho, envia-os fortalecidos para a Missão. Somos todos chamados também a viver e a nos engajar nessa missão, no sentido de sermos continuadores da Criação, de tornarmos vivo esse Amor de Deus no mundo de hoje. Isso só será possível na medida em que os valores humanos e cristão sejam assumidos e vividos por todas as pessoas.

Diante de um mundo pluralista e fragmentário, que gera pessoas individualistas, muitos jovens sentem a necessidade de perguntar pelo sentido último da vida e fundamentar a sua fé na experiência pessoal de Deus, confrontando-a com as suas vidas, fazendo opção por serem pessoas maduras, conscientes e harmônicas, que buscam a construção de um mundo melhor para todos.

Aqui faço uma pergunta a todos os que estão engajados na PJE: será que somos exemplo de alegria, compromisso e harmonia para os jovens de hoje na nossa opção vocacional? Será que nosso testemunho e exemplo conquistam outros jovens?

“A Pastoral da Juventude é convite a descobrir o sentido da vida através da entrega, missão e serviço. É o chamado a viver o trabalho, o estudo, a profissão numa vocação de serviço comunitário solidário e para desenvolver um processo que cria condições para que os jovens descubram e fortaleçam suas relações fundamentais de encontro consigo mesmo, com os outros, com o mundo e com Deus.”(CELAM, 1987: p.108)



Tudo isso se dá através de um chamado mais particular, pelo qual se busca viver o Amor num grupo mais restrito como, por exemplo: casamento, família, celibato... Acontece também através de um chamado universal, pelo qual se busca viver numa dimensão mais ampla como, por exemplo, a vida religiosa e o sacerdócio.

Alguém vive a dimensão vocacional, quando se sente amado por Deus e quer passar essa experiência adiante a outras pessoas. Mas, como já colocamos, esta dimensão é um processo de esclarecimento, discernimento, amadurecimento, compromisso e engajamento para viver o Amor em comunidade; é um processo para realizar a missão de Construção do Reino mediante a transformação da sociedade, para ser justa, fraterna e igualitária.

SOCIEDADE, ESCOLA E IGREJA

Neste capítulo apresento a pesquisa realizada a partir do objeto central deste trabalho, que procura responder a pergunta: Por que a PJE não tem uma inserção real na sociedade, escola e igreja? Ouvindo assessores e militantes de vários lugares do Brasil, especialmente onde a Pastoral da Juventude Estudantil tem uma presença maior, procurei entender e analisar essa questão.

O campo de observação, dos entrevistados, ficou assim distribuído:

a) Distribuição por regiões:

Estados	N.º de entrevistados
Mato Grosso	1
Brasília	2
Minas Gerais	2
São Paulo	2
Rio de Janeiro	3
Paraná	5
Rio Grande do Sul	8
Total	23

b) Número de assessores e militantes:

Grupos	N.º de pessoas
Assessores	6
Militantes	17
Total	23

c) Distribuição por tempo de participação na PJE:

Tempo de participação	N.º de militantes
2 meses	1
6 meses	1
1 ano e meio	2
2 anos	2
2 anos e meio	5
3 anos	2
4 anos	2
5 anos	1
6 anos	1
Total	17

CAPÍTULO 3

RELAÇÃO DA PJE COM A **SOCIEDADE, ESCOLA E IGREJA**

Neste capítulo apresento a pesquisa realizada a partir do objeto central deste trabalho, que procura responder a pergunta: Por que a PJE não tem uma inserção real na sociedade, escola e Igreja? Ouvindo assessores e militantes de vários lugares do Brasil, especialmente onde a Pastoral da Juventude Estudantil tem uma presença maior, procurei entender e analisar essa questão.

O campo de observação, dos entrevistados, ficou assim distribuído: A SOCIEDADE?

a) Distribuição por regionais:

Estados	N.º de entrevistados
Mato Grosso	1
Brasília	2
Minas Gerais	2
São Paulo	2
Rio de Janeiro	3
Paraná	5
Rio Grande do Sul	8
Total	23

b) Número de assessores e militantes:

Grupos	N.º de pessoas
Assessores	6
Militantes	17
Total	23

c) Distribuição por tempo de participação na PJE:

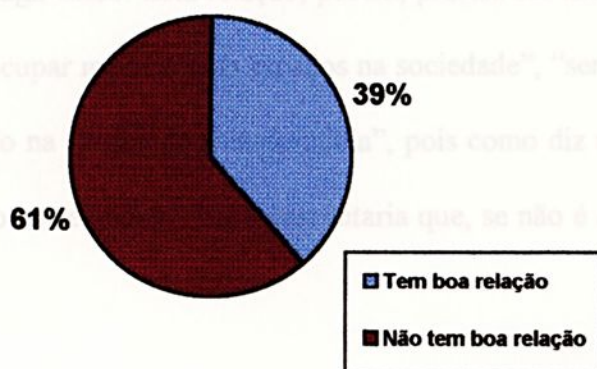
Tempo de participação	N.º de militantes
2 meses	1
6 meses	1
1 ano e meio	2
2 anos	2
2 anos e meio	5
3 anos	2
4 anos	2
5 anos	1
6 anos	1
Total	17

Tempo de participação	N.º de assessores
6 meses	1
1 ano	1
3 anos	2
4 anos	1
5 anos	1
Total	6

Levando em conta esse quadro relativo a quem participou e respondeu à entrevista, passo a analisar cada uma das dez questões.

1ª PERGUNTA: COMO VOCÊ VÊ A RELAÇÃO DA PJE COM A SOCIEDADE?

Relação PJE - Sociedade



Dentre as respostas dos 61% dos entrevistados, que admitem que a PJE não está em uma boa relação com a sociedade, podemos destacar as seguintes citações:

- “há pouco envolvimento com os problemas da sociedade”,

- “que deve participar e se dar mais a conhecer”,
- “deve se integrar a outros movimentos populares”,
- “é uma relação distante”, “fraca”, “pequena”, “incógnita e ausente”.

Pelo que se nota, a maioria percebe que a PJE precisa crescer e ampliar a sua relação com a sociedade, mostrando mais a sua dimensão política e social.

Já os 39% que colocaram que a PJE tem uma boa relação com a sociedade citaram que a PJE:

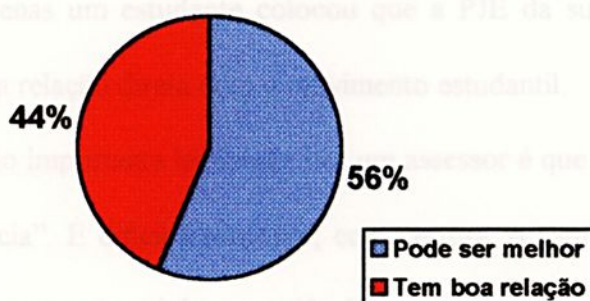
- “ajuda os jovens a ocupar os seus espaços na sociedade”,
- “mostra que ainda existem jovens conscientes e com bons valores”,
- “a partir da escola se abre para os problemas sociais”,
- “consegue fazer a relação igreja x política”,
- “está inserida na sociedade”,
- “ajuda e esclarece os jovens”,
- “desperta nos jovens a consciência de sociedade, ajudando-os a modificá-la”.

Outra idéia que podemos levantar, a partir das respostas dos entrevistados, é que a PJE precisa se “dar mais a conhecer” na sociedade. Vejo que essa questão é uma das explicações do porquê de a relação entre a PJE e sociedade não ir bem.

Sabemos que a PJE está inserida no contexto social e que influência na formação dos jovens. Ela não pode fugir disso. Esta relação, porém, precisa ser ampliada e aprofundada, deixar de ser apática, deve “ocupar mais os seus espaços na sociedade”, “ser mais ousada”, “ter posições mais críticas”, ajudando na “busca de transformá-la”, pois como diz um dos jovens, “a sociedade nos vê como um grupo só religioso”. Eu acrescentaria que, se não é conhecida, nem isso se pode dizer.

2ª PERGUNTA: COMO VOCÊ VÊ A RELAÇÃO DA PJE COM A ESCOLA?

Relação PJE - Escola



Esses 56% que colocaram que essa relação “pode ser melhor” citaram que:

- “deve lutar por uma melhor educação”,
- “deve envolver mais os estudantes”,
- “é o seu meio específico”,
- “é o espaço onde o jovem pode lutar por seus direitos”,
- “existe muita dificuldade” nessa relação,
- é “parcialmente passiva”,
- “deve ser mais efetiva”,
- “precisa agir mais”, pois “nem todos os jovens conhecem a PJE”.

Os outros entrevistados (44%) colocaram que existe relação entre PJE e escola, pois:

- “é o campo da PJE”,
- “seu meio específico”,
- “seu meio de atuação”,
- “participa da escola”,
- “desperta curiosidade nos estudantes”...

Duas respostas merecem atenção, pois colocam que “não há um envolvimento maior na vida efetiva da escola (discussão de currículos, planejamentos...)” e falta “articulação com os outros setores da escola”. Isso é importante, pois a PJE não vive só centrada nas suas reuniões ou

na sua sala de encontros. Para a PJE ter uma real atuação na escola, já que se quer lutar para transformar a educação desse país, deve estar participando e se envolvendo nas diversas instâncias da vida da escola, especialmente nos momentos e lugares onde são tomadas as decisões que afetam a todos. Apenas um estudante colocou que a PJE da sua escola “participa do Grêmio Estudantil e tem uma relação direta com o movimento estudantil.

Outra questão importante levantada por um assessor é que essa relação “muitas vezes é de conflito e dependência”. É difícil interpretar, com certeza, o significado que essa colocação tem para esse assessor, mas pela minha experiência e percepção, é de conflito quando participa e discute dentro da estrutura decisória tendo uma atuação crítica e é de dependência quando o grupo anda conforme quer o diretor e seus coordenadores, quando o grupo só enfeita a escola.

Uma resposta, vinda de um militante da PJE participante de um seminário nacional, merece destaque, pois diz “não conheço muito a realidade da escola, da educação e dos adolescentes de hoje”. Isso é sério na medida que mostra o total desinteresse e falta de consciência do seu meio e da sua própria realidade. Por onde tem andado esse estudante e o seu grupo?

• “busca a vivência da espiritualidade”,

• é a “atuação, o braço da Igreja na escola e na educação”

Com certeza muitos desses aspectos podem ser até questionados, pois não é só a PJE que

3ª PERGUNTA: COMO VOCÊ VÊ A RELAÇÃO DA PJE COM A IGREJA?

é “braço da Igreja na escola e na educação”. A presença da Igreja na escola vai muito além da

PJE. Claro que a PJE também tem a ver com a Igreja. A participação da PJE na Igreja

não pode ser só a representação litúrgica, nem só a organização de alguma missa ou

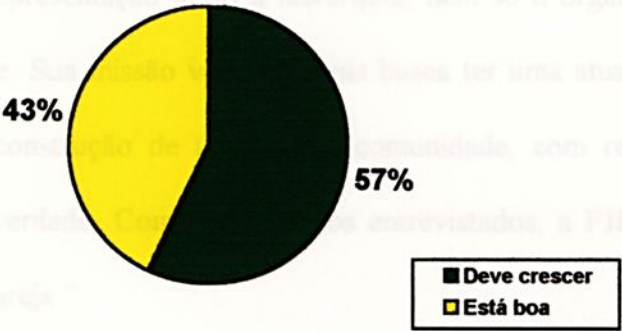
ajudando a catequese. Sua atuação deve ser mais ampla, deve ter uma atuação profética, ser realmente

uma “pastoral” no sentido de ser uma comunidade, com relações mais humanas, com

diálogo, respeito e verdade. Para os entrevistados, a PJE deve ter “uma relação de

participação com a Igreja”

Relação PJE - Igreja



Aqui 57% dos entrevistados colocaram que essa relação “deve crescer” e ser aprofundada.

Como nas citações destacadas a seguir:

- “cresce, mas com atropelos”,
- “precisa aprofundar a relação com outras pastorais e setores da Igreja”,
- “deveria ter um envolvimento maior”,
- “não tem ligação forte”,
- “é necessário estar mais inserida na Igreja”,
- “precisa ser presença evangélica”,
- “precisa ter uma linguagem comum e criar unidade”.

Já 43% ressaltam que existe uma boa relação e entrosamento com a Igreja e colocam que:

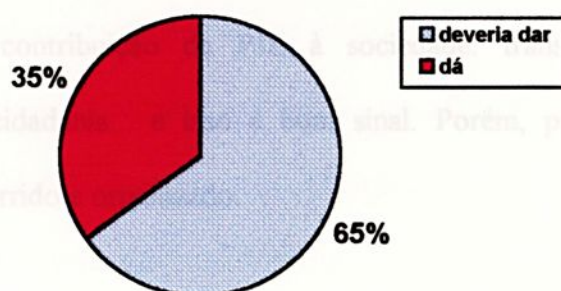
- “tem boa relação com a parte progressista da Igreja”,
- “é uma relação harmoniosa”,
- “ambas buscam construir o Reino de Deus”,
- “que ajuda na animação das comunidades”,
- “dá ânimo na caminhada”,
- “busca a vivência da espiritualidade”,
- é a “atuação, o braço da Igreja na escola e na educação”.

Com certeza muitos desses aspectos podem ser até questionados, pois não é só a PJE que é “braço da Igreja na escola e na educação”. A presença da Igreja na escola vai muito além da PJE. Claro que a PJE também tem esse desafio, mas não é só ela. A participação da PJE na Igreja não pode ser só a representação junto à hierarquia, nem só a organização de alguma missa ou ajudando a catequese. Sua missão vai além, pois busca ter uma atuação profética, ser realmente uma “pastoral” na construção de uma Igreja comunidade, com relações mais humanas, com diálogo, respeito e verdade. Como diz um dos entrevistados, a PJE deve ter “uma relação de participação com a Igreja.”



4ª PERGUNTA: QUAIS AS CONTRIBUIÇÕES QUE A PJE DÁ OU DEVERIA DAR À SOCIEDADE?

Contribuições da PJE à sociedade



Essa maioria dos entrevistados, 65%, colocou o que a PJE deveria dar, sugerem que a PJE deveria:

- “estar mais presente”,
- “mostrar a sua cara” na sociedade,
- “ajudar mais na conscientização dos jovens estudantes”,
- desenvolver o “senso e a consciência crítica” nos jovens,
- “auxiliar na construção de uma sociedade melhor”,
- “mostrar à sociedade quem a gente é”,
- “formar lideranças”,
- “deveria dar o exemplo à sociedade”,
- “deveria gerar o novo”...

Os outros 35% colocam contribuições que a PJE dá e acrescentam que a PJE:

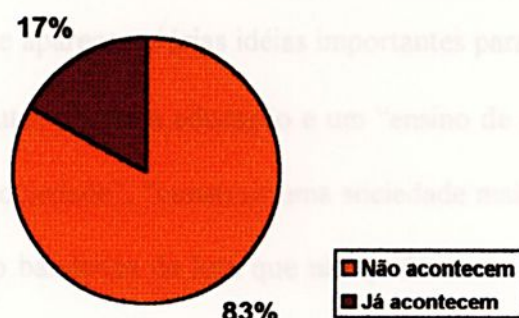
- “ajuda na “construção” e “transformação” de uma nova sociedade,
- “busca a formação de jovens cidadãos”,
- “forma para os valores humanos e cristãos, especialmente para a “justiça” e a “fraternidade”,
- “amplia a visão política e religiosa das pessoas”,
- “ajuda com a sua força jovem”...

É importante ressaltar que muitos entrevistados citaram uma ou mais das idéias anteriores, a maioria dos entrevistados colocou mais de uma contribuição e um dos estudantes não respondeu.

Aqui, nesta pergunta, podemos dizer que foram ressaltadas várias idéias importantes e chaves para uma real contribuição da PJE à sociedade: transformação, conscientização, participação, liberdade, cidadania... e isso é bom sinal. Porém, para “gerar o novo”, muito caminho precisa ser percorrido e organizado.

5ª PERGUNTA: QUAIS AS CONTRIBUIÇÕES QUE A PJE DÁ OU DEVERIA DAR A ESCOLA?

Contribuições da PJE à escola



Como podemos ver, pelo gráfico, 83% dos entrevistados colocam contribuições da PJE que ainda “não acontecem” na escola e citam por exemplo:

- “deveria participar mais diretamente da vida da escola”,
- “deve defender a educação brasileira”,
- “deve defender uma educação voltada para os valores cristãos”,
- “deve preparar mais líderes”,
- “levar mais os jovens à consciência de que podem ajudar a mudar a realidade atual”,
- “atuar mais na sala de aula”,
- “precisa ser mais conhecida”,
- “deve se manter ativa a favor da qualidade do ensino”...

Somente 17% colocaram contribuições e aspectos que já acontecem, que estão sendo praticados pela PJE na escola:

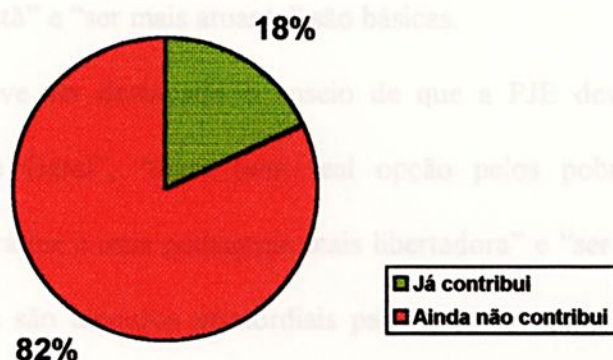
- “auxilia na maior integração dos estudantes e no bom ambiente da escola”,
- “ajuda na complementação da formação dos estudantes”,
- “prepara líderes para a escola e os prepara para a vida na sociedade”,
- “ajuda a abrir os olhos para a consciência crítica”, e
- “onde tem PJE a escola fica mais humana”.

A formação da liderança que “abre para a consciência crítica” e para a “cidadania” aparece com muito destaque nas respostas. Além disso, aparece a sugestão de que a PJE deve defender a “escola” e a “educação”, que os seus militantes “deveriam conhecer” e “participar mais da escola” são citadas em mais de 35% das respostas dos entrevistados.

Podemos dizer que aparecem várias idéias importantes para debate e análise da PJE e suas contribuições à escola. Lutar por uma educação e um “ensino de qualidade”, ajudar os jovens na luta para “transformar a sociedade”, “construir uma sociedade mais justa e igualitária” e “mudar a realidade que está aí” são bandeiras de luta que não podem ser esquecidas e sim cada vez mais assumidas.

6ª PERGUNTA: QUAIS AS CONTRIBUIÇÕES QUE A PJE DÁ OU DEVERIA DAR À IGREJA?

Contribuição da PJE à Igreja



Essa maioria de 82% ressaltou aspectos em que a PJE ainda não contribui com a Igreja. Os entrevistados colocam desafios e propostas para serem assumidos a partir de agora:

- “ajudar para que a Igreja seja mais aberta”,
- “auxiliar as pessoas a viverem a fé e a vida”,
- “fazer uma real opção pelos pobres”,
- “deve ser testemunho da vida que gera mudanças e que evangelize”,
- “deve levar a sua forma de celebrar a vida e a sua criatividade à Igreja”,
- “deve dar incentivo para quem está na caminhada”,
- “deve estar mais integrada”,
- “intensificar o trabalho de participação dos jovens na Igreja”,
- “ter uma prática e uma pedagogia mais libertadora”...

Os outros 18% apresentam que a PJE já contribui com a Igreja:

- “formação humana e cristã dos jovens e adolescentes”,
- “que tem como ponto forte a espiritualidade”,
- “é presença viva da Igreja no meio estudantil”
- e ajuda na “vivência entre fé e política”.

Falando dessa vivência, 22% colocam que a PJE ajuda ou deveria ajudar na “relação entre fé e política”, “oração e ação”, “fé e vida” e “fé e ação”. Também enfatizam que a PJE deveria fortalecer “a intermediação entre Igreja e jovens”, ser “presença viva da Igreja no meio estudantil” e ser sinal de uma “Igreja mais aberta”.

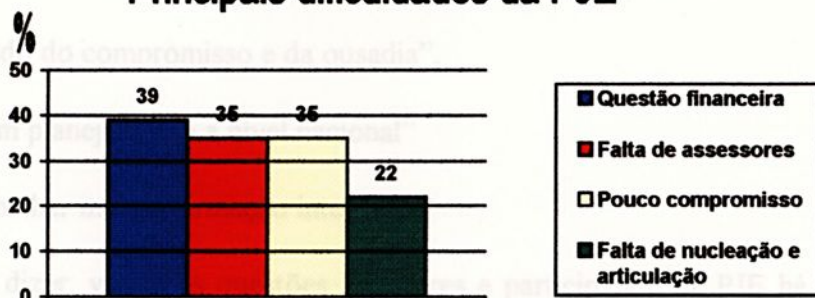
As idéias de que a PJE deve “evangelizar, testemunhando e vivenciando os valores cristãos”, deve inserir da Igreja “o seu jeito jovem de rezar e viver a espiritualidade”, “deve ser ativa, empolgante e cristã” e “ser mais atuante” são básicas.

Além disso, deve ser destacado o anseio de que a PJE deve “continuar articulada à Pastoral da Juventude Geral”, “fazer uma real opção pelos pobres”, “incentivar mais os militantes”, “ter uma prática e uma pedagogia mais libertadora” e “ser uma cara nova para atrair mais os jovens”. Esses são aspectos primordiais para uma retomada da relação da PJE com a Igreja Católica.



7ª PERGUNTA: QUAIS AS DIFICULDADES QUE A PJE APRESENTA HOJE NA SUA OPINIÃO?

Principais dificuldades da PJE



Aqui as respostas foram bastante diversas. A “dificuldade financeira”, com maior percentual, mostra que a PJE não foge da realidade da maioria do povo brasileiro e da situação de outros movimentos e associações populares.

A seguir, duas outras idéias foram citadas com um percentual alto: a “falta de assessores” e a necessidade de ter assessores com melhor “formação” e “capacitação” e também a necessidade dos jovens e “militantes assumirem compromissos na escola” e na “sociedade”.

A questão da “nucleação” e “articulação”, é vista como dificuldade que deve ser melhorada, especialmente entre os regionais com o nacional. Também mostra a necessidade de “fortalecer” e “formar novos núcleos”.

Outras dificuldades foram citadas com um menor percentual:

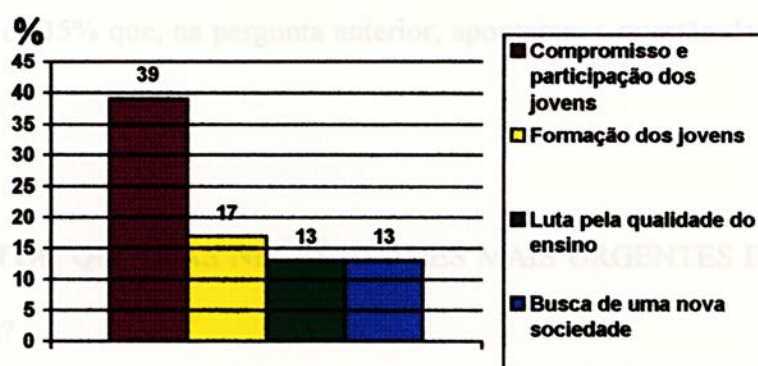
- “trabalhar mais em escolas públicas”,
- “a PJE ser mais conhecida”,
- “ter parcerias com outras pastorais, movimentos e instituições”,
- o “pouco tempo de militância”,
- o “que fazer com os militantes no final do ensino médio”,
- “de ser aceita” e de “ser mais atuante na escola”,
- “entender melhor os jovens e adolescentes de hoje”,
- “a PJE deve descobrir sua verdadeira identidade”,
- “fortalecer a experiência de grupo”,

- “a falta de espaço na sociedade”
- “a visão negativa que a sociedade tem da PJE”,
- a “rotatividade (falta de continuidade) dos jovens nos grupos”,
- “o medo do compromisso e da ousadia”,
- “ter um planejamento a nível nacional”
- e “trabalhar mais a formação integral”.

Podemos dizer, vendo as questões anteriores e participando da PJE há vários anos, que realmente a questão financeira, a falta e má formação de assessores, o pouco compromisso dos militantes e a necessidade de uma melhor articulação e nucleação são as principais dificuldades da PJE hoje.

8ª PERGUNTA: QUAIS OS AVANÇOS QUE A PJE APRESENTA HOJE NA SUA OPINIÃO?

Avanços da PJE



Nesse item, as respostas foram bastantes pulverizadas com poucas idéias se destacando, apesar de a idéia do “compromisso”, da “participação e da conscientização dos jovens na escola e na sociedade”, ter obtido maior destaque com 39% de citações.

Logo após apareceram as idéias da “formação dos jovens”, especialmente da “liderança” que a PJE tem com os seus militantes, a “luta pela qualidade” e pela “mudança do ensino no Brasil”, e o avanço no sentido da participação da PJE em “lutas sociais” e na “busca de uma sociedade igualitária”.

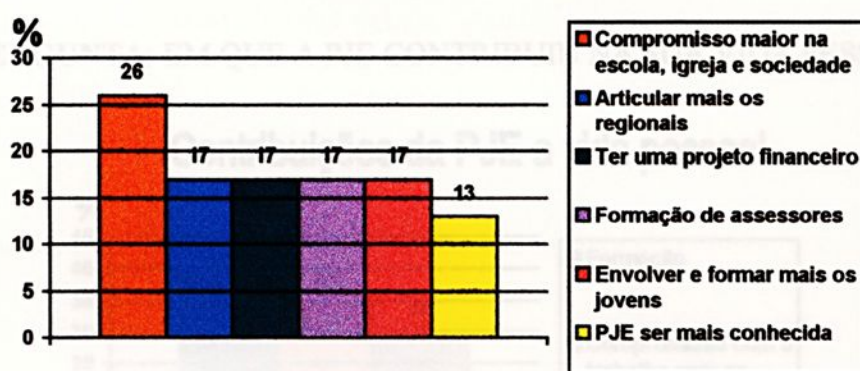
Além desses, outros avanços foram reconhecidos:

- a “amizade”, “união”, “compromisso” e “convivência” entre os seus membros,
- o “aumento do número de núcleos em alguns regionais”,
- a “clareza de objetivos de alguns grupos”,
- “a preocupação com a vivência da fé”,
- “os subsídios para a vida” dados aos jovens,
- “a melhora da articulação em alguns lugares”,
- “a força de vontade dos militantes e assessores”,
- o “apoio da AEC”,
- “a integração com a PJ Geral” e
- a “busca de encontrar o seu lugar no meio estudantil”.

Gostaria, por fim, de ressaltar a resposta dada por uma assessora que disse “que participa há pouco tempo e não sabe” quais os avanços da PJE. Isso é significativo, na medida que são os assessores que auxiliam os jovens, que ajudam a dar os parâmetros da caminhada da pastoral. Essa resposta só reforça os 35% que, na pergunta anterior, apontaram a questão da assessoria como a principal dificuldade.

9ª PERGUNTA: QUAIS AS NECESSIDADES MAIS URGENTES DA PJE PARA OS PRÓXIMOS ANOS?

Necessidades mais urgentes da PJE



Como em algumas questões anteriores, aqui também as respostas foram bastante pulverizadas. A ideia de que a PJE deve ter um maior compromisso na “comunidade, escola e

sociedade”, aparece com um percentual maior entre os entrevistados. É a necessidade de um compromisso “mais concreto” nessas instâncias.

Após, como vemos, aparecem quatro necessidades com o mesmo percentual. São elas: “articular mais os regionais” especialmente o “norte e o nordeste”, ter um “projeto financeiro” que dê sustentação aos trabalhos, “fortalecer a formação dos assessores”, “envolver mais os jovens estudantes” e “formar melhor os jovens”.

A outra idéia que destacamos no gráfico é que a PJE “deve ser mais conhecida”, deve “divulgar suas propostas” e deve “assumir mais o movimento estudantil”.

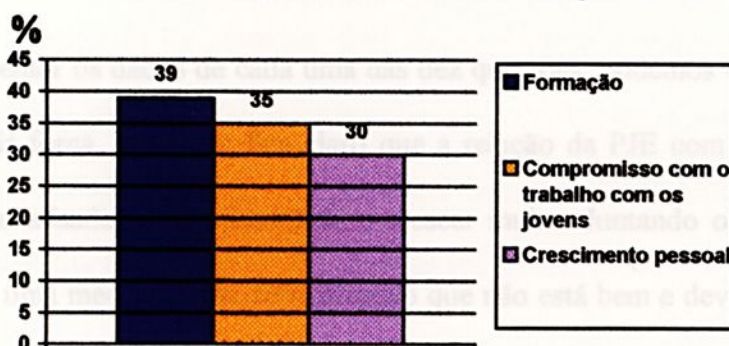
Outras necessidades foram, ainda, citadas:

- que a PJE deve “participar do partidos políticos”,
- trabalhar na “formação de novos grupos (nucleação)”,
- que o trabalho na PJE “deve ser feito gratuitamente”,
- “assumir um projeto de missão”,
- “crescer na questão da afetividade e da espiritualidade”,
- “ter melhores recursos humanos”,
- “saber e conhecer o que o jovem de hoje quer” e
- “preparar-se para o novo milênio”.

Vendo todas as necessidades citadas, logo podemos perceber uma íntima relação com as dificuldades e os limites que a PJE possui hoje.

10ª PERGUNTA: EM QUE A PJE CONTRIBUIU NA SUA VIDA PESSOAL?

Contribuições da PJE a vida pessoal



A “formação humana e cristã” e a “formação integral” que a PJE lhes proporcionou apareceram como as mais citadas pelos entrevistados. Logo após está a contribuição da PJE na ajuda aos militantes e assessores para “entender e se comprometer mais com o trabalho com os jovens”, especialmente o trabalho com os estudantes.

Outro aspecto bastante citado que destacamos é o auxílio que a PJE dá no “crescimento pessoal”, na descoberta e no desenvolvimento de sua “identidade” (Um dos jovens disse: “ajudou-me a ser mais eu”).

Além dessas três idéias, outras foram citadas e aparecem nas respostas dos entrevistados com um percentual menor. São elas:

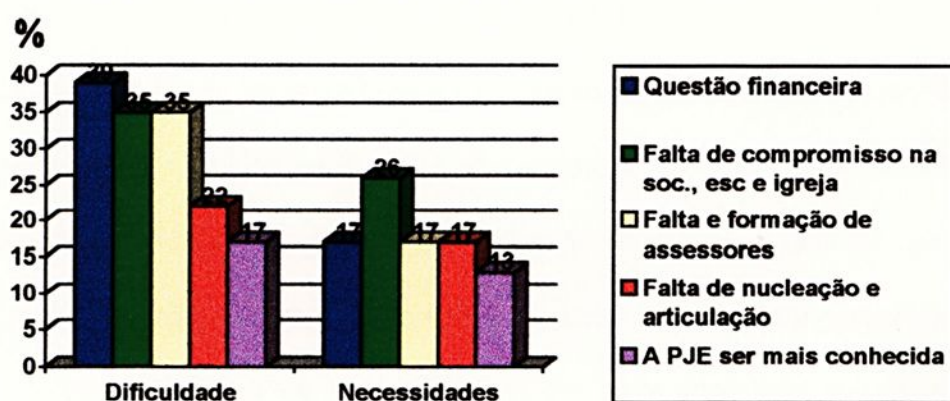
- a contribuição no “aumento das amizades”,
- o auxílio em “ser uma pessoa com consciência crítica”,
- ajudou a “entender e conhece melhor a realidade que nos cerca” (um deles completa dizendo que começou a “entender o mundo com fé e política”),
- ajudou no “crescimento como cristão”, na “espiritualidade” e na “mística”,
- trouxe “alegria de viver” e um “viver melhor”,
- “a PJE ajudou a me desinstalar”,
- “preencheu um grande vazio que eu tinha”,
- “completou aquilo que a sala de aula não me deu”,
- “me ajudou a ser mais solidário e a melhorar a qualidade do ensino” e
- “me ajudou a passar de uma pessoa ‘pacata’ para uma pessoa ‘ativa’ na escola e na sociedade”.

Após apresentar os dados de cada uma das dez questões, podemos ver que algumas idéias aparecem com mais força. Primeiro, fica claro que a relação da PJE com a sociedade, escola e Igreja precisa ser analisada em profundidade e crescer muito. Juntando os percentuais das três relações e fazendo uma média, ficaria 58% dizendo que não está bem e deve melhorar e 42% que já está bem.



Segundo, se olharmos para as contribuições da PJE à sociedade, escola e Igreja e se também fizéssemos uma média, este percentual de insatisfação cresce. Teremos uma média de 77% com o que a PJE deveria contribuir (quer dizer que ainda não o faz) e apenas uma média de 23% com o que a PJE já está contribuindo. Esta situação reforça a discussão em torno do objeto dessa dissertação de ver o porquê de a PJE não ter uma real atuação e participação nessas três instâncias: sociedade, escola e Igreja.

Terceiro, algumas das hipóteses levantadas no início deste trabalho, que seriam explicações do porquê dessa falta de atuação da PJE na sociedade, escola e Igreja, aparecem com clareza quando olhamos as principais dificuldades e as necessidades mais urgentes que ela possui hoje. Somente as idéias do “trabalho maior em escolas públicas” e as “parcerias com outros movimentos” não se repetem.



Pelo gráfico acima podemos ver que a questão financeira, a falta de um compromisso maior e mais concreto na sociedade, escola e Igreja, a falta de assessores e a sua formação, a falta de nucleação e articulação e, a necessidade de a PJE ser mais conhecida se repetem nas respostas dessas duas perguntas.

Quarto, a formação de assessores e militantes é também uma idéia muito ressaltada nas respostas às várias perguntas da pesquisa. Essa formação está presente nas contribuições que deveria dar, dificuldades, necessidades, contribuições para a vida pessoal e até nos avanços.

Quinto, uma outra conclusão que podemos tirar é que, olhando todas as perguntas, nenhuma idéia respondida teve a maioria ou teve um percentual superior a 50%. Isso mostra que, apesar de ter algumas idéias fortes que perpassam várias perguntas, no geral, as respostas foram

bastante pulverizadas, mostrando a falta de certos parâmetros e de uma identidade clara da PJE. Parece que cada um olha somente para si e para a sua realidade. Falta “articulação” entre as diversas experiências vividas pela PJE no Brasil.

Por fim, gostaria de ressaltar uma idéia importante e presente em algumas respostas e que é sinal de crescimento, de ponto de partida para um novo retomar da PJE. É a idéia da amizade, da convivência, da união dos seus membros, apesar das distâncias e dos poucos encontros. Como alguns disseram, a PJE “deu alegria de viver” e isso é imprescindível para quem quer uma nova sociedade, escola e igreja.

Após a apresentação e a análise dos resultados da pesquisa e da discussão técnica, podemos estabelecer algumas conclusões em função do objetivo proposto nesta dissertação.

O eixo central desse trabalho foi ver por que a PJE não tem uma participação mais ativa na sociedade, escola e igreja, salientando qual é o impacto da PJE nessas três áreas. Constatou-se, a partir da pesquisa, que a PJE necessita aprofundar e discutir questões que são fundamentais para que haja participação real nessas instâncias. A questão financeira, a falta de compromisso na sociedade, escola e igreja, a falta de assessores e aqueles não tão bem preparados, a falta de articulação e comunicação, além da necessidade de ser mais conhecida são desafios urgentes apontados pelos entrevistados.

Além disso, outras necessidades da PJE foram levantadas: clarear e dar a conhecer a sua identidade, formar melhor os jovens, crescer nas dimensões afetiva e espiritual, ouvir e conhecer sempre mais o jovem de hoje e preparar-se para os desafios do novo milênio.

A partir dessas constatações, podemos nos perguntar: Será, então, que a PJE é viável e necessária hoje?

O passado de envolvimento com a juventude, especialmente com o exemplo da JEC e da JUC e a formação pela PI de inúmeras lideranças no cenário nacional, os quais buscam a construção de um mundo melhor para todos, credenciam esse trabalho. Somente a própria PJE, com seus militantes e assessores, podem, porém, responder com propriedade a essa pergunta. São

CONCLUSÃO

Após a apresentação e a análise dos resultados da pesquisa e da discussão teórica, podemos estabelecer algumas conclusões em função do objetivo proposto nesta dissertação.

O objeto central desse trabalho foi ver por que a PJE não tem uma participação mais ativa na sociedade, escola e Igreja, salientando qual é o impacto da PJE nessas três áreas. Constata-se, a partir da pesquisa, que a PJE necessita aprofundar e discutir questões que são fundamentais para que haja participação real nessas instâncias. A questão financeira, a falta de compromisso na sociedade, escola e Igreja, a falta de assessores e aqueles não tão bem preparados, a falta de nucleação e articulação, além da necessidade de ser mais conhecida são desafios urgentes apontados pelos entrevistados.

Além disso, outras necessidades da PJE foram levantadas: clarear e dar a conhecer a sua identidade, formar melhor os jovens, crescer nas dimensões afetiva e espiritual, ouvir e conhecer sempre mais o jovem de hoje e preparar-se para os desafios do novo milênio.

A partir dessas constatações, podemos nos perguntar: Será, então, que a PJE é viável e necessária hoje?

O passado de envolvimento com a juventude, especialmente com o exemplo da JEC e da JUC e a formação pela PJ de inúmeras lideranças no cenário nacional, os quais buscam a construção de um mundo melhor para todos, credenciam esse trabalho. Somente a própria PJE, com seus militantes e assessores, podem, porém, responder com propriedade a essa pergunta. São



eles que vão torná-la viável e necessária, atraindo e comprometendo outros jovens. Vendo o histórico da Pastoral da Juventude Estudantil e os avanços e contribuições citados nas perguntas oito e dez da pesquisa pelos entrevistados, podemos dizer que a PJE já tem a base para assumir e enfrentar o desafio de se tornar eficiente e eficaz na vida dos jovens estudantes.

Como já vimos anteriormente, no Brasil estamos sendo pressionados por duas éticas antagônicas: a do capitalismo neoliberal, competitivo, que tem como centro a obtenção do lucro e vantagens e a ética da solidariedade, inspirada pelas religiões e pelos grupos e movimentos voltados à questão social.

É preciso compreender, hoje, a dinâmica cultural dos jovens e discernir quais os valores da sociedade atual que podem e devem ser acolhidos. A emergência da subjetividade, com sua ênfase nas relações pessoais e afetivas, a descoberta mais livre do corpo e da sexualidade, o misticismo, a defesa da natureza são exemplos de aspectos dessa cultura que as pastorais precisam valorizar e acolher. Como nos diz Ilda Righi Damke, *“nós, educadores, precisamos ainda ter muita solidariedade na busca e na produção de conhecimento, mas, sobretudo, ter coragem para nos inserirmos na realidade concreta, visando transformá-la.”* (DAMKE. 1994: p. 141)

Hoje, usando a teoria de Thomas Kuhn (1922-1996), há uma crise de paradigmas nas mais diversas áreas as quais se tornaram totalmente incapazes de solucionar questões emergentes na realidade atual. Cláudio de Oliveira Ribeiro diz que *“as crises social e teórica, com as quais os educadores e a comunidade política e científica em geral se depararam, não podem gerar imobilismo. Ao contrário, novos paradigmas para conhecimento e intervenção na realidade necessitam ser forjados. É fato que isto requer um longo processo de maturação e articulação de esforços interdisciplinares, ao lado de uma boa dose de desprendimento e abertura ao novo, nem sempre comum ou facilmente realizável.”* (RIBEIRO. 1996: p.15) Nesse sentido, constata-se que alguns jovens e assessores estão um tanto acomodados, não acreditando na proposta e força que a PJE pode ter hoje.

A nova postura requer que a PJE busque, através de sua atuação, a construção da solidariedade e da responsabilidade social, somando esforços com outros setores da Igreja e da



sociedade para a reflexão sobre projetos localizados ou nacionais e seu acompanhamento, a produção de conhecimento, o fortalecimento da sociedade civil e a recriação do cotidiano.

Cabe às pastorais fornecer instrumentos, materiais, estímulos para esse novo tipo de construção, dialogando com liberdade, ajudando os jovens a fazerem perguntas a si mesmos para que sejam sujeitos da própria história, em vez de darem respostas prontas.

Gramsci coloca bem esse desafio que deve ser vivido hoje pela PJE: *“Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas ‘originais’, significa também, e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, socializá-las por assim dizer, transformá-las, portanto, em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral.”*(GRAMSCI. 1978: p.185)

Não podemos simplesmente pregar uma cultura ou perspectiva de resistência que não nos levem longe. Para construir novas formas sociais democráticas *“é preciso que os sujeitos sociais coletivos (classes, movimentos sociais, pastorais...) tenham a capacidade efetiva de ampliar a esfera pública e de ter acesso e manejo do fundo público.”*(FRIGOTTO. 1996: p.207.) Por isso é importante entendermos que o neoliberalismo, com seu programa em prol do mercado, é incapaz de, democraticamente, atender os principais direitos de que a população necessita – educação, saúde, habitação e emprego. O desmonte do Estado social, nestas áreas, significa o desmonte de direitos adquiridos pelos trabalhadores.

Como vimos na pesquisa, a PJE não tem definido um compromisso claro na sociedade, escola e Igreja. Para que isso aconteça, é necessário que ela se posicione, mesmo convivendo com diferentes opiniões e conflitos e busque encontrar soluções para os problemas fundamentais dos jovens de hoje. Um grafito em Buenos Aires dizia: *“O Futuro já não é o que era!”* É preciso reinventar o futuro, a utopia, ressignificar, acreditar, dar pistas... dar esperança. É necessário dar condições para que os jovens de hoje possam elaborar seu próprio sistema de crenças/valores, pois o jovem dificilmente consegue isso sem pontos de referência. Embora a PJE procure dar essa referência através da vivência de grupo e através da pessoa do assessor, a arma maior que as pastorais possuem continua sendo o Evangelho. Nele está é o ponto de referência de vida que os



jovens estão procurando e o desafio da PJE, então, é apresentar a mensagem claramente, a partir da cultura fruitiva que o jovem vive hoje. É necessário testemunhar e passar, com criatividade e credibilidade, esses valores.

Jorge Boran (1994: p.171-175) sugere várias pistas para que a atuação das pastorais nos próximos anos possa ser mais viável:

- Eliminar reducionismos e cultivar a autocrítica, buscar a formação integral do jovem estudante.
- Conciliar os valores pessoais que os jovens possuem com os valores coletivos.
- Valorizar a experiência mais que o discurso. O jovem hoje quer experimentar as coisas mais do que ouvir muita teoria.
- É preciso ser competente no que se faz e se organiza. É preciso garantir boa preparação e qualidade em tudo o que se faz.
- Valorizar o subjetivo através da afetividade, da amizade, dos símbolos, sem esquecer o racional, pois, sem essa dimensão, não há consciência crítica e clareza de objetivos.
- Levar em conta, na metodologia de atuação, as diferenças regionais, as diversas realidades e o nível de escolaridade dos jovens.
- Reconhecer a busca do sagrado também fora da Igreja.
- Enriquecer e ampliar a vivência dos jovens engajados através da música, do movimento, da dança, da cor, do espaço celebrativo...
- Aproveitar a metodologia dos encontros, informais ou não, para melhor articulação dos grupos.
- Dialogar e somar com os movimentos de encontro, ONGs, sindicatos, movimentos populares, partidos... Aceitar o pluralismo na ação pastoral.

A essas pistas, Boran acrescenta outros dois desafios: a necessidade de ligar a análise sócio-econômica com a análise cultural para fortalecer a pastoral libertadora e a luta pela justiça e pela valorização da vida. Hoje, para conseguir engajar os jovens para a construção de uma nova



sociedade, é melhor, por exemplo, partir da questão da valorização da vida, que é algo mais próximo e sensível a eles.

A atuação da PJE, a partir do anúncio e do testemunho dos valores humanos e cristãos, deve ser o ponto de apoio para a caminhada dos próximos anos. Nunca foi tão importante ter esses valores claros e buscar que sejam claros aos outros. É necessário difundir esse referencial.

Nesta altura do trabalho, quero deixar claro o sentido do termo “conclusão”. Ainda que para muitos possa significar um fechamento, não no sentido de um apoteótico final, eu a tomo como uma interrupção da dinâmica do trabalho. Claro que os trabalhos dessa natureza não podem ficar vagando sem saber o que querem e a que pretendem chegar. É preciso afunilar as idéias, “amarrar as pontas” e, além disso, propiciar continuidade, lançar novos desafios e possibilidades de novos caminhos. É importante valorizar os estudos anteriores de outros autores sobre os quais construímos nossos conhecimentos e que a partir daí, propiciar outros desafios a novos pesquisadores. É “aberta” a conclusão que quero deixar para que outros aprofundem o tema aqui trabalhado. Os aspectos aqui levantados podem e devem gerar novas pesquisas e estudos como, por exemplo:

- A questão da democracia interna das pastorais católicas.
- Formação para a cidadania e para a pastoral.
- Formação e acompanhamento de assessores e militantes.
- O papel do leigo na pastoral.
- A vivência das dimensões da formação integral.
- A relação PJE x hierarquia da Igreja Católica.
- Diferenças e semelhanças entre Ação Católica e PJE.
- Adolescência e PJE.
- E outros mais...

Importa, pois, concluir com Anthony Giddens: *“Uma ética de uma sociedade pós-tradicional globalizante implica o reconhecimento da santidade da vida humana e o direito universal à felicidade e à auto-realização - ligado à obrigação de promover a solidariedade*

cosmopolita e a uma postura de respeito perante ações e seres não-humanos, atuais e futuros. Longe de vermos o desaparecimento de valores universais, talvez esta seja a primeira vez na história da humanidade que esses valores apresentam um verdadeiro ponto de apoio.”
(GIDDENS. 1996: p.281.)

Por isso é preciso que a PJE se anime, acredite mais em si e na sua proposta e vá em direção ao futuro com a certeza de que, no presente, muita vida pode gerar.

- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
- ABRAMO, Helena. *Expressões de vida. Revista Mundo Jovem*, Porto Alegre, p.3, out. 1996.
 - ALTOE, Adailton. *Elementos para o marco Referencial da PJ do Brasil*. São Paulo, Ed. CCI, 1994.
 - ANTONIAZZI, Alberto. *Evolução dos leigos no Brasil a partir do Vaticano II*. Brasília, Instituto Nacional de Pastoral, 1986.
 - ARANZADI, Dionísio & GINER, Carlos. *Uma escola social*. São Paulo, Ed. Loyola, 1962.
 - ARNS, D. Paulo F. *O que é Igreja?* São Paulo, 1981.
 - BETIATO, Mário A. *Da Ação Católica à Pastoral da Juventude*. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1985.
 - BETTO, Frei. Neoliberalismo - a nova face do capitalismo. *Revista da AEB*, nº93, p. 19, 1996.
 - BIHLMEYER. *História da Igreja*. Vol. III, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1980.
 - BOFF, Clodovis e outros. *Como entender a conjuntura atual*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1996.
 - BORAN, Jorge & DICK, Isidoro. *A Pastoral da Juventude no Brasil*. São Paulo, Ed. Loyola, 1983.
 - BORAN, Jorge. *Juventude, o grande desafio*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1985.
 - _____. *O futuro tem nome: juventude*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1994.
 - _____. *In PJ do Brasil. Como trabalhar com iniciantes. Caderno nº 4*, São Paulo, Ed. CCI, 1990.
 - CACERES, Florival. *História do Brasil*. São Paulo, Ed. Moderna, 1995.
 - CATÃO, Francisco. *Ética e Religião*. São Paulo, Revista Diálogo, Ed. Paulinas, nº 4, p.14, out. 1996.
 - CELAM. *Pastoral da Juventude, sin a civilização do amor*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1987.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena. Expressões de vida. *Revista Mundo Jovem*, Porto Alegre, p.3, out.1996.
- ALTOÉ, Adailton. *Elementos para o marco Referencial da PJ do Brasil*. São Paulo, ED. CCJ, 1994.
- ANTONIAZZI, Alberto. *Evolução dos leigos no Brasil a partir do Vaticano II*. Brasília, Instituto Nacional de Pastoral, 1986.
- ARANZADI, Dionísio & GINER, Carlos. *Uma escola social*. São Paulo, Ed. Loyola, 1962.
- ARNS, D. Paulo E. *O que é Igreja?* São Paulo, 1981.
- BETIATO, Mário A. *Da Ação Católica à Pastoral da Juventude*. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1985.
- BETTO, Frei. Neoliberalismo - a nova face do capitalismo. *Revista da AEC*, nº98, p. 19, 1996.
- BIHLMEYER. *História da Igreja*. Vol. III, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1980.
- BOFF, Clodovis e outros. *Como entender a conjuntura atual*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1996.
- BORAN, Jorge & DICK, Hilário. *A Pastoral da Juventude no Brasil*. São Paulo, Ed. Loyola, 1983.
- BORAN, Jorge. *Juventude, o grande desafio*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1985.
- _____. *O futuro tem nome: juventude*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1994.
- _____. In PJ do Brasil. *Como trabalhar com iniciantes*. Caderno nº 4, São Paulo, Ed. CCJ, 1990.
- CÁCERES, Florival. *História do Brasil*. São Paulo, Ed. Moderna, 1995.
- CATÃO, Francisco. *Ética e Religião*. São Paulo, Revista Diálogo, Ed. Paulinas, n.º 4, p.16, out. 1996.
- CELAM. *Pastoral da Juventude, sim a civilização do amor*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1987.



- _____. *Documento de Puebla*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1980.
- _____. *Documento de Santo Domingo*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1993.
- _____. *Documento de Medellin*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1968.
- _____. *Conclusões do 1º Encontro Latino-Americano da Pastoral de Adolescentes*. São Paulo, mar. 1996.
- _____. *Conclusões do 7º Encontro Latino-Americano de responsáveis da P.J.* Quito - Equador, out. 1989.
- CNBB. Estudos n.º 41 - *Para uma Pastoral da Educação*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1986.
- _____. Documentos n.º 47 - *Educação, Igreja e Sociedade*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1992.
- _____. *Texto base da Campanha da Fraternidade*. São Paulo, Ed. Salesiana, 1992.
- _____. Estudos n.º 44 - *Pastoral da Juventude no Brasil*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1986.
- COPOLLA, Sílvia. Escola lugar de reflexão. São Paulo, *Revista Diálogo*, Ed. Paulinas, n.º 4, p. 51, out. 1996.
- COSTA, Célia. Neoliberalismo, cidadania e qualidade da educação. *Revista da AEC*, Brasília, n.º 100, p. 112, 1996.
- CUSTÓDIO, Sérgio. Editoria de Opinião. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 02 jan. 1997.
- DAMKE, Ilda Righi. Cidadania e Educação Libertadora. *Revista da AEC*, Brasília, n.º 92, p. 141, 1994.
- Diário de Marília. Editoria. Marília-SP, 23 mar. 1997, p. 17-A.
- DICK, Hilário. *JEC no Brasil*. São Paulo, Ed. CCJ, 1992.
- _____. *O divino nos jovens*. Porto Alegre, Ed. Evangraf, 1997.
- _____. *A Galera Estudantil*. Porto Alegre, Ed. Evangraf, 1993.
- DOBB, Maurice. *A evolução do Capitalismo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- DUSSEL, Enrique. *História da Igreja*. Porto Alegre, Ed. IPJ, 1984.
- _____. *Filosofia da Libertação*. São Paulo, Ed. Loyola e Unimep, 1977.
- FONTANELLE, Monsenhor Renato. *Pio XI*. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1941.
- FREIRE, Paulo. In Luiz Gonzaga Gonçalves. Presença da escola. Brasília, *Revista da AEC* n.º 102, p. 95, 1997.



- FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e a crise do capitalismo real*. São Paulo, Ed. Cortez, 1996.
- GADOTTI, Moacir. *Educação e Poder*. São Paulo, Cortez, 1980.
- GANDIN, Luís Armando. Construção do conhecimento e visão de mundo. *Revista da AEC* n.º 102, p.36, 1997.
- GIDDENS, Anthony. *Para além da esquerda e da direita*. São Paulo, Ed. Unesp, 1996.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- _____. *Maquiavel, política e o Estado Moderno*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1978.
- GROOME, Thomas H. *Educação Religiosa Cristã*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1985.
- HOBSBAWN, Eric. *Da evolução Industrial Inglesa ao Imperialismo*. Rio de Janeiro, Ed. Forence-Universitária, 1983.
- IBGE. *Revista Mundo Jovem*, Porto Alegre, n.º 8, p. 21, out, 1995.
- JEC. *Conclusões do Primeiro Encontro Nacional*. 1957.
- LARA, Tiago Adão. Visões de mundo. *Revista da AEC*, Brasília, n.º 98, p.30, 1996.
- LE BOTERT, Guy. Pesquisa Participante: propostas e reflexões metodológicas. In *Repensando a Pesquisa Participante*. Carlos R. Brandão, São Paulo, 1987.
- LIBÂNIO, João B. *Educação Católica*. São Paulo, Ed. Loyola, 1983.
- LIBÂNIO, João Batista. O perfil religioso do jovem de hoje. *Revista Diálogo*, São Paulo, Ed. Paulinas, n.º 2, p.16-18, 1996.
- LUCKESI, Cipriano C. *Filosofia da Educação*. São Paulo, Ed. Cortez, 1994.
- MARRACH, Sônia. *Conciliação, Neoliberalismo e Educação*. São Paulo, Fundação UNESP e Anna Blume, 1996.
- MARX, K. & ENGELS, F. *Manifesto Comunista - 1948*. Lisboa, Ed. Teorema, 1977.
- MEC. *Revista Mundo Jovem*, Porto Alegre, n.º 8, p.21, out, 1995.
- MELO, Zuleide Faria de. *A falácia do discurso neoliberal*. *Revista da AEC*, n.º 100, p.21, 1996.
- ORLANDO, Florisvaldo. *Processo Grupal*. Porto Alegre, Curso de Assessores - IPJ, 1990.
- MOL, Joaquim. *Individualismo Cultural e Vivência da Fé Cristã*. Tese não publicada, 1993.
- PASSOS, Luiz. Duelo de Durango Kid contra o "coisa ruim". *Revista da AEC*, n.º 100, p.39 1996.



- PASTORAL DA JUVENTUDE SALESIANA. *Itinerário Educativo da Pastoral da Juventude*. Texto não publicado. São Paulo, 1992.
- PIERDONÁ, Enedina e outros. *História da Pastoral da Juventude do Brasil*. Porto Alegre, IPJ, 1990.
- PILETTI, Nelson. *História do Brasil*. São Paulo, Ed. Ática, 1996.
- PJ DO BRASIL. *Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil*. São Paulo, Ed. Paulus, 1998.
- _____. *Documento Brasileiro em preparação ao Congresso Latino-Americano de jovens da PJ*, Brasília, 1991.
- _____. *Conclusões da 10ª Assembléia Nacional*, Brasília, 1991.
- _____. *Elementos para o Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil*. São Paulo, Ed. CCJ, 1994.
- PJE DO BRASIL. *Luta e Gana*. São Paulo, Ed. CCJ, 1992.
- _____. *Marco Referencial - Quem somos? A que viemos?* São Paulo, Ed. CCJ, 1994.
- _____. *Encarte do Jornal da PJE*, n.º 5, p.2-3, out. 1997.
- _____. *Cadernos Primeiros Passos*. São Paulo, Ed. CCJ, nº 2, 1991.
- SILVA, Tomaz Tadeu. *Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1994.
- SNYDERS, Georges. *Para onde vão as pedagogias não-diretivas*. Lisboa, Moraes Editora, 1978.
- SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. *JUC, os estudantes católicos e a política*. Petrópolis – RJ, Ed. Vozes, 1984.
- _____. de. *Evolução política dos católicos e da Igreja do Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1979.
- RIBEIRO, Cláudio. Por uma consciência ética na sociedade. São Paulo, *Revista Diálogo*, Ed. Paulinas, nº 4, p.15, 1996.
- ROSSETTI, Fernando. Caderno Cotidiano, *Folha de São Paulo*, São Paulo, 30 dez. 1996.
- TOMMASI, Livia de e outros. *O Banco Mundial e as Políticas Educacionais*. São Paulo, Cortez Editora, PUC-SP e Ação Educativa, 1996.
- WANDERLEY, Luiz Eduardo W. *Educar para transformar*. Petrópolis – RJ, Ed. Vozes, 1984.



ANEXO 1

O CONTEXTO DA PJE - PESQUISA

Nome: Idade:

Município: Estado:

Assessor () Militante () Tempo que participa na PJE:

OBJETIVOS:

- Conhecer como os militantes e assessores vêem o contexto e as diversas relações da PJE.
- Identificar os limites, os avanços e as necessidades atuais da PJE.
- Perceber quais são as contribuições da PJE na realidade atual, a nível pessoal e social.

RESPONDA AO QUE SE SEGUE:

1 - COMO VOCÊ VÊ A RELAÇÃO DA PJE COM A SOCIEDADE?

2 - COMO VOCÊ VÊ A RELAÇÃO DA PJE COM A ESCOLA?

3 - COMO VOCÊ VÊ A RELAÇÃO DA PJE COM A IGREJA?

4 - QUAIS AS CONTRIBUIÇÕES QUE A PJE DÁ OU DEVERIA DAR À SOCIEDADE?

5 - QUAIS AS CONTRIBUIÇÕES QUE A PJE DÁ OU DEVERIA DAR À ESCOLA?

6 - QUAIS AS CONTRIBUIÇÕES QUE A PJE DÁ OU DEVERIA DAR À IGREJA?

7 - QUAIS AS DIFICULDADES QUE A PJE APRESENTA HOJE NA SUA OPINIÃO?

8 - QUAIS OS AVANÇOS QUE A PJE APRESENTA HOJE NA SUA OPINIÃO?

9 - QUAIS AS NECESSIDADES MAIS URGENTES DA PJE PARA OS PRÓXIMOS ANOS?

10 - EM QUE A PJE CONTRIBUIU NA SUA VIDA PESSOAL?



ANEXO 2

RESPOSTAS DOS ENTREVISTADOS

Obs.: Os primeiros itens de cada pergunta, que estão em *itálico*, são respostas dadas pelos assessores entrevistados e, o restante, são respostas dos militantes.

1ª PERGUNTA ⇒ COMO VOCÊ VÊ A RELAÇÃO DA PJE COM A SOCIEDADE?

- *Ajuda e esclarece os jovens na sociedade, desperta neles a consciência de sociedade ajudando-os a modifica-la.*
- *Há pouco envolvimento com os problemas da sociedade, exceto alguns trabalhos assistencialistas.*
- *Precisa se dar mais a conhecer, vender o seu peixe, ser mais ousada. Colocar a sua proposta de maneira mais forte, desafiar a sociedade.*
- *De maneira geral é uma relação distante. A PJE é pouco conhecida, ela participa só de algumas atividades.*
- *A PJE está inserida na sociedade. É um pacto entre jovens e adultos, sendo os jovens os protagonistas.*
- *Existe uma grande relação, pois a PJE deve mostrar a real sociedade que vivemos e buscar transformá-la.*
- *É difícil conciliar religião e política hoje.*
- *É muito pequena, está restrita a escola.*
- *Deve buscar um espaço maior para que as reivindicações e as suas lutas sejam mais ouvidas.*
- *A PJE está crescendo cada vez mais, está mostrando o seu lugar na sociedade, assumindo com responsabilidade e coragem o trabalho na comunidade.*
- *Está ligada a sociedade, o que aprendemos na PJE são fatos que devemos praticar na sociedade, para acabar com a “barbárie”.*
- *Não está muito aceita na sociedade, mas deve participar e se dar a conhecer. É uma relação de luta para transformá-la.*
- *O jovem da PJE se destaca dos outros jovens por suas posições mais críticas, sendo protagonistas. Consegue fazer a relação “igreja x política”.*
- *É um pouco fraca.*
- *Não é muito boa, a sociedade nos vê como um grupo só religioso.*
- *Está pouco articulada e poucos jovens participam.*
- *Deve procurar transformá-la, forma os jovens e a partir da escola se abre para os problemas sociais.*
- *Nos envolvemos mais na escola do que na sociedade.*
- *Tem pouca atuação.*
- *A PJE mostra a sociedade que ainda existem jovens conscientes e com bons valores.*
- *É uma relação de transformação, onde os jovens vão crescendo e ocupando os seus espaços na sociedade.*
- *Um pouco incógnita e ausente.*
- *Precisamos nos tornar mais conhecidos e nos integrar a outros movimentos populares.*



2ª PERGUNTA ⇒ COMO VOCÊ VÊ A RELAÇÃO DA PJE COM A ESCOLA?

- *É um meio da PJE atuar na sociedade.*
- *Contribui para o crescimento da escola através do testemunho e ação.*
- *Vem crescendo a consciência do papel da PJE na escola. Muitas vezes é uma relação de conflito e de dependência.*
- *Uma instituição que investe na PJE passa a ter uma cara nova, mais autêntica e verdadeira. Onde existe a PJE tem um papel importante na escola.*
- *A PJE quer ser uma presença importante na escola, mas não há um envolvimento maior na vida efetiva da escola (discussão de currículos, planejamentos...).*
- *A escola é o campo da PJE, deve ter uma relação direta que atinja o maior número de alunos possível e desenvolva valores humanos e evangélicos.*
- *É uma relação parcialmente passiva.*
- *Dentro do possível participa da escola (onde existem grupos) desenvolvendo valores e mostrando a sua cara. Participa de datas importantes: dia do estudante, do secundarista...*
- *A PJE é um espaço na escola onde o jovem pode lutar por seus direitos e ajudando a melhoria da escola.*
- *Está começando a aparecer no meio estudantil.*
- *Possui uma relação direta, mas deve ser mais efetiva.*
- *A escola é o meio privilegiado de atuação da PJE, por isso deve envolver mais os estudantes despertando a consciência crítica.*
- *Há muita alienação nas escolas e por isso a PJE tem muito o que fazer.*
- *É muito boa, pois os outros estudantes estão curiosos com o nosso trabalho.*
- *É boa, é a sua área específica.*
- *É o seu meio específico, seu meio de atuação. Deve-se lutar por uma educação melhor para o Brasil.*
- *Existe muita dificuldade nesse sentido, falta espaço, articulação com os outros setores da escola e não possui uma atuação na formação dos outros estudantes.*
- *Existe uma grande relação entre elas, é o seu meio específico.*
- *Na nossa escola (Passo Fundo) a PJE tem boa relação, participa do Grêmio Estudantil e de datas festivas do colégio.*
- *A PJE é formada nesse meio, mas nem todos os jovens conhecem a PJE.*
- *Tem relação e alguma discussão sobre escola/educação, mas pouco agir.*
- *É importante na formação do caráter dos jovens.*
- *Não conheço muito a realidade da escola/educação e dos adolescentes de hoje.*

3ª PERGUNTA ⇒ COMO VOCÊ VÊ A RELAÇÃO DA PJE COM A IGREJA?

- *A PJE faz parte da Igreja, mas precisam ter uma linguagem comum e criar mais unidade.*
- *Tem uma relação harmoniosa com a Igreja. Não precisa estar dentro do templo, mas sim ser presença evangélica na escola.*
- *É bonita a relação com a igreja, aos poucos a PJE vai ajudando os jovens serem sujeitos da própria história.*
- *Possui alguns avanços, há uma relação de participação com a igreja, mas deve avançar mais.*
- *A PJE ajuda na formação da igreja organizada e comprometida. É um braço da igreja na escola e educação.*
- *A igreja é um dos lugares de atuação dos jovens da PJE.*
- *É indispensável, pois o jovem é a semente do futuro.*
- *A PJE tem uma relação com a parte progressista da igreja.*
- *É a atuação da igreja na escola.*
- *Tem uma grande relação com a igreja é aí que busca a vivência da espiritualidade.*



- É necessário estar mais inserida na igreja, especialmente com os setores mais proféticos.
- Está restrita, muitos grupos não possuem participação nas paróquias e comunidades.
- Não pode esquecer que é uma “pastoral”, deve crescer nessa atuação.
- Não se tem uma ligação forte, mas estamos tentando crescer.
- É boa e pode ser melhor.
- É boa, encontramos ânimo na caminhada.
- Relaciona-se diretamente, pois ambas buscam construir o “Reino”. A PJE ajuda na animação de algumas comunidades.
- Possui uma relação direta, as vezes grupos esquecem o seu lado igreja.
- A PJE é ignorada pelos conservadores e apoiada pelos progressistas.
- Deve ser aprofundada, sendo pastores da sua palavra na escola.
- Acho a PJE meio afastada da igreja, mesmo tendo espiritualidade está longe das comunidades. Deveria ter um envolvimento maior.
- Está em fase de crescimento, mas ainda com atropelos.
- Precisa aprofundar a relação com as outras pastorais e setores da igreja.

4ª PERGUNTA ⇒ QUAIS AS CONTRUIÇÕES QUE A PJE DÁ OU DEVERIA DAR À SOCIEDADE?

- *Ajuda a conscientizar os jovens do seu papel de cidadão e construtor direto de sua história.*
- *Forma cidadãos conscientes e comprometidos e deveriam gerar o NOVO que queremos.*
- *Auxilia na discussão dos problemas da sociedade como um todo e com a comunidade e em alguns lugares trabalha sugestões concretas para a solução dos problemas.*
- *Estar mais presente , mostrar a sua cara.*
- *Dá maior conscientização aos jovens na construção de uma sociedade mais justa e a PJE deveria estar mais envolvida aos problemas enfrentados pela sociedade.*
- *Deveria ser um espaço para despertar para a cidadania, ser um local de reflexão e busca de alternativas e uma experiência de vivência de grupo.*
- *Deveria inserir-se na sociedade e auxiliar na construção de uma sociedade melhor.*
- *Contribui para a conscientização dos jovens, mostrar a realidade dos fatos e o contexto social que vivemos.*
- *Deveria auxiliar os jovens críticos, cidadãos e comprometidos na busca de melhores condições sociais.*
- *Deveria lutar e conscientizar os jovens estudantes de sua cidadania e liberdade a partir do exemplo de Jesus Cristo.*
- *A PJE tem uma dimensão política e contribui à sociedade desenvolvendo o senso crítico e a participação dos jovens.*
- *Formar lideranças que atuem na sociedade visando a justiça, a fraternidade e a construção do Reino de Deus sendo cidadãos comprometidos com a realidade.*
- *Estar mais presente e ajudar a melhorar as condições de vida do povo.*
- *A PJE entrega a sociedade pessoas com fé e conhecimento político.*
- *Deveria dar uma abertura de olhos com uma consciência crítica para uma mudança imediata.*
- *Deveria dar exemplo, ser diferente e mostrar a sociedade quem a gente é.*
- *Auxilia na transformação da sociedade.*
- *Contribui para a conscientização das pessoas para que construam uma sociedade justa e fraterna.*
- *.....*
- *Ajuda com suas idéias justas e humanas e com sua força jovem.*
- *Deveria participar das discussões sociais e suas transformações.*



- Amplia a visão política e religiosa das pessoas.
- Deveria ter uma formação mais aprofundada e que leve em conta a realidade dos jovens e da sociedade de hoje.

5ª PERGUNTA ⇒ QUAIS AS CONTRIBUIÇÕES DA PJE DÁ OU DEVERIA DAR À ESCOLA?

- *Auxilia na maior integração dos estudantes e no bom ambiente da escola.*
- *Ajuda na complementação da formação dos estudantes, mas deveria participar mais diretamente da vida da escola.*
- *Precisa participar mais das escolas.*
- *Deve defender a educação brasileira, lutar contra a exclusão escolar e pela qualidade do ensino.*
- *Deve defender a escola e tudo aquilo que forma a escola.*
- *Defender uma educação voltada para os valores cristãos e que leve a construção de uma sociedade justa e igualitária.*
- Auxiliar os jovens na formação e para que assumam responsabilidade na escola.
- Integrar-se com outros grupos e defender a escola.
- Lutar por uma melhor qualidade do ensino no Brasil.
- Preparar líderes dentro da escola e os prepara para a vida na sociedade.
- Deve auxiliar para que os jovens tenha um melhor aproveitamento e participação na educação e escola.
- Atuar na sala de aula, escola e no sistema de ensino, para formar cidadão conscientes, críticos e participativos.
- Levar o jovem a consciência de que ele pode ajudar a mudar a realidade que esta aí.
- Ajuda a abrir os olhos para a consciência crítica para mudanças imediatas.
- Onde tem PJE a escola fica mais humana.
- Precisa ser mais conhecida.
- Deve procurar transformar a educação, contribuindo para que ela seja mais acessível, humana e de qualidade, conscientizando e mobilizando os estudantes.
- Deve participar e atuar mais firmemente em escolhas e decisões da escola.
- Conscientizar os jovens estudantes para a transformação da sociedade.
- A educação é nossa bandeira de luta. Devemos contribuir para ter uma educação de qualidade que conscientize os jovens.
- Ajuda na conscientização dos jovens e na formação de liderança.
- Deve se manter ativa a favor da qualidade de ensino.
- Deve-se conhecer bem a realidade da escola e da educação no Brasil.

6ª PERGUNTA ⇒ QUAIS AS CONTRIBUIÇÕES QUE A PJE DÁ OU DEVERIA DAR À IGREJA?

- *Ajudar para que a Igreja seja mais aberta ao jovem de hoje e todas as suas questões.*
- *A PJE deve testemunhar a ressurreição e a vida e auxiliar as demais pessoas a viverem a fé e a vida.*
- *Fazer uma real opção pelos pobres.*
- *Deve continua articulada com a PJ geral, pois dá firmeza na caminhada.*
- *A PJE é a presença viva da Igreja no meio estudantil, contribuindo para a formação humana e cristã dos jovens.*
- *Deve levar a sua forma jovem de celebrar a vida e a sua criatividade as demais pessoas e especialmente a igreja, fazendo a intermediação entre Igreja e jovens.*
- A PJE deve se mostrar ativa, viva, empolgante e cristã.
- Deveria contribuir mais com a evangelização.
- Deve ser testemunha da vida que gera mudanças e que evangelize.



- Renovar a nossa fé e mostrar que a igreja não é só oração, mas também ação.
- Deveria contribuir com o testemunho e com a vivência como cristãos e se colocar na igreja como pastoral atuante.
- Inserir na igreja o seu jeito jovem de rezar e de viver a espiritualidade, ser uma cara nova para chamar mais os jovens.
- Dar incentivo para quem está na caminhada.
- Contribui com a igreja na formação de jovens e adolescentes.
- Não há muita integração, deve ser aprimorado este aspecto.
- Deve mostrar aos jovens que a igreja não precisa ser fechada dentro de si, deve ser aberta com uma estrutura mais participativa.
- Esta relação deveria fazer com que os jovens se sentissem bem, vivendo a sua religiosidade.
- A PJE mostra que existe uma relação entre fé e política, o que nem sempre a igreja faz.
- A PJE tem como ponto forte a espiritualidade e deve continuar assim.
- Essa relação deve levar a evangelização, colocando em prática os ensinamentos de Jesus Cristo no dia a dia.
- Deve mesclar a vivência da fé com a ação.
- Intensificar o trabalho e a participação dos jovens na Igreja.
- Ter uma prática e uma pedagogia mais libertadora.

7ª PERGUNTA ⇒ QUAIS AS DIFICULDADES QUE A PJE APRESENTA HOJE NA SUA OPINIÃO?

- *Descobrir a sua verdadeira identidade e ser uma presença forte na escola. Fortalecer a experiência de grupo para ter uma melhor militância.*
- *Faltam assessores mais capacitados, uma maior articulação, falta nucleação em vários regionais e falta um maior compromisso com a educação brasileira.*
- *Não sei quais são as principais dificuldades.*
- *Assessoria, financeiro, falta de aceitação da igreja e da escola.*
- *Atingir mais a escola pública, fazer a juventude assumir compromissos e melhorar a articulação entre escola x igreja.*
- *Falta de assessores, falta de verbas, falta de aceitação e receptividade das escolas.*
- A falta de material humano para agilizar o processo.
- Falta de integração com outros movimentos populares.
- Falta de espaço na sociedade e falta de participação dos militantes nas decisões da sociedade.
- A maior dificuldade é a falta de assessores e também a questão financeira e entender os adolescentes de hoje.
- Envolver mais jovens nesse processo da PJE.
- A articulação e a questão financeira.
- A má aceitação da sociedade do “novo” que a PJE representa.
- A falta de apoio de outras instituições para criar uma força única.
- A visão negativa que a sociedade tem da PJE.
- A falta de dinheiro.
- A questão financeira e o que fazer com o pessoal militante que conclui o 2º grau.
- A rotatividade dos jovens no grupo (falta de continuidade) e falta de esclarecer a proposta da PJE a mais jovens.
- O medo de compromisso e de ousadia, PJE não ser conhecida e o curto tempo de militância na PJE.
- Questão financeira, jovens que realmente assumam a PJE e ter mais núcleos nas escolas estaduais.
- A questão financeira e a falta de assessores.
- A falta de conhecer a força que a PJE tem e os jovens vestirem a camisa.



- Formação de assessores, ter um planejamento a nível nacional, trabalhar com mais profundidade a formação integral, atingir mais as escolas públicas, articular mais os regionais (especialmente o nordeste e norte), trabalhar mais e melhor a nucleação, trabalhar os militantes que concluem o 2º grau e ter parcerias com outras pastorais, movimentos e instituições.

8ª PERGUNTA ⇒ QUAIS OS AVANÇOS QUE A PJE APRESENTA HOJE NA SUA OPINIÃO:

- *O seu dinamismo e a sua proposta.*
- *O compromisso pessoal despertado nos jovens, auxílio na melhoria da qualidade do ensino e grupos que buscam uma sociedade igualitária.*
- *Maior participação de jovens nos últimos tempos, núcleos surgindo e alguns regionais se organizando.*
- *(participa a pouco tempo... não sabe).*
- *A integração das diversas realidades do Brasil nos encontros, a presença evangélica nas escolas e a clareza na metodologia e identidade.*
- *A busca de encontrar o seu lugar no meio estudantil e é uma pastoral mais consciente, não de massa.*
- *O trabalho de conscientização na sociedade e a vontade de mudar.*
- *A luta pela conscientização, o companheirismo e a formação de líderes.*
- *Grupos com objetivos claros, luta pela qualidade de ensino e compromisso pessoal de muitos militantes.*
- *A formação de líderes para renovar e mudar o ensino.*
- *É um lugar de convivência, amizade, conhecimento e formação.*
- *A integração com a Pastoral da Juventude em geral.*
- *A força de vontade.*
- *É a união dos participantes da PJE.*
- *O apoio da AEC em alguns estados.*
- *A melhora da articulação em alguns lugares.*
- *A formação dos jovens.*
- *O modo de evangelizar e de dar subsídios para a vida aos jovens.*
- *É o assumir da caminhada dos próprios jovens.*
- *A boa vontade e a participação dos jovens, que estão clareando os seus objetivos.*
- *A participação em algumas lutas sociais.*
- *(participa a pouco tempo e não sabe...)*
- *O crescimento em número de núcleos, a preocupação com a vivência da fé e a formação de assessores.*

9ª PERGUNTA ⇒ QUAIS AS NECESSIDADES MAIS URGENTES DA PJE PARA OS PRÓXIMOS ANOS?

- *Criar experiências individuais e grupais fortes, atrair mais jovens e ser um ponto de referência para os estudantes na escola.*
- *Priorizar a articulação (especialmente no nordeste e norte), assumir com mais vigor a luta por uma melhor educação e ter um projeto claro de formação de assessores.*
- *Assumir de maneira mais concreta os movimentos estudantis e participar dos partidos políticos.*
- *Assumir um projeto de missão e um financeiro e crescer na questão da afetividade e da espiritualidade.*
- *Ter melhores recursos humanos, ter tempo para trabalhar gratuitamente e saber e conhecer o que o jovem de hoje quer.*
- *Se expandir mais, se tornar mais conhecida.*



- Ter mais jovens participando e articular grupos e regionais.
- A integração com o movimento estudantil.
-
- Ter um projeto financeiro.
- Atingir e evangelizar um número maior de jovens, desenvolvendo a consciência crítica.
- Atingir e mobilizar mais jovens e dar-se mais a conhecer na escola e sociedade.
- Organizar mais ações na sociedade.
- Articular os regionais.
- Ter uma formação mais aprofundada.
- Assumir o movimento estudantil e a participação nos partidos políticos.
- A formação de assessores, ter um plano de ação mais concreto que tire os jovens da sua passividade e lutar mais pela educação.
- Fortalecer a formação de assessores e a caminhada de atuação da PJE na sociedade e educação.
- Preparar-se para o novo milênio, tentando mudar o sistema de ensino.
- Ter recursos financeiros, que as pessoas tenham tempo para trabalhar gratuitamente e formar jovens mais atuantes e com objetivos claros.
- Divulgar mais a PJE, formar novos grupos e fazer um projeto financeiro.
- Fazer política sem ser político.
- Articular regionais, formar assessores e ter um compromisso mais concreto na comunidade, escolas e sociedade.

10ª PERGUNTA ⇒ EM QUE A PJE CONTRIBUIU NA SUA VIDA PESSOAL?

- *Ajudou a entender melhor a sociedade e os seus problemas.*
- *Deu segurança para trabalhar e entender mais os jovens estudantes.*
- *A ter paixão pelo trabalho com a juventude, ajudou a formar a minha identidade e conhecer a real missão dos jovens.*
- *Ajuda a trabalhar melhor com os jovens e com o movimento estudantil.*
- *Ajudou na formação humana e cristã, ser uma pessoa crítica e consciente, enfim ajudou a ser mais eu.*
- *Ajudou a me desinstalar, me comprometer com os estudantes e sua realidade e também na formação pessoal.*
- *Abriu a cabeça, ampliou os horizontes e os compromissos e coragem de ser eu mesmo.*
- *Cresci como pessoa, melhorei minha convivência, conheci mais a realidade que me cerca e vi o mundo com outros olhos.*
- *Cresci no meu lado místico e cultural, na minha formação como adolescente e em assumir um trabalho com outros jovens.*
- *A PJE me faz viver cada vez melhor.*
- *Ela me cativou, aumentou minhas amizades, melhorou a minha visão de mundo e fortaleceu a minha formação integral.*
- *Abriu uma nova visão de mundo, preencheu um grande vazio que tinha e ajudou na minha formação: humana, social, política...*
- *Formação, alegria, amizade, opinião própria...*
- *Comecei a entender o mundo com fé e política.*
- *Em todos os aspectos: político, cultural, humano, social...*
- *Aumentou muito a minha consciência crítica.*
- *Na minha formação integral, completou aquilo que a sala de aula não me deu: consciência crítica, espiritualidade, compromisso... formação para a vida.*
- *Ao entrar para a PJE passei de uma pessoa "pacata" para uma pessoa "ativa" na escola e na sociedade.*
- *Aprendei a me relacionar melhor, novas amizades e me ajudou a crescer como pessoa.*



- A ser mais solidário e melhorar a qualidade do ensino.
- Na reestruturação da mística da minha caminhada.
- Novos amigos e aumento na minha religiosidade.
- Cresci como homem, cristão, cidadão e militante.





unesp